João Gabriel Baptista

ETNO-HISTÓRIA INDÍGENA PIAUIENSE

2ª edição

TERESINA
2009

Digitalizado com CamScanner

Coleção Grandes Textos - vol. 2

© João Gabriel Baptista - 2009

Supervisão editorial
Cineas Santos

Capa
Antônio Amaral

Diagramação e Revisão
Rosa Pereira

Impressão
Halley S.A. Gráfica e Editora

Todos os direitos reservados. De acordo com a lei n.º 9.610, de 19/02/01998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma ou por meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do autor e do editor.

Ficha Catalográfica

B222e Baptista, João Gabriel, 1920 –
Etno-história indígena piauiense./João Gabriel Baptista. – 2 ed. – Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.
164 p. – (Coleção Grandes Textos vol. 2)

1. Literatura brasileira - contos. 2. Literatura piauiense - I. Fontes Ibiapina. II. Título. III. Coleção.

CDD - 981.22

Índice para Catálogo Sistemático

1. Índios piauienses - história	301.298.22
2. Piauí - história	981.22

Direitos desta edição reservados pela APL - Av. Miguel Rosa, 3300, Centro; FUNDAC - Praça Marechal Deodoro, 816 - Centro, Teresina - Piauí Telefone: (86) 3223-8060; e DETRAN - Av. Industrial Gil Martins 2000 - Taboleta - Teresina - Piauí Telefone: (86) 3216-2800

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

DIRETORIA
Biênio 2008/2009

Presidente
MANFREDI MENDES DE CERQUEIRA

Vice-Presidente
FIDES ANGÉLICA DE CASTRO VELOSO MENDES OMMATI

Secretário Geral
HUMBERTO SOARES GUIMARÃES

1º Secretário
REGINALDO MIRANDA DA SILVA

2º Secretário
OTON MÁRIO JOSÉ LUSTOSA TORRES

Tesoureiro
FRANCISCO HARDI FILHO

Digitalizado com CamScanner

UMA RAÇA EXTINTA

(Prefácio da 2ª edição - 1994)

João Gabriel Baptista, professor universitário, geógrafo, membro da Academia Piauiense de Letras, é um estudioso de nossos problemas históricos e geográficos, tendo já publicado inúmeras obras que retratam, sob enfoque científico, a realidade social e humana piauiense. Sua bibliografia é assim das mais ricas e compreende basicamente: *Nascente de um rio* (1971), *Resumo geográfico do estado do Piauí* (1971), *Geografia física do Piauí* (1975), 2ª edição em 1981. *A origem do rio Parnaíba* (1987), *Mapas Geo-históricos* (1987) e *Geografia física do Piauí* - 1º volume (1989), 2º volume (1990) - 3ª edição.

No presente livro o autor se ocupa mais detidamente de um assunto que os nossos historiadores têm abordado apenas superficialmente, como de resto ocorre com a história oficial ao retratar o indígena brasileiro.

Em *Etno-história indígena piauiense* é feito um retrato minucioso, ano a ano, século a século, do que foi o chamado processo civilizatório piauiense e de como operaram nossos colonizadores, na obra sistemática e impressionante do massacre de uma raça e extinção de uma cultura, citando-lhes os nomes de batismo e as ações execrandas.

Digitalizado com CamScanner

Nem Pizarro, talvez, no México, tenha empreendido tamanha guerra de extermínio contra um povo indefeso, de sorte que de sua memória restasse apenas uma vaga notícia que os cronistas do tempo registram em seus anais, de maneira fria e impessoal e os poetas, como H. Dobal, exaltam de forma comovente: "Os corpos no campo/ Para o pasto das feras./ Passados à espada! Acaroazes/ Pimenteiras/ Gueguezes/ raça extinta /lembrança extinta! nomes, nações/ apagados/ no próprio sangue./ Matador de índios/ A fama de seu nome/ a fúria de seu nome/ Sua memória em sangue/ se repete. (Cf. "El Matador". *Antologia Provisória* - Corisco/ Academia Piauiense de Letras/ Projeto Petrônio Portella, s/data, p. 45).

Ficam assim o Piauí e o seu povo a dever ao professor João Gabriel Baptista o resgate da memória dessa raça extinta e o relato frio e contundente de um dos episódios mais dramáticos da história colonial de nosso país.

A Academia Piauiense de Letras mais uma vez se associa à Universidade Federal do Piauí na coedição de uma obra das mais significativas para a história piauiense.

Manoel Paulo Nunes
Presidente da Academia Piauiense de Letras

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
OPINIÕES	13
A BASE	25
Origens	27
Classificações	32
Habitat	35
O APOIO	41
História	43
Sinopse histórica	48
Encarte cronológico	51
Encarte onomástico	81
Encarte corográfico	107
O ÍNDIO	115
Etnias	117
Nações	120
Tribos	135
Distribuição	157
Tradição oral	157
Herança	158
BIBLIOGRAFIA	161

Digitalizado com CamScanner

APRESENTAÇÃO

O estudo geral da antropologia brasileira "deverá abordar: a) o estudo do índio, suas características físicas e culturais, classificações linguísticas, distribuição geográfica, aculturação; b) o negro, grupos étnicos entrados no Brasil, de acordo com as suas procedências africanas, características físicas e culturais, sobrevivências culturais no Brasil e demais problemas correlatos de aculturação; c) o europeu, grupos étnicos e linguísticos, culturais; d) outros grupos; e) o processo geral de assimilação e de aculturação." (RAMOS, 1951).

Em particular e em relação aos habitantes antigos do Brasil, diz Pinto (1935): "Os indígenas do Brasil e de suas regiões confinantes estão definidos em inúmeros grupos linguísticos, a que, em alguns casos, correspondem regiões culturais homogêneas."

Segundo dados oficiais da FUNAI, provavelmente o único Estado brasileiro que não possui índios é o Piauí. Melatti (1970) acha que eles também não existem no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Espírito Santo, Rio de Janeiro e, óbvio, no Piauí.

A população indígena brasileira, em opiniões diversas, era de três a dez milhões de indivíduos em 1500.

Digitalizado com CamScanner

Em 1920, estava reduzida a um milhão e duzentos mil. Hoje, por fatores variados e conhecidos, é de apenas 250.000 pessoas, distribuídas em 145 comunidades dos grupos raciais dos tupis, jês e aruaques (Melatti relaciona 136 tribos, apenas). Alguns autores acham exagerado este cálculo (em 1959, Ribeiro dizia serem apenas 100.000 indivíduos).

"Na história do Brasil, cada período de crescimento da economia brasileira e de ocupação do território se fez à custa de muitas mortes de índios e da tomada de suas terras. Nos séculos seguintes, os vários ciclos da economia brasileira os destruíram: o açúcar no Nordeste e o ouro e o gado em Minas Gerais fizeram com que fossem expulsos de suas terras, escravizados e perseguidos pelos bandeirantes. No século XIX e no começo do nosso, foram os ciclos do café no sul e o da borracha na Amazônia que mais contribuíram para este verdadeiro extermínio" (PORTELA & MINDLIN, 1989).

O objetivo deste estudo é o índio piauiense ou o dos selvagens que viveram, passaram, sofreram e morreram na região do Nordeste brasileiro que é o Piauí.

OPINIÕES

"Os portugueses são geralmente considerados junto aos holandeses os piores colonizadores, tendo aplicado uma política de sistemática curatização dos países dominantes, inviabilizando o seu presente e criando dificuldades para o futuro."

(Celso Brandt - *Os índios* e a *bíblia*, 1991, p. 103)

"A escravidão não deveria ter sido admitida em nenhuma época e não pode ser justificada por qualquer argumento pelo simples fato de que é um atentado contra a natureza humana em si mesma indomável e libertária."

(Celso Brandt - *Os índios* e a *bíblia*, 1991, p. 103)

"A título de conquistar o sertão efetuavam-se derrames pela mata e as hordas, na avidez espantosa do ouro, embrenhavam-se praticando as maiores depredações."

(M. Guimarães - *O Piauí no centenário de sua independência*. 1923, vol. III, p. 16)

Digitalizado com CamScanner

"Não souberam, porém, os colonos manter amizade com os índios. Ao contrário, à medida que se iam tornando mais numerosos, procuraram escravizar os naturais, abusando atrozmente de sua superioridade em armas e ardis. Este mesmo abuso se verificava em quase toda a parte onde o aventureiro ia usurpando as terras do pobre selvagem. Não há notícia que esses tivessem a princípio lutado."

(José Dias. *O Piauí no centenário de sua independência.* 1923, vol. IV, p. 219)

"Essas tribos ocupavam o na época denominado Sertão das Rodelas. Tenazes na defesa de suas terras foram afastados após sucessivas investidas que se prolongaram por muitos anos e finalmente reduzidos para Goiás".

(Correntino Paranaguá - *Terra de um paladino,* 1980, p. 41)

"Na repressão ao bárbaro, ao índio de corso, contava-se com o auxílio prestimoso dos silvícolas aldeados. O português sempre atirara contra o tapuia, o índio manso".

(M. Gayoso e Almendra - *O vale do rio Parnaíba,* 1952, p. 409)

No início [...] "o índio ainda considera o luso digno hóspede, não distingue raças européias, não arrostou a invasão".

(M. Gayoso e Almendra - *O vale do rio Parnaíba.* p. 407)

"Os índios piauienses foram vítimas de tenaz perseguição, podendo-se afirmar que na segunda metade do século passado estavam praticamente exterminados."

(José Camillo Filho - *Pequena história do Piauí,* 1986, p. 10)

"Em 1846 registrou-se o último movimento de rebeldia dos índios do Piauí, novamente em Paranaguá, sem maior repercussão. Tinham acabado com os índios piauienses".

(José Camillo Filho - *Pequena história do Piauí,* p. 13)

"Infelizmente entre os brasileiros está arraigado o conceito de que o índio é um indolente. Não é verdade. Devemos lembrar que nosso ritmo de vida é o que o preconceitua. Vivemos em culturas diferentes. Embora o homem civilizado tenha despojado o indígena de suas terras, assimilou uma série de seus traços culturais. O milho, a mandioca, a rede e o fumo são alguns dos exemplos".

(Alceu Maynard Araújo - *Brasil, história, costumes e lendas* - s/data, p. 21)

"Nosso índio foi a grande vítima do civilizado. O branco tomou-lhe as terras para povoá-las a seu modo. Escravizou-o, no princípio. Cometeu contra ele graves injustiças, que o fizeram levantar-se em armas, em grandes federações tribais ofensivas e também defensivas. Tremendas represálias se praticaram, então, de ambos os lados. Afinal o índio capitulou. Tinha que ser. Foi assim em toda parte. A diferença de cultura e a inferioridade de armas conspiraram contra eles".

(Pe. Joaquim Chaves - *O Índio no solo piauiense,* p. 30)

"Aqui os europeus se divertiam em andarem à caça dos gentios, como à caça das feras, pelos matos".

(Critillo - *Cartas chilenas* - X - séc. XVIII)

Digitalizado com CamScanner

"Como todos os povos que atingiram um alto nível de civilização, eles não usavam trabalhar. Já que não lhes apetecia comprar nem vender, qualquer trabalho resultava-lhe supérfluo, e os índios desprezavam o supérfluo".

(Murilo Mendes - *Poliedro*, 1975)

"Os índios fascinam a gente porque são anteriores ao tempo".

(Antonio Callado - *Quarup*, 1971)

"[...] os índios eram bichos do mato, que se podia escravizar quando apanhados no campo de batalha, e que se podia matar quando pilhados roubando o gado das fazendas. Eles foram as pobres vítimas de um choque de culturas".

(Pe. Joaquim chaves - *O índio no solo piauiense*, 1953, p. 22)

"O internamento do mameluco (Jorge Velho) pelas matas, arrasando tabas, provinha da negrura de seus instintos, com dupla consecução, preava as índias para o exercício de suas torpezas e os índios para o grangeio de seus interesses".

(Gayoso e Almendra - *O feudo da casa da torre no Piauí*, 1953, p. 12)

"O único índio bom é um índio morto."

(Philip Hehry – general americano (1831/1888 – citado por Ronai em 1995)

"A terra não pertence ao homem; o homem é que pertence à terra".

(Um cacique, 1885 – citado pelo Pe. Toni Batista, em *Sinal de Deus*, a 09.01.1993)

"E isto não bastou para o branco, toda a terra, montanhas, lagos e peixes, e casa. Ele teve de fazer escravos dos índios e matá-los, quando quiseram conservar a terra que Nosso Senhor deu a eles".

(Taylor Cadwell, 1984 - in *Tender Victory* - edição brasileira, 1987, p. 323)

"Os índios andavam à vontade porque nunca desconfiaram que um dia teriam que aparecer na história do Brasil".

(Barão de Itararé, segundo Felix de Sousa, em 1985)

"Uma pessoa com uma quarta parte de sangue indígena, que esteja legalmente inscrito nas listas do governo como índio". (Definição oficial do índio vigente nos Estados Unidos)

(Lewis & Maes - 1985, p. 110)

"Índio é todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa do nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contato".

(Darcy Ribeiro - *Culturas e línguas indígenas do Brasil*, 1957 - p. 135)

"Insubmissos à disciplina e aos trabalhos pesados da colônia, fugiram dos arraiais, de volta à liberdade das selvas, acolhidos pelos fazendeiros, ficavam agregados às suas terras e arredios de suas famílias. Os aborígines isolados perdiam os costumes e as crenças dos avoengos. Adaptavam-se às usanças das fazendas e aos festejos dos negros. Extinguia-se a tribo."

(Moisés Castelo Branco Filho - *O índio no povoamento do Piauí* - 1984, p. 19 e 20)

Digitalizado com CamScanner

"As frequentes hostilidades dos selvagens contra os primeiros povoadores, a quem não podiam ter senão má vontade, visto como os olhavam como usurpadores de suas terras, eram um embaraço de todo dia, um grande mal, que desmandava de pronto remédio, para garantia da propriedade nascente, e o que é mais, das vidas dos arrendatários e colonos, que afluíam em grande número."

(J. M. Pereira de Alencastre - *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*, 1981, p. 45.)

"O índio está feliz tal como é, dentro de suas condições naturais, adaptado à região em que vive [...]" "O índio brasileiro não tem mesmo salvação."

(Nutels Noel - citado por Fernando Sabino, 1973)

"Não nos podemos sustentar doutra parte senão com a carne dos miseráveis índios".

(Pe. Antonio Vieira - *Sermão da Epifania*, 1667)

"No dia do índio o Brasil e o Piauí deviam ter vergonha com os irmãos sem destino".

(A. Tito Filho - *Crônicas*, 1990 - p. 91)

"O estudo comparativo da cultura material destas etnias com os vestígios arqueológicos descobertos nos povoados dos povos ceramistas permitiu estabelecer se os últimos são os ancestrais de uma destas tribos descritas pelos cronistas e viajantes".

(S. Monzon & N. Guidon – Journal de la societé de americanistes- leme LXVI- 1979, p. 333).

"A sangue e fogo,
a ferro e fogo
um homem liquida
seus semelhantes

[...]

No sangue
a crueldade desnecessária
a violência contra os desarmados".

(H. Dobal- Edições Corisco - 1986, p. 6)

"[...] Viviam sem qualquer necessidade de dinheiro, propriedades e comércio. Não tinham reis, não tinham igreja, mas levavam uma vida agradável e harmoniosa, pois a natureza, em sua plenitude, suprla todas as suas necessidades. Eram abertos e generosos e davam aos outros tudo o que tinham."

(E. Lincoln Uys - *Brasil, 1986*, vol. 1, p. 131)

"É muito comum se ouvir dizer que os índios são indolentes. Mas como se pode acusar os indígenas de ociosidade se dedicam uma grande parte de seu tempo às tarefas destinadas a garantir seu alimento?".

(J. C. Melatti - *Índios do Brasil*, 1938, p. 54)

"A terra deve pertencer a quem dela tira o melhor proveito, no caso, o índio".

(Júlio Camargo - *A arte de se formar*)

"Graças a seu próprio trabalho é que os indígenas têm sobrevivido até hoje".

(J. C. Melatti - *Índio do Brasil*, 1938, p. 54)

Digitalizado com CamScanner

"Entre o chicote do colono e o segregamento do jesuíta o problema índio arrastou-se por dois séculos. As leis de Pombal marcaram o fim do conflito".

(Carlos Eugênio Porto - *Roteiro do Piauí*, 1974, p. 26, 2. ed.)

"O aspecto tristonho dos índios, que vagavam aqui em absoluta inércia, a sujidade e desordem das pobres choças, assim como a falta de uma direção conveniente confiada agora a um soldado dado ao vício da embriaguês, reforçaram a nossa convicção de que se deve considerar rara exceção uma feliz tentativa de colonizar indígenas".

(Spix & Martius - *Viagem pelo Brasil*- vol. II - 1938, p. 448)

"[...] viviam muito isolados em pequenas tribos distintas e independentes umas das outras, fazendo-se guerra entre si e sempre às tribos tapuias".

(Pe. Tebirge - *Escorço histórico sobre a província do Ceará*, 1973, p. 19)

"Poucos dos nossos índios foram assimilados à nossa cultura; a maioria foi expulsa ou exterminada nas guerras que lhe fizeram os brancos".

(Pe. Cláudio Melo - *Os primórdios de nossa história*, 1985, p. 39)

"A cada fazenda-criatório fixada à força, para posterior legitimação através do artifício da concessão de uma carta de data e sesmaria, corresponde um ato de barbárie praticado pelos brancos sequiosos de poder econômico e político".

(Paulo Machado - *Uma questão ética* - Correio Corisco, 1986, p. 5)

"Um a um os guerreiros índios vão tombando. Então os inimigos abandonam seus postos entrincheirados – tronco, galho, copas, moitas, capões – armados de espadas e catanas para consumar um dos maiores massacres da guerra contra os índio do Nordeste".

(Renato Castelo Branco - *A conquista do sertão de dentro* - 1983, p. 149)

"Não haviam procurado os primeiros coloniza-dores obter a aliança das tribos deparadas. Pelo contrário, declaram-lhes guerra de extermínio, provocaram represálias sanguinolentas e cruels. E tal foi o ardor em as combater que as que não fugiram, estavam completamente exterminadas, antes de decorridos dois séculos. O morticínio em massa, a fuga, o alcoolismo, a sífilis, o cruzamento – foram as causas principais de sua extinção. Hoje, nem um sobrevivente resta desta raça viril e belicosa, que não desapareceu sem nos deixar, nas energias do caráter, um pouco de sua bravura serena."

(Abdias Neves - *O Piauí na confederação do Equador*, 1921, p. 29 e 30)

"Viviam nus e não poucos praticavam a antropofagia, não apenas em obediência a um rito, o que por vezes ocorria, mas também levados pela necessidade alimentar, até mesmo pela voracidade". "Suas guerras quase sempre eram motivadas pela conquista de regiões piscosas ou repletas de caças, e também mais tarde, estimulada pelos conquistadores europeus, com o propósito de enfraquecer o inimigo e mais facilmente o dominar". "Difícil também é nomear os índios de determinada região, pois, dum modo geral, eram nômades; podemos, todavia, nomear os ocupantes num determinado período, ou ainda os que nela se fixaram por mais longo tempo, a testemunhar a

Digitalizado com CamScanner

prodigalidade da terra ocupada e a valentia de seus defensores."

(Odilon Nunes - *Pesquisas para a história do Piauí*, Vol. 1- 1956, p. 22 e 29)

"O branco e o negro ficavam diante do índio, sem o assimilar, o que se explica pelo isolamento dos primeiros nas fazendas, onde o silvícola era considerado inimigo perigoso que se devia aniquilar, sem piedade ou vacilação".

(Abdias Neves - *O Piauí na Confederação do Equador*, p. 29)

"[...] construídos fortes ou fazendas isoladas, e o tráfego vermelho organizou-se de maneira semelhante ao do negro na África. Onde, porém, os índios se contrapunham a esses começos de hostilidades, por astúcia ou pela força, al terrível e sanguinolenta matança se punha por obra em guerra de extermínio".

(Estevão Pinto - *Os indígenas do Nordeste*, p. 19)

"Dos índios em São Luiz" [...] não cheguei a ver algum, mas são descritos como seres espantosos, com feição excessivamente feia, longos cabelos negros, caindo no rosto e nas costas. São de uma cor de cobre escuro, mais escuro que os domesticados. Os últimos indivíduos presos foram conduzidos para uma prisão fechada, na qual, disseram-me, morreram todos".

(Henry Koster - *Viagem ao Nordeste do Brasil*, p. 235)

"Mas, perguntarão os incrédulos, onde ficaram os efeitos da guerra de exterminação que fizeram os conquistadores, durante 200 anos, contra os índios selvagens, de que falam os compêndios da história?" [...] "Considerando estes fatos históricos documentados, ninguém pode mais falar da

suposta guerra de exterminação, pelo menos nesta parte do norte do Brasil". [...] "Na história piauiense só existe uma página negra, que relata as proezas do tenente-coronel João do Rego Castelo Branco que foi mestre-de-campo nos anos 1770 a 1780. [...] "Os cronistas contemporâneos confirmam que este mestre-de-campo causou a morte de 400 indígenas inofensivos, homens, mulheres e crianças".

(Ludwig Scheennhagen - *Antiga história do Brasil*, p. 71 e 72)

"O Piauí foi o último estado a ser colonizado no Brasil e foi o primeiro a acabar com os índios".

(Claudete Dias - professora da UFPI, in Jornal *O Dia* - edição de 20 de abril de 1993, p. 2)

"[...] Observar as cenas da vida cotidiana para entender como aqueles que parecem ser um grupo de esfarrapados são ao contrário homens muito mais felizes do que aqueles que vivem no chamado mundo civilizado."

(G. Nollta, *Amazônia*, 1980, Coleção nº 1, p. 217)

"[...] Expulsaram a raça guerreira que aqui vivia gozando a abundância dos frutos, da caça, do peixe, ignorada e feliz, quando toda a zona litoral da colônia era devastada pelas incursões do branco."

(Abdias Neves - *A guerra do Fidié* - 1907, p. 241)

Digitalizado com CamScanner

A BASE

Digitalizado com CamScanner

Origens

Os estudos realizados em torno das origens do índio americano são numerosos mas não concludentes.

Duas correntes se destacam defendendo teses contrárias: uma, considerando-os como autóctones (BAILLI, ENGEL, MORTUN, AMEGHINO); a outra os dá como alóctones, com maior número de defensores. Esta superou a outra e aparecem origens as mais diversas. Assim, o homem americano teria vindo:

- da Ásia Menor (Bíblia, HUMBOLDT, VARNHAGEN);
- da Argentina (autóctone ou monogenista);
- da Fenícia (SCHWENNAGEN, BORGINE, THORON);
- de Cartago (depois das guerras púnicas);
- da Suméria (RICCI, PATRON);
- da Índia (LE BON, URTEAGA);
- da Escandinávia (GROTIUS, CRONAN);
- da Grécia (GARCIA, LAHILLE);
- de Roma (THOMAS);
- da Europa (CAMPBELL);
- da França (CHARON & PORTELO - celtas);
- da península ibérica;
- da África (TORQUENADA, CAPITAN);
- do Egito (ELIOT SMITH e a escola de Manchester);
- dos judeus (KINGBOROUGH);
- da Irlanda (LARNEV);
- da Inglaterra (RIVERO, TSCHUDI);
- da Oceania (CRONAN, CROCI)
- da Austrália (MENDES CORREIA);
- da Atlântida (a idéia de que os índios vieram daí caiu quando paleontólogos determinaram que o homem surgiu na face da Terra depois que os continentes já apresentavam a atual configuração);

Digitalizado com CamScanner

- mista (LOUREIRO da Austrália e paleoasiática ou mongólica).

A teoria mais em voga, até a década de 70 e ainda hoje aceita pela maioria é a de *Hrdlicka*, embora contestada por *Rivet*, quanto à origem. O antropólogo americano desenvolve sua tese nos seguintes itens:

a) os índios formam uma única raça: a diversidade é provocada por situações locais.

b) têm origem mongolóide: são oriundos das tribos paleoasiáticas, com influência mongol. *Rivet* considera-os descendentes dos habitantes das ilhas oceânicas da Melanésia.

c) vieram para as Américas pelo estreito de Behring (com ele concorda o antropólogo soviético NESTURJ).

d) não têm mais de dez mil anos no continente americano (NESTURJ acha que atravessaram o antigo istmo, hoje estreito, há 23/30 mil anos).

e) não vieram de uma só vez (o próprio HDLICKA dá quatro Correntes como RIVET, enquanto IMBELLONI, da Argentina, aceita sete migrações).

MELATTI (1970) dá a seguinte conotação:

a) o homem não surgiu na América: veio de fora, sendo muito mais recente no Novo que no Velho Mundo.

b) a migração mais importante para o povoamento da América, mas não provavelmente a única, foi a de elementos asiáticos que vieram em levas sucessivas através do estreito de Behring.

c) os primeiros migrantes estavam no nível cultural de caçadores, não dispondo, então, de conhecimentos e técnicas de agricultura, pois quando o homem chegou à América o Velho Mundo não tinha passado do paleolítico superior.

d) os primeiros contingentes humanos chegaram à América na última idade glacial, denominada Wisconsim, em um período que se pode situar a 40 mil anos passados.

e) os últimos grupos migratórios foram os dos esquimós, que se radicaram na região mais setentrional da América.

LOUREIRO (1983) destaca quatro indicadores distintos para determinar as raças indígenas: características raciais, diversidade de línguas e costumes, povos dolicocéfalos mais antigos e braquicefalia dominante.

FEITOSA (1983) indica 14 teorias sobre a origem do homem americano: africana, monogenista americana, atlante, cartaginesa, chinesa, egípcia, grega, íbera, irlandesa, malaio-polinésia, mista, paleoasiática e viquingue.

Na América Central, os astecas vieram do norte em data não conhecida (alguns autores os dão como autóctones), os mais apareceram ao sul dos astecas em 3000 a.C. e os incas, no Peru, em 1800 a.C.

A tese de HRDLICKA aceita quase unanimemente pelos arqueólogos modernos, é contestada. Uma das mais importantes provas do povoamento pelo estreito de Berhing são as pedras conhecidas por Clovis e Folson, datadas de 18.000 anos e espalhadas pela América do Norte; nunca foram encontradas no Brasil.

Para LUND, o povoamento da América do Sul teve origem nos tempos geológicos, muito anterior ao período histórico. Seus estudos sobre a raça da Lagoa Santa levaram autores como QUATREFACE, VIRCHOW e BROCA a se dedicarem aos índios brasileiros e, enquanto uns acordam em que os ossos da lapa do Sumidouro são do período anterior ao holoceno, outros acham que são restos da primeira invasão malaio-polinésia, "plasma étnico dos indígenas americanos" (A. COSTA), segundo a teoria de Rivet.

Digitalizado com CamScanner

SCHWENNAGEN acha que os fenícios estiveram aqui no Piauí entre 700 e 147 a.C, e diz: "[...] é de supor que os chefes dos povos tupis, principalmente os sacerdotes piagas, aprenderam o modo de escrever dos estrangeiros e o preparo de tintas indeléveis".

Esta não é, precisamente, a opinião de A. COSTA que, em suas conclusões, afirma: "povos que na época remota habitavam nesta parte do novo mundo, eram da mesma raça dos que, no tempo da conquista, habitavam o nosso país".

Existem inscrições e pinturas espalhadas por todo o Piauí (em 21 municípios, ao menos), com sítios arqueológicos que levaram NUNES a afirmar, quase concordando com o etnólogo potiguar: "os índios contemporâneos da conquista atribuíam tais pictografias a seus avoengos mais remotos, enquanto pesqui-sadores modernos presumem que foram deixadas por povoadores doutra casta de gentios que antecedeu a alguma civilização que floresceu no continente oriental".

RONDON (1938) pergunta: "[...] que de positivo pode haver na pré-história dos povos pré-colombianos, quando as documentações de julgamento são falhas e escassos, senão imprecisos, os dados arqueológicos e paleontológicos em que se fundam as hipóteses dos pesquisadores do continente de Colombo?".

"Em agosto de 1971, três cientistas brasileiras, N. GUIDON, S. MARANCA e A. U. DE MORAIS, visitaram a região da serra de Bom Jesus do Gurguéia, onde, de abril a agosto, trabalhando doze horas por dia, caminhando centenas de quilômetros, tiraram três mil fotografias e decalques de trinta e nove grutas e abrigos, que descobriram". (BAPTISTA)

CORREIA LIMA (1985) descobre o que chamou de "Homo Sapiens Macobinensis", próximo à cidade de São Luiz, no Maranhão.

É bom lembrar que o americano, cuja teoria foi exposta, acha que o índio das Américas não tem idade superior a dez séculos. "A maioria das opiniões gira em torno dos dez mil, no início, portanto, do período histórico do Velho Mundo (NUNES)". Já o soviético lhe dá entre "uns 23/30 mil anos".

NIÈDE GUIDON (1990) levanta outra possibilidade. "O que ainda não se sabe, mas será estudado, é se as populações pré-históricas de São Raimundo Nonato chegaram ao continente pelo mar, ou se vieram do Norte, passando pela América Central".

A USP (Universidade de São Paulo) de Ribeirão Preto, com base em amostras de sangue colhidas entre 1989 e 1990 e comparação com outras amostras, chegou à conclusão de que a tese da vinda dos índios brasileiros pelo estreito de Behring é a correta. Segundo esta universidade, isso aconteceu entre 30 a 40 mil anos atrás.

O continente africano é considerado o berço da humanidade. Como então o homem chegou à América? A explicação mais simples é de que o homem teria atravessado o estreito de Behring aproveitando a quarta glaciação da Terra (WURN) e que terminou entre 22 e 12 mil anos.

O suíço ANDRE LANGANCY e o italiano LUIGI LUCA CAVALLI SFORZA criaram a teoria de que toda a humanidade provém de um mesmo tronco que teve início no centro da África (há 100.000 anos), veio pelo Oriente Médio (40.000), Ásia Central (35.000), Asiático do Norte (35.000) e Américas (pelo estreito já citado entre 15 e 35.000 anos), terminando nas Américas do Sul, com 7 famílias e 42 grupos.

Outros autores informam idades diferentes. FRAU dá 28.000 a.C., RIBBEN 40.000 e BONETT 57.000. RIVET apenas 20.000 a.C.

Digitalizado com CamScanner

Em seu artigo, GUIDON conclui: "Hoje, graças ao trabalho desenvolvido em São Raimundo Nonato, a maioria dos americanistas já não duvida que o homem tenha chegado à América do Sul, há, pelo menos, cerca de 70.000 anos".

Classificações

Os índios americanos foram e continuam a ser objeto de fortes discussões entre antropólogos e etnólogos.

Vários são os critérios para uma definição do que é índio. MELLATI dá algumas delas:

a) *racial* - É evidente que as várias nações indígenas possuíam características étnicas diferentes, quanto ao físico. Outro caso que dificultava era o cruzamento entre eles e, depois, com o branco e com o negro.

b) *legal* - Seria índio quem satisfizesse a definição dada pelo governo ou pela FUNAI. No Brasil, não existe este problema; o índio não é definido oficialmente. Nos EUA a definição é: "uma pessoa com uma quarta parte de sangue indígena, que esteja legalmente inscrita nas listas do governo, como índio". (LEWES & MAES, 1945)

c) *cultural* - A classificação por este critério se baseia nas leis da genética – línguas, hábitos e costumes. PINTO (1956) traz um estudo pormenorizado sobre o assunto.

d) *econômico* - LEWES & MAES sugerem que a definição seja baseada nas deficiências básicas como renda, produção agrícola, taxa de mortalidade e localização geográfica.

e) *étnico* - O II Congresso Indigenista Interamericano (1949) realizado em Cuzco (Peru), definiu índio como "o descendente dos povos e nações pré-colombianas que têm a mesma consciência social de sua condição humana".

No caso particular da América do Sul, temos entre outras, as classificações de:

EICKTEDT - tipo sudindianide, dividido em variedades das quais duas no Brasil: brasilide e legide.

KROEBER - duas: uma pela língua e outra pela cultura: pela língua, três tipos estariam no nosso país (caribe, tupi e tapula) e pela cultura, dois (os da floresta tropical e os da antilhana).

WISLLER - pelas áreas; estariam as tribos brasileiras na área amazônica e na antilhana.

SMIDT - dois ciclos; o Brasil teria índios nos ciclos da cultura primitiva (jês e caraíbas) e da cultura da fase da lavoura (tupis).

FRAU - como paleográfica, etnográfica e linguística em quatro grupos (dolicóides primitivos de cultura inferior, canoeiros mesolíticos, braquíades de cultura média e polinésios de alta cultura). Os brasileiros estariam nos braquíades.

IMBELLONI (segundo COMAS, 1957) - dez grupos para as Américas, seis para a América do Sul (dos quais quatro com representantes no Brasil: amazônido, láguido, fuégido e pâmpido).

VALLOIS - simplifica as causas, classificando os índios do Brasil como pertencentes às raças sul- atlânticas.

Deixando de lado a classificação simplista dos jesuítas já de há muito em desuso (dois grandes grupos; tupis puros e os de língua travada, os tapulas), temos várias outras sobre o índio brasileiro.

VON MARTIUS - tupi, jê, aruaque, goitacá, guaicuru, coco, crans, pareci e em transição.

VON DEN STEINER - tupi, caraíba, jê, nu-aruaque, goitacá, guaicuru, pano e miranha.

ESTEVÃO PINTO - tupi-guarani, nu-aruaque, caraíba, jê, cariri, tucano, pano, guaicuru, chiriana, viototo, jurl,

Digitalizado com CamScanner

catuquina, mura, trumaís, nambiquara, bororo, carajá e goitacá.

MELATTI - tupi, macro-jê, tarib, aruak, pano, xiriana, tucano e nambiquara.

FEITOSA - jê e tupi-guarani.

BRITTO - pimenteira (pimenteira, macoazes, rodeleiras, ibirajara, cabuçus, acoroás e gilbués) e jaicó (jaicó, aroazes e gogues).

LAROUSSE - grupo linguístico (tupi, macro-jê, aruaque, caraíba, tucano, pano, xiriana, nambiquara e guaicuru) ou grupo de áreas culturais (norte-amazônica, juruá, purus, guaporé, tapajós-madeira, alto xingu, tocantins-xingu, pindaré-gurupi, paraguai, paraná, tietê-uruguai e nordeste). Este segundo grupo foi classificado por Eduardo Galvão em 1960 e aproveitado pela Enciclopédia Larousse.

RAMOS - tupi-guarani, caribe, jê, aruaque, bororo, nambiquara, carajá e cariri.

Na divisão de ARTUR RAMOS temos no Piauí representantes de apenas quatro etnias: tupi-guarani, jê, caribe e cariri. As várias relações das tribos piauienses, a começar pela do padre CARVALHO, de 1967, não especificam a que tipo pertence cada tribo. Elas são distribuídas por sete nações indígenas: quatro JÊ (*Acroá*, *Gueguês*, *Jaicó* e *Timbira*), uma TUPI-GUARANI (*Tabajara*), uma CARIRI (*Tremembé*) e uma CARIBE (*Pimenteira*).

NUNES (1966) diz que foram cinco as etnias (ou ramos como ele chama) que tiveram representantes no Piauí; juntou a ARUAQUE às outras quatro, mas esta não teve nação nem tribo na capitania.

Habitat

O Piauí fica na região Nordeste, sub-região Nordeste Ocidental, ao lado do Maranhão, no vale do Parnaíba. Sua área é de 250.934 km (sem contar a zona litigiosa com o Ceará). "[...] constitui o planalto piauiense que se subdivide em chapadões, delimitados por afluentes daquele rio, que, por sua vez, subdividem-se em chapadas, também delimitadas por sub-afluentes" (NUNES).

O Piauí é uma ponte bem definida ligando duas regiões distintas da América do Sul. Ocupa um lugar na extensa faixa de campos e florestas que se estendem de norte a sul, entre o oceano e a beira oriental do grande planalto brasileiro. Nele demoram os campos mais setentrionais de toda a América Meridional" (CHAVES).

a) Serras

"Propriamente falando, não há montanha que mereça, com inteiro rigor, esta denomi-nação" (M. BAPTISTA). De fato, verifica-se que as serras não atingem elevações acima de 900 metros de altitude. A orografia piauiense é oriunda de uma sinéclise que ocorreu em quatro ciclos, começando no pré-cambriano. A bacia atual que se caracterizou nos fins do siluriano, por meio de uma série de regressões e transgressões marinhas, se consolidou com a grande e última regressão que se deu no devoniano superior, que delimitou as fronteiras com os estados vizinhos do leste e do sul. As serras que existem no estado são relativamente baixas e de pequeno destaque, facilmente atravessadas. Salienta-se a Serra Grande, que começa como Ibiapaba, a leste, na fronteira com o Ceará, passa a ser dos Cariris Novos (depois da boqueirão do Poti), continua pela chapada do Araripe (encontro dos três estados: PI, CE e PE) vai pelo sul, como serra dos Dois Irmãos, até a serra da Semitumba e depois termina como

Digitalizado com CamScanner

serra da Tabatinga e chapada das Mangabeiras. É a fronteira leste-sul do estado com o Ceará, Pernambuco, Bahia e Tocantins. No vale da Parnaíba podem ser citadas outra serra Grande (entre este rio e o Uruçuí Preto) e a serra do Uruçuí (entre os vales deste rio e o Gurguéia). Seguem-se a serra de Bom Jesus do Gurgueia, ao leste deste rio e nas nascentes do Piauí, e as suas varlantes, a das Confusões e a da Caplvara (rica em vestígios arqueológicos). As serras do centro, nos interflúvios dos rios Canindé, Poti e Longá, são baixas e pequenas; podem ser citadas a do Batista (ao norte de Picos), a das Missões (entre Pimenteiras e São Miguel da Tapuio), a de Santo Antonio (ao sul de Campo Maior) e a Negra (a leste das Sete Cidades).

Com altitude entre o nível do mar e cerca de 800 metros na chapada das Mangabeiras, o relevo piauiense é inclinado de leste para oeste permitindo deslocamento de tropas e hostes, sem dificuldades de grande monta.

A planície parnaibana vai até a barragem de Boa Esperança, ocupando 9,54% do território.

b) Rios

O Piauí faz fronteira com o Maranhão, e a divisa é, em quase toda a extensão, o rio Parnaíba, com 1.485 km. Apenas 7 Km separam as nascentes da rio do estado de Tocantins, onde terminam as divisas.

O Parnaíba "[...] curso de água o mais importante entre o São Francisco e o Tocantins" (SPIX & MARTIUS) "representa o traço de união entre a região norte super úmida, coberta de florestas e a região Nordeste, de vegetação pobre castigada pelo sol inclemente" (GICOVATE). É o "velho monge" de DA COSTA E SILVA. Costuma ser dividido em três partes. O alto começa nas nascentes e vem até a barragem da Boa Esperança; caracteriza-se pela presença de inúmeras corredeiras e poucas ilhas. O médio vem até a foz do Poti; nele diminuem as quedas d'água e aumentam as ilhas. O baixo, que vai até o delta, não tem mais cataratas e as ilhas são numerosas.

O número de afluentes é incontável; a maioria deles desce da serra Grande. Destacam-se por sua extensão, volume d'água e área de captação, o Uruçuí Preto, o Gurguéia, o Canindé, o Poti e o Longá. Formam uma enorme bacia, descendo para o coletor principal e servindo de intervalos para as serras que as separam. Os tributários do Parnaíba, como consequência desta circunstância "são quase sempre rios de regime torrencial que deslizam no antiplano que se inclina das cumiadas daquelas serras" (NUNES).

Vale lembrar ainda os rios Uruçuí Vermelho (afluente do Parnaíba), o Piauí (do Canindé), o Sambito (do Poti), o Itaim (também do Canindé) e o Piracuruca (do Longá).

Outros que merecem referências: Paraim (afluente do Gurgueia), Itaueira e Mulato (do Parnaíba), Mocha e Riachão (do Canindé).

c) Lagoas

As principais lagoas do Piauí são:

Parnaguá - no município do mesmo nome, no sul do estado, formada pelo rio Paraim, a 310m de altitude.

Ibiraba - no município de Parnaguá, a 36 km da outra.

Riacho - a antepenúltima das formadas pelo rio Fidalgo, afluente do Piauí.

Pavuçu - no município de Itaueira, onde nasce o rio deste nome.

Nazaré - no município do mesmo nome, no rio Piauí.

Estiva - no município de Porto, formada por dois riachinhos: o Padre e o Jurema.

Cajueiro - entre Joaquim Pires e Luzilândia, com área de 17 km² e altitude de 20,4 m.

Grande do Buriti - no município de Buriti dos Lopes, com área de 16 km² e altitude de 21 m.

Digitalizado com CamScanner

Sobradinho - litorânea, no município de Luiz Correia, a 20 km da cidade.

Santana - outra litorânea, com 6 km de extensão e uma ilha, a da Luíza, a leste da do Sobradinho.

É bom salientar que, àquela época, não havia açudes no Estado.

d) Climas

Segundo KOPPEN, três tipos de climas são encontrados no Piauí: tropical com chuvas de verão (ao norte), semi-árido quente com inverno seco (no sudeste, na zona do semi-árido), e tropical com chuvas máximas (no resto do Estado). "As variedades de clima denunciam-lhe o caráter de elementos de transição entre duas regiões bem diferen-ciadas" (CHAVES). "Ao norte, o clima é quente e seco, a canícula no verão é debilitante, sendo as noites refrescadas pelos ventos oceânicos, que pouco vão ao sul de Teresina. Ao sudeste, predomina o clima do médio São Francisco. As noites são frias, de maio a agosto, para logo depois aparecer o calor rigoroso da estação das águas de nosso interior. Ao sudoeste, porém, o aspecto climatério vai mudando, à proporção que se avança para os limites maranhenses. Os invernos não são regulares, a umidade é quase nula e nas noites de verão já se experimenta a sensação do frio goiano"(MIRANDA).

RENATO C. BRANCO dá três tipos de climas para o nosso estado, em uma classificação mais geográfica que meteoro-lógica: um, que situa entre a serra da Tabatinga e o Gurguéia de "Invernos regulares, com umidade quase nula" e temperatura agradável, às vezes, fria; outra entre os rios Gurgueia e Canindé, com atmosfera úmida que aumenta o calor, e um terceiro, do Canindé ao litoral, "clima quente, seco e debilitante, atenuado pelos ventos oceânicos que o povo batizou de parnaibano".

"Começa o tempo das chuvas, não no mês de setembro, como acontece no sul e nas províncias do mar, mas em janeiro, e dura até abril. Neste período, tudo verdeja e floresce com exuberância; porém, durante os meses de agosto até dezembro, a terra se torna uma planície estorricada, morta. Este clima estende-se, assim com as mesmas condições físicas, a oeste da chapada do Ceará, também para o norte da província Piauí". (SPIX & MARTIUS)

As regiões mais frias do estado, hoje e àquele tempo, ficam na face oeste da Ibiapaba, onde se situa Pedro II, chamada a Suíça piauiense. Aí, a temperatura, não raro, baixa a 10°C. O sul do estado, nas nascentes do rio Piauí, atinge esta temperatura na fronteira com a Bahia.

e) Vegetação

O melhor depoimento sobre a vegetação daquele tempo é o dado pelo Pe. Carvalho, em *Descrição do sertão do Piauí*, em 1697, coeva, portanto, dos selvagens.

Referindo-se aos rios Parnaíba e Gurguéia diz: "os quais são abundantes de pastos e de várias frutas, como mangas, jenipapo, araticuns e outras mais agrestes que usam os gentios e os brancos em necessidade. Especialmente notei a fertilidade daquela terra no ano de 1694, quando, desta povoação, atravessei para Parnaguá, pela beira do Gurguéia, com o padre Bourel, dos jesuítas, porque levando em nossa companhia 42 pessoas sem provimentos de matalotagem, achamos tanta abundância de mel, peixe, caça e frutas que não experimen-tamos falta alguma nos 16 dias que, caminhando pela beira do rio, apartados dele, porém, padecemos 5 dias de grande fome e morreríamos se a providência divina não nos socorresse por um meio, que sendo natural, pareceu prodigioso e foi caminhando por entre umas serras junto ao rio Curimatá,

Digitalizado com CamScanner

que achamos um riacho, que, na distância de uma légua, tinha pelas beiras, grande quantidade de ananazes criada pela natureza, tão deliciosos de serem todos brancos e menores; até chegarmos ao povoado nos serviram de regalo, nesta matalotagem. Esta abundância faz com que naquela terra habitem muitos tapuias, os mais bravos e guerreiros que se acham no Brasil".

A vegetação do Piauí pertence a três zonas, no dizer de SAMPAIO (1945): a dos cocais, a da caatinga e a marítima.

A dos *cocais* abrange dois tipos: a vegetação do litoral e das campinas baixas e a do planalto, com várias divisões: cocais, campos cerrados, caatingas disseminadas, areais semi-desérticos, flora hidrófila, matas ciliares e transgressão da hiléia. Fica a norte do estado.

A das *caatingas*, a mais extensa delas, e distribuída em quatro grupos: caatinga baixa, alta, verdadeira e mestiça. A verdadeira predomina entre Oeiras e Picos; a mestiça nos limites do Maranhão.

A *marítima* é restrita aos mangues estudados por DAVI CALDAS ANDRADE LIMA, (1978) que encontrou os seguintes tipos de vegetação para a bacia do Parnaíba:

- florestas pluviais de terras baixas, ao norte de Teresina e Luzilândia.
- florestas galerias, no Parnaíba e afluentes;
- cerrados e cerradões, na maior parte entre Floriano e Amarante;
- cerrado caducifólio, no médio Piauí, do nordeste a sudeste;
- carrasco, na faixa úmida do sudeste;
- campos limpos em Gilbués e limpos e úmidos no centro, em Campo Maior;
- restingas e dunas, no litoral;
- mangues, no delta parnaibano.

O APOIO

Digitalizado com CamScanner

História

a) O corredor de migrações

"O Piauí foi um corredor de migrações no continente sul-americano. Sua história desde o período pré-colombiano vem confirmar esta afirmação. Seu ingresso na história do Império Colonial Português coincide com a abertura dos caminhos interiores que, pelos sertões através das chapadas e caatingas, ligaram o Brasil ao antigo estado do Maranhão". (NUNES, 1960)

"O Piauí é uma ponte bem definida ligando duas regiões distintas da América do Sul. Ocupa um lugar na extensa faixa de campos e florestas que se estendem de norte a sul entre o oceano e a *beira oriental* do grande planalto brasileiro". Esta parte caracteriza "a transfor-mação deste vasto território num corredor da bacia do São Francisco e do litoral nordestino para a bacia do Amazonas e vice-versa". (CHAVES, 1963).

Têm razão os dois historiadores patrícios. E, por isto mesmo, se torna difícil contar a saga dos que se situavam na região, no início do choque com os índios. Predadores, nômades, guerreiros, lutavam entre si e se deslocavam pelas terras, sempre à procura das presas ou fugindo de tribos mais poderosas, inicialmente, e depois, do branco indesejável. "No vasto território piauiense, ao tempo do início da colonização e dos currais, inexistia qualquer exemplo de disciplina. Era o pânico. E o vácuo. Dias perigosos. A volúpia mortífera das desgraças do meio". (TITO FILHO)

"Os prazeres da caça e da pesca, o extermínio dos inimigos e depois, a rede e uma mulher, mais escrava que esposa, eis tudo que deviam anelar os índios, esquecidos do dia de ontem e descuidados do que devia acontecer no dia de amanhã" (LEAL, 1879). É uma afirmativa mais que

Digitalizado com CamScanner

secular, mas que retrata a situação exata dos silvícolas, antes do contato com os brancos.

b) O início de tudo

O tratado descritivo do Brasil de Soares de Sousa, de 1587, nos dá uma informação quase precisa sobre os primeiros encontros entre brancos e índios no Piauí. É a "mais antiga descrição importante conhecida a respeito do litoral piauiense" (MELO, 1985). Baseado nele, escreve o ilustre pesquisador: "com os índios viviam já há 16 anos (portanto em 1571) Nicolau de Resende e alguns companheiros náufragos". "Nicolau de Resende conhecia a terra e sua fertilidade pelo menos até a lagoa do Buriti e do Cajueiro". E faz uma pergunta-resposta. "Que mais se precisa para provar que nesta época o norte piauiense já era plenamente conhecido, visitado e de qualquer forma, habitado pelo branco que pacificamente convive com os nativos".

Em 1549, chegaram os jesuítas que erraram ao tentar impor aos índios a língua portuguesa e a religião católica, forçando o que eram as bases de sua cultura material e espiritual.

Surgem, depois, no século XVII, bem no início, os viajantes LOPES DE SOUSA (entre 1603 e 1605) e SOARES MORENO (1606 a 1626). Cria-se o cargo de mestre-de-campo, onde vai se destacar BERNARDO DE CARVALHO E AGUIAR. Este século foi o das correrias, onde as tribos se misturavam, se entregavam e atacavam de novo. Os índios foram perseguidos, morriam em combate, eram massacrados.

c) A grande rebelião

Em 1712, se dá a primeira e talvez a única tentativa violenta e englobante dos índios contra os dominadores.

Do norte, das matas do Iguara, no alto Parnaíba, a luta se inicia e as tribos atacam e, sem tréguas, reatacavam. Chefiadas por um índio domesticado (ou assim julgado), pernambucano, conhecido por MANDU LADINO, se torna uma revolta poderosa que obriga o governo do Maranhão a mandar exército organizado para tentar dominá-la. É designado o mestre-de-campo SOUTO MAIOR, para a direção das tropas legais. Este se choca duas vezes com os asseclas de MANDU LADINO, um mestre na arte de combater e, na segunda vez, encontra a morte; os índios que o seguiam se incorporaram às tropas do vencedor. Em 1713, a luta se estende e se estabelece entre a barra do Poti e o vale do Igaraçu, onde os brancos eram dirigidos por CARVALHO DE ALMEIDA. Em 1716, as tropas indígenas se chocam com as de CARVALHO E AGUIAR e o chefe deles, o estrategista índio, no local porto das barcas, cai no Igaraçu e é assassinado. Com a morte de MANDU LADINO, a revolta esmorece e em 1717 não apresenta mais o mesmo impacto. Em 1718, acabara; apenas lutas isoladas persistem.

d) O confronto de interesses

Caracterizou-se a conquista e o aniquila- mento indígena por forças antagônicas que se defrontaram, quase desde o início. De um lado os catequistas e colonizadores que queriam aldeias e trazer o índio, mesmo à força, para a civilização. Do outro, os interesseiros em massacrá-los, prendê-los como escravos e torturá-los para que informassem onde havia minas de ouro e pedras preciosas.

Entre os catequistas, além de alguns mestres-de-campo, onde se destaca BERNARDO DE CARVALHO E AGUIAR, eram os jesuítas os mais interessados.

Do outro lado, impiedosos e torturantes, os prepostos da Casa da Torre, durante dez anos, com interesses antagônicos. O mestre-de-campo saiu-se melhor.

Digitalizado com CamScanner

Não houve contato entre ele e o coronel de tropas JOÃO DO RÊGO CASTELO BRANCO. O grande amigo dos índios morreu em 1730 e o torturador aparece entre 1750 e 1751.

e) Incongruência

Uma coisa estranha:

Um papa (PAULO III, 1537 – *bula Veritas Ipsab*), três soberanos (JOÃO II, 1542; FELIPE III, 1665 e JOSÉ I, 1755) e um ministro plenipotente (POMBAL, 1759) decretam que os índios nas Américas, no Brasil e no Piauí são livres e independentes, com fortes punições (inclusive pena de morte) para os infratores e os silvícolas continuam a sofrer todos os impactos da civilização que lhes é imposta.

Um fato:

D. JOSÉ I, em 1755, revigora por lei, um regimento real de D. JOÃO II, de 1548, liberando os índios do Piauí, Ceará e Maranhão; seu ministro, o marquês de POMBAL, em 1759, referenda a lei. Entretanto, neste mesmo ano (1759), ordem real chega a PEREIRA CALDAS, governador da capitania, mandando guerrear os índios. JOÃO DO REGO CASTELO BRANCO os aniquila em sucessivos massacres e é agraciado por isso.

f) O Genocídio

JOÃO DO REGO CASTELO BRANCO, "uma das mais sinistras figuras da história da Conquista", alçada ao posto de tenente- coronel, praticou todas as crueldades possíveis e imagináveis. E, por causa disto, JOÃO PEREIRA CALDAS "se apressa em voltar à presença do capitão-general para lhe declarar que havia, por fim, encontrado o homem para o posto de tenente-coronel do Regimento". (CHAVES, 1953)

A oportunidade para o assalto geral aos índios sem discriminação veio com a saída dos jesuítas; expulsos pela lei de 3 de setembro de 1759, fato concretizado em 1762.

Sem a presença dos religiosos, de alguma forma um entrave à sua ambição desmedida, JOÃO DO REGO CASTELO BRANCO ficou livre para exercer seus desejos de um exterminador e os massacres se sucederam sem controle e sem registro. Os que ainda chegaram ao conhecimento público, foram:

Ano	Tribo destruída	Nº de mortos	História
1608	Tacariju	todos	A *Tabajara* atacou e destruiu esta, em vingança pelo assassinato do padre Pinto, ocorrido a 12/01.
1676	Gurgueia	400	Esta tribo fazia excursões pelo São Francisco; a Casa da Torre resolveu puni-la. Foi destruída, em sua totalidade.
1679	Tremembé	263	Malocas desta tribo atacavam os viajantes que passavam pelo litoral e Maciel Parentes puniu os índios.
1700	Paiacu	400	Toda a tribo, por Moraes Navarra.
1772	Acroá	1100	Selvageria de Félix do Rego Castelo Branco.
1776	Acroá	400	Selvageria de Félix do Rego Castelo Branco.

Estes dois últimos massacres, assim como os que liquidaram os *Pimenteiras*, aconteceram depois da saída dos jesuítas e não estão relacionados em parte alguma.

O genocida chefe, JOÃO, escreveu e publicou em 1719, o livro *Diário dos mais notáveis acontecimentos da guerra dos Pimenteiras*, "documento lastimavelmente

Digitalizado com CamScanner

desaparecido" (MOTT), talvez sob o ponto de vista histórico, pois devia relatar as atrocidades como simples atos de guerra, perfeitamente justificáveis

O "el matador" deixou de agir, em função da idade, no ano de 1784, aproximadamente. Destruiu a grande nação *Pimenteira*. Depois de sua devastadora ação, apenas grupos isolados, sem a hegemonia necessária, tentaram continuar, sem sucesso. O tenente-coronel foi substituído por um cabo, José Dias Soares, que foi o seu continuador. Na terceira década do século XIX, a nação *Pimenteira*, como nação, é considerada extinta. Restavam remanescentes isolados e descaracterizados.

Sinopse histórica

Primeiro contato:

- Nicolau de Resende, em 1571, no delta do Parnaíba, com os *Tremembés*.

Primeiro mártir branco:

- Padre Francisco Pinto, 12/01/1608, assassinado pelos *Tacarijus*, com selvageria.

Ocupação das terras:

- Gurgueia: Casa da Torre, 1674;
- Canindé: Domingos Afonso Mafrense - 1669;
- Poti: Domingos Jorge Velho - 1662;
- Longá: Bernardo Carvalho e Aguiar - 1690;
- Última referência a índio piauiense: 1862, quando a polícia procura o índio João Manoel.

Destaques:

Índios: Mandu Ladino - pernambucano; Arari "Jovem, robusto, astuto, poderoso, em alguns anos Mandu Ladino se constituíra o líder das nações rebeladas, que agitavam todo o vale do baixo Parnaíba." (Renato Castelo Branco, *A conquista dos sertões de dentro*, 1983, p. 81.)

Bruenque - piauiense, Acroá "[...] os vão passando todos a ferro, segundo a sua inclinação e ordens de seu pai (J.R.C.B.) e tenente-coronel e não seguindo as que lhe dirigiu o governador na carta de instrução que determinava o contrário"[...] "Neste cenário de dor morreu o bravo cacique Bruenque e sua gente deixando ao nosso princípio histórico um rasto sangrento de miséria e de dor". (Maria do Socorro Santana Ramos, *Terra de Bruenque*, 1986, p. 15.)

Brancos: Bernardo de Carvalho e Aguiar - colonizador português.

> "[...] foi o militar sem igual, modelo da força e de nobreza respeitado pelos seus pares e amado até pelos índios, contra quem guerreou, foi o cristão fiel construtor de igrejas e defensor de missionários, o político forte que governou com autoridade e dignidade, apesar da grande influência da Casa da Torre e enfim o homem que fixou os alicerces da unidade piauiense". (Padre Cláudio Melo, *Bernardo de Carvalho*, 1988, p. 7 e 8)

João do Rego Castelo Branco, militar piauiense,

> "[...] liquidava todo tipo de índio: feto, recém-nascido, criança, adolescente, moço, maduro e velho. Fêmeas e machos. As peripécias sangrentas desse exímio degolador ingressaram na história. Cumpria ordens dos conquistadores de terras e cumpria-as sem um picote de remorso, alegre sempre. Um dos mais admiráveis genocidas da história, *el grande matador*, da forma que H. Dobal lhe deu apelido". (José de Arimathea Tito Filho, *Crônicas*, 1990, p. 91).

Núcleos de concentração

"Os índios preados eram reunidos em aldeias ou arraiais: São João do Sende (perto de Oeiras), Cajueiro (Jaicós), Marvão (Castelo), São Gonçalo de Amarante (Regeneração) e Aroás (Valença)" (C. BRANCO FILHO, 1982).

Digitalizado com CamScanner

De fato, os selvagens eram distribuídos por missões criadas pelos jesuítas com nomes religiosos como N. S. do Desterro (Rancho dos Patos, hoje Castelo) e N. S. dos Aroazes (no Caatinguinha, hoje Valença) ou eram oficiais (no caso, as outras).

- São João do Sende foi criada em 1768, a 8 léguas ao norte de Oeiras, no governo do primeiro governador da capitania, João Pereira Caldas. Em 1785 possuía bastantes índios e chegaram mais 400 *Gueguês*. Foi extinta em 1786 e seus habitantes levados para São Gonçalo de Amarante. Suas terras são desocupadas em 1789; são terras ruins que não serviam para a agricultura. É hoje, segundo CASTRO (1993), a cidade de Arraial, criada em 1963.

- São Gonçalo de Amarante, criada em data discutível, depende do autor (1731, 1769 e 1771). O mais provável é este último (1771). Foi criada com 434 índios, no governo de Gonçalo Lourenço Botelho de Castro. Antes, em 1764, já existia um aldeamento irregular. É movimentada em 1773 com 300 índios, em 1778 quando fogem os *Gueguês*, em 1780 quando seus habitantes se revoltam, e em 1786, quando recebe o pessoal de São João de Sende. É hoje a cidade de Regeneração.

- Cajueiro, criada em 1679 pelo mesmo governador Botelho de Castro. Foi dirigida por principais e a maioria de seus índios eram *Jaicós*. Hoje, é a cidade com este nome.

Estas três missões não mereciam, propriamente, este nome. Os índios eram tratados como escravos, maltratados e, normalmente, viviam famintos. Por isto, fugiam constantemente e as tentativas do branco em querer transformá-los em lavradores, fracassavam. O silvícola nasceu para a caça, a pesca e a guerra. Não estava habituado à lavoura. Eram todos ou quase todos, da etnia *Jê* que no seu habitat natural e antigo, não conhecia agricultura. Não entendiam os brancos e estes não queriam entendê-los. Duas delas (Missões) eram submetidas, quase sempre aos Rego C. Branco. A outra (Cajueiro) por uma série de principais que seguiam as ordens do governo. E isto diz tudo. Traduzindo: eram verdadeiros campos de concentração.

Encartes

Os encartes que se seguem (Cronológico, Onomástico e Geográfico) foram organizados aleatoriamente e à medida que o fato era pesquisado. Não houve preocupação de examinar se os fatos eram verdadeiros ou não, partindo da credibilidade da fonte.

Os problemas surgem daqueles mesmos que viveram à época. Colonizadores, religiosos, aventureiros, predadores, todos queriam mostrar o que lhes desse vantagens – e esconder erros. Assim, as informações se tornaram imprecisas, precárias e confusas. Afirmavam terem aldeados tribos e mais tribos; inventaram até seus nomes.

Apareciam tribos diferentes com nomenclatura igual e a mesma era batizada de outra forma, conforme os interesses ocasionais.

Os massacres não eram citados, exceto quando projetavam o autor.

Encarte cronológico

• Século XVI

1537 - O papa Paulo III, pela bula *Veritas Ipsa*, a 9 de junho declara que "os índios das Américas eram homens, gente, e como tal, senhores de seus bens, de suas vidas e liberdades".

Digitalizado com CamScanner

1548 - Regimento real de 17 de dezembro, dirigido a Tomé de Sousa, dá pena de morte aos colonos que fossem buscar índios para escravizá-los. Este regimento foi reiterado em 1755.

1571 - Nicolau de Resende e companheiros naufragam no litoral do Piauí e ficam com os *Tremembés*, por 16 anos. Descobrem as lagoas do Buriti e do Cajueiro.

1585 - O religioso francês André de Thevet, capelão das tropas francesas de ocupação de São Luiz, chega ao Piauí e visita a Ibiapaba, contactando com os Tabajaras. Escreveu depois *Os franceses na América*.

• Século XVII

1603 - Pero Lopes de Sousa traz de Pernambuco um regimento de praças e índios em caravelões, que chegam à foz do Jaguaribe. Entre os soldados está Martins Soares Moreno, que vai à serra da Ibiapaba combater os franceses e aí encontra frei Vicente de Salvador, em catequese. Jacaúna, chefe indígena, faz amizade com Moreno, na expedição de Pero Lopes.

1604 - Lopes de Sousa chega à Ibiapaba, avista franceses e sobe a serra. Em sua companhia vem Moreno. Luta contra os *Tabajaras* e vence Ubaúna, o mais importante chefe; outros se entregam como Mel Redondo e Diabo Grande. Faz a paz e consegue travar contacto com 70 aldeias. Tenta alcançar o rio Grande dos Tapuias, mas não consegue. Acampa em Arabé.

1605 - Lopes de Sousa regressa a Pernambuco, levando índios escravos; alcança Recife em 1606.

1607 - Os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira partem de Pernambuco e chegam ao Jaguaribe (20/05) com soldados e os índios capturados por Lopes de Sousa, a mando de Diogo Botelho, governador daquela capitania.

Serve-lhes de intérprete o índio Belchior da Rosa. Seguem por terra para a Ibiapaba, onde fazem capela e demoram quatro meses. Acampam no boqueirão do Poti, junto a alguns *Tabajaras*, no local Abayara. Diabo Grande, cacique dessa tribo, se torna amigo deles. Diabo Ligeiro, irmão deste, é escolhido pelo padre Pinto para ser alcaide das aldeias *Tabajaras*. Mandiaré acompanha os padres para Abayara.

1608 - O padre Pinto é assassinado pelos *Tacarijus*, a 12/01, juntamente com três índios; um deles era Tatupapucu. É enterrado em Abayara. O padre Figueira volta à serra e logo segue para o Rio Grande do Norte, protegido por Cabra Azul, filho de chefe *Tabajaras*. Em vingança pelo massacre do Padre, os *Tabajaras* atacam e destroem os *Tacarijus*, não deixando nenhum sobrevivente.

1613 - Belchior Vaz e Francisco de Albuquerque, padres pernambucanos, passam pelo litoral piauiense, com Soares Moreno, em julho. Baltazar Pestana vai de São Luiz a Pernambuco por terra, com 200 soldados e 100 índios.

1616 - Os *Tremembés*, do delta do Parnaíba, fazem tratado de paz com Soares Moreno.

1626 - Os *Arechis* e os *Uruatins* atacam frei Severino, em sua passagem pelo Piauí, rumo ao Maranhão. Os padres João e Belchior, da comitiva, são assassinados. Soares Moreno, diretor do presídio do Ceará, recebe o hábito de São Tiago.

1638 - O padre Galanti se refere a uma doação recebida por Maciel Parente; ela tem por limites o rio Paraguaçu.

1641- Elias Herckman visita o litoral piauiense e apresenta relatório a Maurício de Nassau. Faz amizade com os índios, para poder explorar o solo. Alcança o local. Enjeitado, às margens do riacho Santa Teresa (hoje município de Castelo), onde faz mineração.

Digitalizado com CamScanner

1649 - Matias Beck, outro holandês, chega ao litoral piauiense e apresenta relatório às autoridades batavas de Pernambuco.

1655 - Parte o chefe Muririba, a mando de Vidal de Negreiros, de São Luiz, para oferecer paz aos índios da Ibiapaba.

1656 - Os padres Sebastião Teixeira e Tomé Ribeiro partem do Maranhão, em catequese. Voltam 58 dias depois. Encontram os padres Nunes e Vieira no litoral piauiense, além de Muririba, que fizera a paz com os *Tremembés*. Os jesuítas fundam uma escola na Ibiapaba, dirigida pelo padre Antonio Vieira, para 2.500 índios. Deixando São Luiz, Vidal de Negreiros, com soldados e índios, encontra jesuítas na Ibiapaba. Várias tribos se armam, mas não lutam.

1658 - É fechada a missão de São Francisco Xavier, na Ibiapaba, atitude do novo governador do Maranhão, ambicioso e inescrupuloso. Entra em choque e os jesuítas abandonam tudo, indo para São Luiz. Vários índios os acompanham e são aldeiados junto a esta cidade. *Calheiros* vem de São Paulo em expedição contra os selvagens; esta é inteiramente destruída e bem poucos voltam à sua terra.

1659 - Tribos não identificadas infestam o Piauí vindas de Pernambuco para o Maranhão.

1665 - Felipe III exortava aos vice-reis: "Sabeis muito bem que por numerosos decretos, eu e os reis, meus antecessores, temos ordenado que os índios destas províncias gozem de uma inteira liberdade e não me sirvam senão como os outros vassalos livres de meus reinos"

1669 - Os *Tabajaras* se revoltam na serra da Ibiapaba. É deliberada guerra de extermínio aos índios. Rodrigues de Carvalho é destacado para libertar o sertão de São Francisco, dos índios.

1671 - São organizadas novas expedições punitivas, sob o comando de Brás Arzão e Baião Parente.

1672 - Pais de Araújo, paulista, chega ao Piauí e combate os índios.

1673 - Araquens e Bilreiros atacam Peres de Barro no Tocantins para onde foram a partir do Parnaíba. A chefia dos brancos passa a Pais de Araújo.

1674 - O governador de Pernambuco manda abrir estradas para para fazer guerra aos índios do Gurguéia, guerra esta que seria comandada pelo capitão-mor Felipe Dias de Ávila, que enfrenta os *Gueguês* nos rios Salitre e Santa Sé, afluentes do Parnaíba. Combate-se ainda no Gurguéia. Dias de Siqueira conquista os *Gueguês* e os *Anamás* ao sul do Piauí; constrói arraial entre os rios Sambito e Canindé, junto aos *Alongás*. Os *Analús*, aliados aos *Gueguês*, são atacados por Ávila, que os obriga a voltar para o Piauí. Dias da Silva, com Rodrigues de Carvalho, à frente de numerosa tropa, se choca com os índios do Salitre, que fogem para o Piauí. Atrás deles vem Afonso Mafrense. Os *Gurguéias* fogem do São Francisco para o rio que toma o seu nome, seguidos pela cavalaria da Casa da Torre. Francisco, índio *Cariri*, é o principal dos *Rodelas*.

1675 - Os *Gueguês* atacam a região do São Francisco e matam 85 pessoas. *Galaches*, *Guaisguais* e *Gurgueias* habitam o alto Canindé.

1676 - Dias de Siqueira alega ter feito a paz com os *Guacupés* e *Ananás*. Os *Gurgueias* são atacados e massacrados na luta pelo Pajeú. Fogem e são seguidos por tropas da Casa da Torre, compostas de 120 cavaleiros, mamelucos e brancos; o capelão é o padre Martin de Nantes. Acontece o inevitável: o massacre de 400 índios, reduzindo à escravidão mulheres e crianças. O combate se deu a 1º / 07; sobraram 200 índios. Há dúvida sobre o local

Digitalizado com CamScanner

da luta; no rio Piauí ou na embocadura do Salitre ou, ainda, no rio Gurguéia, próximo à serra Vermelha. É por esta época que os Ávila e Mafrense penetram na região. O governador de Pernambuco doa sesmarias aos *Pimenteiras*, *Cherentes* e *Acroás*, as tribos mais antigas da região, às margens do Gurguéia. São as primeiras sesmarias da futura capitania. Cesar de Menezes autoriza Afonso Rui a mapear o Paraguaçu.

1677 - O governo do Maranhão recebe ordens para combater os *Tremembés*, na ilha do Cajueiro. Dias de Siqueira continua no arraial junto aos *Alongás*; recebe o título de capitão-mor e administrador dos índios; seus ajudantes são João Costa e Manoel Peres.

1679 - Termina uma campanha contra os *Tremembés*, dirigida por Coelho da Silva, governador do Maranhão. Estes índios cortavam o caminho para o Maranhão pelo litoral. Contra eles é enviada a expedição de Maciel Parente que os derrota, com o massacre até de crianças. De uma maloca de 300 índios escapam 37. A expedição se constitui de 30 canoas, um barco, 140 soldados e 470 índios. Sobe o rio Parnaíba e se encontra com os *Caribuces, Caicaizes, Aindoduçus, Guacinduces* e *Anaperus*. Viaja 45 dias e em agosto já está em São Luiz.

1680 - Data provável da chegada de Carvalho e Aguiar ao Brasil.

1681 - Francisco Dias de Siqueira, paulista, volta do Maranhão, em perseguição a índios. Tribos do Ceará invadem o Piauí. Velho do Vale chega à região e ataca índios na Ibiapaba.

1683 - Cardoso de Almeida chega do Rio Grande do Norte. Freire de Andrade é governador do Maranhão.

1685 - Os *Pimenteiras* se recusam a participar de bandeiras punitivas a outras tribos e abandonam as vertentes do Gurguéia; deslocam-se para a fazenda Onça, 30 léguas a leste de onde é a cidade de São Raimundo Nonato. Souto Maior é governador de Pernambuco.

1686 - As terras dos *Muipurás* são doadas a Mafrense. Os *Aranhis* ou *Aranis* recebem suas terras, doadas por Souto Maior; moram às margens do Parnaíba. *Pimenteiras, Acroás* e *Muipurás* se localizam no alto Parnaíba. Os *Acroás* vieram do médio Tocantins.

1687 - Frei Vicente do Salvador publica sua *História do Brasil*, escrita em 1627. Nela narra suas andanças pelo Piauí, as viagens de Pero Lopes de Sousa e a saga de Martins Soares Moreno, com quem teve contato direto várias vezes. É feita uma tentativa de reconstrução de um forte do delta do Parnaíba, para as lutas com os *Tremembés*. Velho do Vale atravessa o Piauí, para dominar os índios da Ibiapaba.

1688 - O padre Pedroso tenta restaurar a missão da Ibiapaba para receber mais índios; mantém entendimentos neste sentido. O índio Ururi é seu afilhado.

1690 - Pires de Brito, capitão do terço de Cardoso de Almeida, luta contra índios do Piauí e Ceará. Ascenso Gago, missionário, catequiza os *Quitaiaús* e os *Acongás*. Eles assaltavam povoados da Casa da Torre. *Tabajaras, Aroazes* e *Cupenharós* vão, com Jorge Velho, lutar nos Palmares. Os *Tabajaras* vivem há 200 anos na serra da Ibiapaba e eram chamados pelos franceses de *Miarigois*. Carvalho e Aguiar combate os *Percatis* na Bahia e sul do Piauí, por seis meses com vitória total.

1691 - Dias de Ávila é nomeado mestre-de- campo. Carvalho e Aguiar combate os *Crateús* na Ibiapaba e os vence.

1692 - Ávila continua a combater os índios. Carvalho e Aguiar constrói uma estrada às próprias custas e chega às terras dos *Alongás*, onde se encontra uma antiga aldeia

Digitalizado com CamScanner

dos *Tacarijus*, abandonada. Aí se estabelece, chamando-a de cabeça do Tapuia.

1693 - Dias d'Ávilar repele os *Acroás* que haviam ocupado Parnaguá. Depois destroça os *Cariris* e os *Picologés* do Maranhão. Os jesuítas começam a transferir 2.000 *Tabajaras* da Ibiapaba para o litoral. Anexam outras tribos como os *Rereriús* que combatem os *Guanarés*. O padre Pedroso consegue apaziguá-los.

1694 - É organizada expedição punitiva para punir as *Tremembés* e os *Icós*, considerados ladrões. Jorge Velho se refere aos *Cupenharós* e *Aroazes*.

1695 - Morre Francisco Dias d'Ávila. Carvalho e Aguiar se desloca para o Longá e aí cria nova fazenda, a Bitorocara, na junção dos rios Surubim e Longá.

1696 - Carvalho e Aguiar é visitado pelo padre Manoel Carvalho. Em sua fazenda se instala o padre Manoel de Jesus e Maria. Aldea os *Crateús* no arraial Velho (Campo Maior), os *Anacés* na Parnaíba e os *Cai-cai* no nordeste maranhense.

1697 - O padre Miguel Carvalho publica sua *Descrição do sertão do Piauí*. Nela se refere a 36 tribos (as que considera existentes), localizando-se aproximadamente. Dá 13,5% para o piauiense (população indígena). Carta régia manda construir hospícios para os catequistas; a ordem não é cumprida. Carvalho e Aguiar vai a Oeiras e recebe a patente de Coronel. Os *Aroatizes* fazem a paz com Manoel Colares. Ascenso Gago informa ter feito a paz com os *Quirateus*, *Aconguaçus*, *Aqueduçuguaras*, *Quitatoús* e *Ocongá*; estas duas últimas tribos ficam no Parnaíba.

1698 - Vivem em parnaguá os *Acroás*, *Macoazes* e *Rodeleiros*. São dirigidos pelos jesuítas e fundam a vila junto com os *Guacupés* e os *Ananás*. Índios de corso invadem o Piauí. *Acroás*, *Macoazes* e *Rodeleiros*, derrotados, fogem para o vale do Tocantins, onde fundam a capela de São José do Duro.

1699- *Acaroás* (*Coroados*), *Macoazes*, *Rodeleiros*, *Gueguês*, *Amanajós* e *Timbiras* vivem no sertão das Rodelas. João de Lencastre, governador geral do Brasil, expede ordem de guerra contra eles. Pires de Brito, já sargento- mor, combate os índios do Parnaíba. João Velho do Vale, depois de acirrado combate com os *Quiriris* nos rios Itaim e Piracuruca, regressa a São Paulo.

• Século XVIII

1700 - 400 *Paiacus* são dizimados por Morais Navarro. O padre João Tavares faz a paz com os *Barbados* e os *Tremembés*. Alguns índios são aldeados no Itapicum: são *Barbados*, *Guanarés* e *Aroás*, que, premidos pelo capitão Antônio Almeida, se apresentam a Carvalho e Aguiar, para se aldearem. Os *Cariris* se levantam no sopé da Ibiapaba e são combatidos por Pires de Brito.

1701 - Os *Tremembés* se refugiam nas matas, mas as tropas de Moraes Navarro atacam e destroem. Dias de Siqueira vence os *Curates*, os *Cupenharos*, os *Anapurus* e os *Precates*. Pires de Brito combate os *Quiriris* do Itaim e do Piracuruca; depois regressa a São Paulo.

1703 - Os *Anapurus* recebem um jesuíta enviado por Rolim de Moura, atendendo pedido deles. Solicitaram aldeamento, mas voltam às tropelias, junto com os *Cariris*.

1704 – Os *Arariús* e os *Aranis* têm suas concessões canceladas (28/03), por ordem real.

1705 - Carta régia (03/06) devolve as concessões aos *Araiús*. Índios de curso assaltam moradores.

1708 - Castro e Silva combate os *Crateús* e *Crateús-mirim*, ao lado de Carlos Ferreira.

Digitalizado com CamScanner

1709 - Os *Anapurus* assassinam o ajudante Manoel da Silva, razão pela qual 600 índios da Ibiapaba lhes dão combate.

1712 - Os índios se revoltam nas matas de Iguara e da Parnaíba. Carta régia (19/ 12) manda 400 índios do Ceará se incorporarem aos de São Luiz, para combatê-los. Ascenso Gago está em Bitorecara. O padre Demescent auxilia no aldeamento dos *Crateús* e *Araiós* no delta do Parnaíba. O padre Amaro Barbosa é martirizado. O governador do Maranhão manda Antonio da Cunha Souto Maior, mestre-de-campo da conquista do Piauí, combater a rebelião geral chefiada por Mandu Ladino. Souto Maior é morto e seus índios se incorporam às tropas rebeldes. Os *Anaiós* atacam Parnaíba. Em dezembro parte um grupo de combate para o local, sob o comando do Padre Demescent. Manoel da Silva, soldado, é assassinado pelos *Anapurus* e *Anapurus-mirim*. Tomás do Vale, fazendeiro de Biterocora, morre em luta contra Mandu Ladino, em Parnaíba.

1713 - Levante geral dos selvagens. Índios indeterminados matam Souto Maior e Tomás do Vale. Foram para o Maranhão, Tocantins e Pará: *Aboipiras*, *Aitatus*, *Amoipiras*, *Cabuçus*, *Gamelas*, *Guaranis*, *Moipiras*, *Ubirajaras*, *Jenipapos*, *Juremas*, *Timbiras*, *Anapurus*, *Sacamecrãs*, *Augutgês*, *Cherens*, *Tapacuás* e *Tapacuás-Mirim* (estas duas últimas tribos de Parnaguá). Gomes de Sá é mandado lutar contra os índios com o auxílio de Dias Mataroá e Abreu Sepúlveda, fazendeiros das nascentes do Poti. Mantêm-se nesta empresa até 1722. Frei Demescent vai ter com os *Anapurus-Mirim* e fica um ano com eles; expulsam o frade e só onze anos após voltam a ser aldeados. Os *Aranis* atacam Parnaíba e são derrotados por Carvalho e Aguiar, que volta a Bitorocara, que estava sendo atacada. Sabugosa elogia Xavier de Brito contra os silvícolas.

1714 - Os *Jaicós* sofrem com os fazendeiros que matam quatro deles. Reúnem uma tropa de 400 guerreiros e lutam contra Carvalho e Aguiar, que queria aldeá-los. Perderam 95 deles antes de se renderem. Acontece o primeiro choque entre Aguiar e a Casa da Torre, cujas tropas são dirigidas por Almeida Sepúlveda, que se curva ao dono de Bitoracara. Este ataca e controla 22 aldeias entre *Guanarés*, *Barbados*, *Potis* e *Timbiras*. Borges Marin vem da Bahia, auxilia Carvalho e Aguiar e leva para suas terras mais de 100 *Jaicós*, que aldea.

1715 - Os *Orizes* e *Procazes* são pacificados pelo padre Lassos Lima. O Conselho Ultramarino (14/04) determina que se mandem índios do Ceará para os incorporarem às tropas do Maranhão, para aumentar o efetivo legal. As tribos de Mandu Ladino oferecem grande resistência nas ribeiras do Itapicuru. Carvalho e Almeida luta contra ela até a barra do Poti.

1716 - Os *Aranhis* são combatidos por Carvalho e Aguiar. Cavalcante de Albuquerque, a mando do governo do Maranhão, se deslocam para a casa forte do Iguará, ao encontro de Aguiar, que persegue os índios de Mandu Ladino. Nova luta acontece no Porto das Barcas. Ladino cai no rio e é assassinado por Manoel Peres, soldado. Outra versão dá este fato como acontecido em 1718. Dias de Siqueira liquida os Cariris, na ribeira do Itaim.

1717 - O governo do Maranhão (28/10) aprova a guerra que Carvalho e Aguiar faz aos índios.

1718 - Carta régia manda combater os índios do corso. O governador geral do Brasil (17/11), conde de Vimloso, escreve a Francisco Mataroá, autorizando-o a entregar ao sargento-mor Francisco Xavier, os índios necessários aos combates. Por essa época, a serra da Ibiapaba é controlada por Aguiar. Carvalho de Almeida propõe ao governo do Maranhão a criação de uma tropa

Digitalizado com CamScanner

de 400 índios, além de brancos, vindos do Poti, para lutar contra os índios de corso que haviam assassinado o padre Amaro Barbosa. Francisco Xavier de Brito castiga os *Percabis*, *Gueguês* e *Aranhens* até 1723. A Ibiapaba passa à jurisdição do Piauí; nela vivem os *Tacarijus*. Peres, assassino de Ladino, recebe carta régia de agradecimento pelo fato. Rabelo Sepúlveda começa a abrir estradas para facilitar o movimento de tropas.

1719 - O governador geral manda mais de 20 índios para ajudarem o coronel Sepúlveda a abrir caminhos no Piauí, serviço logo posto em andamento. Assume o comando de tropas de conquista Xavier de Brito, que substitui Carvalho e Aguiar. Este vai para o Maranhão, onde aldea os *Guanarés*, os *Barbados* e os *Aroás*.

1720 - Garcia d' Ávila, Barbosa Rabelo, Costa Tenudo, Almeida Sepúlveda e Carvalho e Aguiar recebem ordens para destruir os índios. O padre João Guedes alegando inconveniente a anexação da Ibiapaba ao Maranhão solicita a El-rei a criação de um hospício para os jesuítas na serra. Índios de Pernambuco, mobilizados por Mataroá, chegam ao Piauí. Sousa Leal, jesuíta, vem para a região Maratanã. Índio domesticado é nomeado governador dos índios.

1721 - O Conselho Ultramarino (31/10) decide que os índios da Ibiapaba fiquem na jurisdição do Ceará, suspendendo a ordem de anexação ao Piauí. O padre Antonio de Sousa Leal (10/07) parte de Lisboa para a catequese dos índios da Ibiapaba. Carta Régia (17/03) autoriza a construção de um hospício na Ibiapaba. Assume Xavier de Brito a direção do arraial de Garcia d'Ávila, em Jerumenha. É votada verba para a construção do hospício do padre Guedes.

1722 - Os *Aranhis* e os *Anapurus* são combatidos por Aguiar. Os *Tremembés* são reduzidos e aldeados pelo jesuíta João Tavares. Os *Cupenharos* se entregam a Carvalho e Aguiar. Maia da Gama assume o governo do Maranhão.

1723 - O governo da Bahia (15/12) escreve a Garcia d' Á vila a respeito do mestre-de-campo João Dias, sobre socorro para o Piauí e pergunta o que foi feito dos *Mungurus*, pois não informara a que missão pertenciam. Coelho de Barros recebe ordens para conquistar as aldeias da ribeira do Piauí e da serra do Orobó. É aprovada provisão do governador do Maranhão, Maia da Gama, para aldear os *Tremembés* sob a custódia do padre João Tavares, tendo como principal Manoel Miguel, no Cajueiro (delta). Rolim de Moura, governador de Pernambuco, manda um jesuíta para tratar dos *Aranis*.

1724 - Os *Anapurus* são novamente aldeados por Rego Barros.

1725 - Os *Cacaizes* são pacificados. O Conselho Ultramarino (02/03) ordena ao governo de Pernambuco que mande os índios necessários à guerra no Piauí, dirigida por Carvalho e Aguiar.

1726 - Aguiar pacifica os *Aranhis*, *Barbados*, *Exotins*, *Cupenharos* e *Guanarés*. Os *Icós* e *Quixerariús* vêm do Ceará e ficam às suas ordens. Os *Aroazes* são pacificados pelo capitão Francisco de Almeida. O governador de Pernambuco acha inconveniente tirar índios da Ibiapaba para o Maranhão, porque o Piauí e o Parnaíba ficam desguarnecidos. *Jenipapos*, *Icós* e *Quixerariús* vêm do Ceará com frei Xavier de Gouveia.

1727 - Os *Cacaizes* moram em terras da Iguara, do Moni e do Itapicuru. Os *Barbados* firmam a paz com Maia da Gama, motivando a vinda de muita gente ao Piauí, cujas terras permaneciam abandonadas em face das suas correrias. João de Barros Braga vem do Ceará combater os índios do Piauí.

Digitalizado com CamScanner

1728 - Os irmãos Lopes tentam tomar a ilha do Cajueiro dos *Tremembés*. O padre João Tavares não deixa e ganha a questão. Os *Timbiras* assolam a capitania. O ouvidor da Mocha escreve ao governador do Maranhão informando sobre esta nação e dizendo estar sem soldados para combatê-la. Saiu, expulso do Piauí, frei Xavier de Gouveia, insinuador dos *Jenipapos* a não cumprirem ordens. Os *Timbiras* vinham do Ceará. Carvalho e Aguiar vai para o Maranhão e se localiza às margens do Parnaíba, a duas léguas de uma aldeia dos *Anapurus*, onde se achavam alguns *Jenipapos*. Uma comitiva cheflada por Maia da Gama visita as aldeias vizinhas e vai ter com os *Tremembés*. Com estes se achava o padre Carlos Pereira. O arraial dos Ávilas se revolta contra Xavier de Brito.

1729 - Maia da Gama nomeia oficiais para a conquista do Piauí sob o comando de Francisco de Almeida, nomeação tornada sem efeito no ano seguinte. Barros Coelho é ouvidor geral do Piauí.

1730 - Sousa e Castro combate os *Pitiguaras*. Falecem Bernardo Carvalho e Aguiar e D. José de Sousa e Castro.

1731 - Provisão Régia (31/08) ao governo do Maranhão contra a licença impetrada por Silva Pereira, morador da ribeira do Parnaíba, para fazer guerra, às suas custas aos índios *Aranhis*, *Aranis*, *Suaçuis*, *Araís*, *Anaperis*, *Anapurus* e *Itauçuis* que invadem a ribeira. A provisão foi renovada em 1733. O principal dos *Jaicós* é o índio Antônio de Sousa.

1733 - Os *Tremembés* são empossados na ilha do Cajueiro, no delta do Parnaíba. O ouvidor geral do Piauí, Barros Coelho, pede a nomeação de um capitão-mor e de uma companhia de 50 homens para a defesa da região contra roubos e assaltos dos *Timbiras*.

1739 - Carta régia (16/04) aprova guerra aos índios que hostilizam o Piauí. A carta é dirigida ao governo do Maranhão.

1740 - O padre Manoel de Matos, visitador das missões de índios do Piauí, Ceará e Maranhão, vai à aldeia da Ibiapaba e a considera a mais importante do Brasil, pelas conquistas feitas nos estados do Piauí e Maranhão. Os *Aroazes* são aldeados no riacho Caatinguinha, pelo frei Manoel da Cruz; foram dos que mais resistiram à colonização. Os *Timbiras* fazem excursão ao arraial dos Ávilas, destruindo tudo. O ouvidor da comarca averiguou que muito dos assaltos atribuídos aos *Acoroás* eram feitos por brancos que, para escaparem, jogavam a culpa nos índios.

1741 - Os *Tremembés* conservam suas terras. Deixa de administrar a serra da Ibiapaba, Carvalho de Aguiar, já falecido. A mesma volta ao domínio do Ceará e Pernambuco. Os *Gueguês* invadem a ribeira do Gurguéia e matam mais de 60 colonos. Morre Mafrense e deixa todas suas terras para os jesuítas. O índio Francisco Ferreira, em nome do Santo Ofício, procura prender possível curandeira que se dizia morar na região do Parnaguá.

1742 - Frei Manoel da Cruz funda a missão de N. S. do Desterro, no Rancho dos Patos.

1750 - Entram em guerra dos *Gueguês*, *Acroás* e *Timbiras*. Para acalmá-los, o governo do Maranhão manda frei Antônio de Freitas, sem êxito. João do Rego Castelo Branco enfrenta os índios. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, manda os Alves (Manoel e Gabriel) combaterem os *Gueguês*, *Xacriabás* e *Acroás*, que, vencidos, vão para o presídio do rio Duro.

1751 - Os *Timbiras*, já reduzidos, e os *Gueguês* são conduzidos por João do R. C. Branco. Este caçador de índios ainda combate os *Acroás*. Os *Aranhis* se aldeam em São

Digitalizado com CamScanner

Felix da Boa Vista, na foz do Balsas, no Parnaíba. Os jesuítas aldeiam parte dos *Acroás* em um lugar chamado São José.

1755 - D. José I (06/06) emancipa e torna os índios do Piauí, Maranhão e Ceará; livres, esta decisão não muda o quadro da capitania. Carta régia (04/04) declara que os vassalos do reino da América que casassem com índios não ficariam com infâmia alguma; antes se fariam dignos da real atenção para empregos, honras e dignidades. A mesma coisa para os portugueses.

1758 - Os *Aranhis* ou *Aranhins* conseguem de Lobato de Castro licença para se transportarem para São Felix da Boa Vista, nos limites de São Bento das Balsas, fugindo da tirania dos Castelo Branco. Dominam o norte e são violentos. Os *Gueguês* são combatidos por uma junta de guerra. Em São Luiz foi organizada nova campanha contra *Acroás*, *Gueguês* e *Timbiras* (estes só se entregam em 1760).

1759 - Barros Coelho solicita, novamente, como já fizera em 1733, e pede mais um regimento de cavalaria auxiliar. D. frei Antônio de São José, bispo do Maranhão, vem a Parnaguá. Por ordem régia deste ano, João Pereira Caldas inicia guerra contra os índios, embora o marquês de Pombal, por meio da lei, tenha proibido a escravidão dos mesmos.

1760 - Os *Jaicós* têm como principais Ambrósio de Sousa e Valentim de Sousa Brito; se situam no Canindé. Os *Timbiras* se rendem. Valentim de Sousa Brito substitui Ambrósio de Sousa, falecido. (03/11). Os *Pimenteiros*, procedentes de Cabrobó, se instalam às margens do Piauí, numa lagoa. Moram entre o Piauí e o Gurguéia, na serra Grande.

1761 - A carta de Galuzze localiza os *Acroás* nas vertentes do Parnaíba, os *Gueguês* entre o Uruçuí Mirim e o Uruçuí, e os *Pimenteiras* entre as nascentes do Piauí e do Gurgueia. Os *Timbiras* recebem documentos prometendo igualdade com os brancos.

1762 - Os *Jaicós* da fazenda Cajueiro são, neste ano, 354, com 26 fogos. Os *Gueguês* e *Acroás* de São João do Sende são 337. João do R. C. Branco guerreia os *Gueguês* no Gurguéia. Os *Amanajós* se aldeam em Pastos Bons. *Timbiras*, *Gueguês* e *Acroás* se rebelam. Vaguelam no sertão *Xerentes*, *Pimenteiras* e *Acroás*. Os jesuítas são expulsos do Brasil e do Piauí.

1763 - Os índios da fronteira com a Bahia são combatidos pelo governo. Os *Timbiras* são atacados por Castelo Branco que, com 100 homens, luta com os *Acroás* e associados. Chega à Ibiapaba (21/09) expedição que partira de Parnaíba no combate aos índios. Os *Amanajós* moram em suas aldeias em Pastos Bons. É aventada a idéia da criação da capitania do São Francisco, passando Pastos Bons para o Piauí, por proposta de Borges da Fonseca. Os *Amanajós*, em grande número, vêm para o Piauí. Rego Barros luta contra os índios, nomeado por Pereira Caldas.

1764 - Castelo Branco persegue os *Acroás*, *Gueguês* e *Pimenteiras*. Os *Gueguês*, praticamente, desaparecem. Foram levados para São Gonçalo de Amarante (01/04). Há concentração de tropas na foz de Gurgueia. O primeiro combate com os *Gueguês* aí se realiza. Outra versão dá à luta realizada às margens do Canindé, de abril a dezembro. Os índios haviam assaltado a fazenda de Figueira Barros. São remetidos prisioneiros para Oeiras e, logo enviados para São Luiz. O primeiro a chegar com eles foi o tenente Rodrigues Bezerra para fazer a paz, com 143 índios. Em outubro volta Castelo Branco a Oeiras. Os *Gueguês* atacam Jerumenha. Pequena maloca de *Caicaizes* se apresenta e é aldeada; é encaminhada para as Aldeias Altas e daí para São Luiz. Parte dos *Amanajós* vem do Maranhão.

Digitalizado com CamScanner

1765 - Castelo Branco parte para Paranaguá, numa segunda expedição contra os *Gueguês*. Quatro chefes índios vão a Oeiras em companhia de Rodrigues Bezerra. Conseguem a paz. O governador não concorda em combater os *Acroás*. Chegam a Oeiras cerca de 400 *Gueguês* que vão para São João do Sende, a oito léguas do norte da cidade. Manoel Matos, índio domesticado, auxilia os Castelo Branco.

1766 - É fundada a missão de São Gonçalo do Amarante, com capacidade para 2.500 índios (900 *Gueguês* e 1600 *Acroás*).

1767 - Entra em vigor o salário família para educação dos índios. Os *Jaicós* recebem escolas para seus filhos. É determinado um ataque aos *Timbiras*, não realizado. Existem ainda duas aldeias: São João do Sende e Cajueiro. As crianças índias são distribuídas pela cidade com o objetivo de aprenderem ofícios e serviços domésticos.

1768 - É criada, oficialmente, a missão de São João do Sende, sob a direção de frei Manoel de Santa Catarina, religioso de Santo Antonio (20/06).

1769 - Pereira Caldas passa o governo a Botelho de Castro. *Pimenteiras* assolam o sul piauiense e os *Acroás* agem em Parnaguá. É criada a missão de Jaicós no local Cajueiro.

1770 - *Gueguês* e *Acroás* saqueiam Parnaguá, sendo atacados nas terras ribeirinhas do Parnaíba e do Uruçuí. Os jesuítas começam a se retirar da região. Silva Pinheiro se torna o encarregado dos *Acroás*, em Amarante.

1771 - Guerra contra os *Timbiras*, dirigida por Castelo Branco, onde parte deles é derrotada e chega a Oeiras; são 118, na maioria mulheres e crianças. Os *Manajós* entram nas cogitações dos Castelo Branco, entusiasmados pelas informações de Gonçalo Paes. Os *Gueguês* são atacados e tentam escapar, mas não conseguem. Derrotados, os *Acroás* mandam seis dos seus para fazerem a paz e a obtêm sendo aldeados, eles e os *Gueguês*, em São Gonçalo do Amarante, povoação criada por Botelho de Castro, a 3 léguas e meia da foz do Mulato no Parnaíba e a menos de uma do Canindé. Foi autor desta paz o principal deles, Bruenque. Foram traídos e massacrados por Felix do R. C. Branco. O governo recomenda à Câmara de Parnaguá fornecer mantimentos à tropa de Tavares da Silva, na luta contra os *Acroás*. João do R. C. Branco, em maio, sobe pela margem direita do Parnaíba, em perseguição aos *Gueguês*, indo até o Tocantins, onde captura 120 *Timbiras* e ao regressar prendeu *Acroás* da fazenda Cajueiro, em Jerumenha. Envia tropas para evitar o levante *Gueguês*, em Parnaguá. *Timbiras* e *Acroás*, 70 ao todo, são remetidos para Aldeias Altas, por ordem do governo. *Acroás* residentes na fazenda Mato Grosso se revoltam e são aldeados em São João do Sende. Tropas de Valença, Oeiras e Jerumenha, 150 dragões, tomam Feitoria e Parnaguá, de onde desce uma multidão *Acroás* para Oeiras. Frei Francisco Tavares pede escola para os rapazes índios, como vigário de Oeiras, pois havia escolas para os *Gueguês* em São João do Sende. 434 *Gueguês* e *Acroás* se aldeam na missão de São Gonçalo do Amarante.

1772 - O ouvidor geral da capitania, Morais Durão, publica uma "Descrição da capitania de São João do Piauí". Nela informa que 7% dos habitantes são índios e se refere a 60 *Jaicós*, 252 *Gueguês*, 426 *Acroás*. Cita outras tribos. Os *Gueguês* e *Acroás* vindos do Uruçuí e do Parnaíba são aldeados. A situação fica: Amarante (343), Cajueiro (60) e São João do Sende (252 índios). *Jaicós, Gueguês* e *Acroás* somam 737 guerreiros, nestes povoados. Ao todo eram 1867 (60,5% nas fazendas e os outros aldeados). Nova entrada à procura de ouro. Os *Acroás* fogem, dirigidos por

Digitalizado com CamScanner

Bruenque, alegando falta de alimentos. São perseguidos por Felix do R. C. Branco e Teodócio e massacrados a sangue frio, mesmo os que, voluntariamente, se entregam. No final restam 57, de um total de 1.237. Bruenque morre na luta. Os últimos *Acroás* são aldeados por João do R. C. Branco, no Poti. Pereira Vilela é nomeado diretor de *Jaicós*. Os *Timbiras* atacam a fazenda Valverde, em Jerumenha, e se deslocam para o Maranhão. Os *Acroás-grande* e os *Acroás-mirim* se revoltam. Os *Gueguês* procuram refúgio em Oeiras, onde haviam chegado 118 *Timbiras* e 57 *Acroás*; são 900 entre *Acroás* e *Gueguês*. Os *Jaicós*, por ordem do governo, formam um contigente de ajuda para os Castelo Branco, que se acham em Parnaguá, em combate com os *Acroás* de Gilbués. O principal dos *Jaicós* é o índio João Ribeiro. Os *Acroás* são aldeados em junho, na lagoa do Bicho, em Gilbués. Para alimentá-los vai gado e farinha de Oeiras e Campo Maior. Botelho de Castro cria, à margem direita do riacho do Coco, hoje Mulato, a missão de São Gonçalo, com 434 índios, entre *Gueguês* e *Acroás*. Estes últimos fogem para São José do Duro.

1773 - A missão de S. Gonçalo (agora com apenas 300 índios) passa a ser dirigida por Teixeira de Novais e Alves Brandão, enquanto João do R. C. Branco procura os *Acroás* que estão foragidos. O mestiço Floriano Cardoso é nomeado capitão das aldeias dos *Jaicós*. Frei Venâncio é impedido de ministrar ofícios religiosos nesta aldeia. A mãe do soldado Salvador dos Reis, por ordem de João do R. C. Branco, vai para S. Gonçalo ensinar os *Acroás* a fiarem tecidos de algodão. Esta tribo deserta de Jerumenha e é presa, depois, em Cachoeira. Os *Pimenteiras* continuam dominando as nascentes do Piauí. Os padres Silva Pinheiro (vigário dos *Acroás*) e Francisco Tavares (dos *Gueguês*) vão para S. Gonçalo. Os índios recolhidos à cadeia de São João do Sende vão para Jaicós, onde ficam sob a direção de

Pereira Vilela. O mestiço Paz Cardoso recebe a nomeação de governador dos índios, entre os quais frei Venâncio anda operando, sem licença.

1774 - Felipe R. C. Branco, junto com o mestre-de-campo Barbosa Lima, de Balsas, Maranhão, continua a combater os *Timbiras*, em número de 157. Manda 8 para o governador Melo e Povoas, do Maranhão. Vários morrem e 85 são divididos entre Felix e Antônio, ambos R. C. Branco, que recebe a direção da missão de São João do Sende. É criado (31/01) o cargo de tesoureiro geral dos índios, tendo Estêvão Falcão para escriturar e guardar rendas e despesas. Os *Acroás* fogem, sofrendo violenta perseguição. Floriano Cardoso toma o posto principal dos *Jaicós*, em substituição a Pereira Vilela, falecido. Pereira Caldas informa que os *Acroás* são os principais índios aldeados. Informa ainda que vai fazer guerra às nações indígenas e manda João do R. C. Branco contra os *Gueguês* dos rios Uruçuí e Parnaíba. Figueira Barros, no Gurguéia, é assaltado pelos *Gueguês*.

1775 - João do R. C. Branco sai do Piauí em perseguição aos índios que fogem para o Tocantins. Fellsberto Nogueira vai atrás dos *Pimenteiras* e *Cherens* até o sul do Maranhão e norte do Tocantins. Barros Rocha substitui Pereira Vilela. D. José I deixa de julgar errado o casamento de indígenas com brancos. Toma posse a junta governativa trina do Piauí. O primeiro relatório desta junta informa:

– não há vigário com *Jaicós* e *Gueguês*;

– os *Gueguês* não podem ficar em São João do Sende, pois as terras são infecundas;

– os *Gueguês* serão levados para Campo Maior, em local às margens do Poti;

– os *Acroás* estão em boas terras e prometem duração e aumento;

Digitalizado com CamScanner

– são elevadas as soldadas pagas aos índios, pois assim ninguém quer alugar seus serviços;

– os *Gueguês* vão acabar com os quilombos (dois) existentes em Campo Maior;

– os *Tapacuás* são um ramo dos *Acroás*;

– sugere a criação de uma colônia de caráter militar para combater os indígenas que se rebelarem.

Moraes Durão desloca os *Acroás* de São Gonçalo para o riacho Muçum. O jesuíta frei Venâncio anda operando sem licença.

1776 - A junta trina governativa (1775-1797) era composta, no início, por Moraes Durão (ouvidor geral da Comarca), João do R. C. Branco (tenente-coronel) e Estêvão Falcão (vereador mais idoso). Neste ano, Moraes Durão se desentende com o tenente-coronel, é preso e remetido para São Luiz. Parte de Oeiras a primeira expedição (10/08) para punir os *Pimenteiras*. É dirigida pelo tenente-coronel, já quase cego e que logo foi substituído pelo seu ajudante Caetano de Cea. Outra expedição sai da mesma cidade (15/09) com a mesma finalidade; era composta de 134 homens armados e 40 praças de cavalaria. Antônio do R. C. Branco passa a dirigir os *Gueguês* de São João do Sende; depois substituído por Caetano de Cea. Felix do R. C. Branco captura *Timbiras* e vai ao rio Duro, atrás de *Acroás*. Subjuga 737 índios e deixa 400 mortos. Povoas começa guerra contra os *Pimenteiras* em sucessivas tentativas, comandadas por João do R. C. Branco, que dura seis anos. O governo permite que índios casados em aldeias diferentes escolham qualquer delas para sua residência. Manoel da Rocha Rajão faz guerra aos *Pimenteiras*, tentando encontrar ouro; demora nisto até 1778.

1777 - O tenente-coronel C. Branco, mesmo doente, continua a combater os *Pimenteiras*. Felix, seu filho, retira

21 casais de *Gueguês* de São João do Sende para estabelecê-los no Mutum, margem do Parnaíba, abaixo da passagem de Santo Antônio.

1778 - Rebelam-se os *Gueguês* aldeados em São Gonçalo. (09/06); vão para a Chapada Grande. São atacados por Rodrigues Bezerra. Felix C. Branco recebe a direção de São João do Sende e Vitor de Barros vai para a aldeia de S. Gonçalo. Sousa Brito é o principal dos *Jaicós*. Melo Povoas vai à vila da Mocha e aí estabelece seu quartel, tornando-se o terror do sertão.

1779 - Os índios se rebelam e invadem os currais do Alto Piauí, obrigando os fazendeiros a fugir para a Bahia. *Gueguês* de São João de Sende e *Acroás* de São Gonçalo do Amarante se rebelam contra o regime de escravidão. Os *Gamelas* assaltam Aldeias Altas, que pede ajuda ao Piauí. É adotado o regime de patrulhamento, tentando prevenir novos assaltos; o índio João Marcelino toma parte nele. O tenente-coronel C. Branco deixa a junta trina. Continua a luta contra os *Pimenteiras*; Barros Tavares é capelão da tropa. Leva 150 homens sendo 40 da cavalaria e o restante de *Gueguês*, *Acroás*, *Jaicós* e *Timbiras*, com seus chefes. É publicado o "Diário dos mais notáveis acontecimentos da guerra dos *Pimenteiras*". *Gueguês*, *Acroás* e *Jaicós*, às margens do rio Poti, alimentam a idéia de encontrar minas de ouro e esmeraldas, para satisfazer os brancos. Bezerra de Macedo é provedor da fazenda real; faz parte da junta governativa. Os *Gueguês* são derrotados entre as fazendas Jacaré e Chapada, no riacho Bacuri.

1780 - Os *Gueguês* fogem de S. Gonçalo, mas logo voltam. Os índios desta missão e da aldeia de São João de Sende se sublevam. Para aquietá-los, parte de Oeiras expedição sob o comando de Rodrigues Bezerra. Por este tempo, a caça aos índios estava aberta. O governo manda

Digitalizado com CamScanner

abrir devassa sobre os maus-tratos dados aos índios, mas João do R. C. Branco assume a responsabilidade; a devassa não resolveu nada.

1782 - Gonçalves Pedreira, principal dos índios da Viana-Mar, representa à rainha D. Maria I, contra crueldades e perseguições a índios do Piauí e do Maranhão. Grupos de índios são levados para o Maranhão pelos portugueses, arrancados de suas aldeias por Marcelino Nunes e Luiz Lecont, dos sertões de Parnaíba e Tutóia. O destino é São Luiz. Melhoram os salários dos índios; a experiência ensinou que o gentio é necessário à empresa de administração. Rodrigues de Miranda, ouvidor da comarca, integra a junta governativa.

1783 - João do R. C. Branco volta a combater os *Pimenteiras*. É a última expedição oficial. Ribeiro Soares entra no Piauí para combater estes índios nas vertentes do rio Piauí. Pires de Brito chega de São Paulo.

1784 - É organizada uma quarta expedição presumivelmente contra os *Pimenteiras*, dirigida por Ribeiro Soares e Rocha Rajão. Termina a campanha de João do R. C. Branco.

1786 - Extingue-se a missão de São João do Sende e seus índios vão para S. Gonçalo.

1788 - S. Gonçalo está em estado precário, sem roças e instrumentos de trabalho. O padre Massaroni vem de Portugal para dirigir os *Acroás* e lhes ensinar a cultura da cochonilha; a experiência fracassa. Várias tribos invadem Parnaguá: são os *Tapacuás* que reaparecem. Uma tropa de 60 homens os destroça.

1789 - Desocupam-se as terras dos *Gueguês* na ex-missão de São João de Sende. Só existem 160 índios em São Gonçalo. Os Gamelas atacam, recebem ferramentas e fogem para o Maranhão.

1790 - O governo manda índios, como soldados, para o policiamento contra excursões dos *Pimenteiras* (09/07). É uma tropa de um alferes, um sargento e oito soldados entre *Gueguês* e *Jaicós*. Os *Pimenteiras* invadem a fazenda Cavalheiro, nas nascentes do Piauí. Contra eles, parte de Oeiras o capitão Rodrigues de Miranda com 50 homens e prende 11 índios. Em companhia do capitão estavam oito *Jaicós*. Os *Pimenteiras* atacam a fazenda Conceição. O cabo Dias Soares captura 5 mulheres e 6 crianças desta tribo que leva para Oeiras.

1792 - Antônio do Rego Castelo Branco é edil em Oeiras.

1793 - Último levante de parte dos índios. Os *Tapacuás* e *Tapacuás-Mirim*, se revoltam. São derrotados por Manoel Ribeiro e fogem para o Tocantins. Este prende ainda 60 *Gamelas* e os traz para a capital.

1794 - *Gueguês*, *Acroás* e *Jaicós* abandonam suas aldeias e vivem soltos na capitania. Dos *Aroás* não se fala mais. Felix do R. Castelo Branco e José Barros recebem ordens para atacar os *Gamelas* nas Aldeias Altas; as tropas se unem em S. Gonçalo, de onde partem oficialmente, sob o comando de João do R. C. Branco. Prendem 60 índios e os levam para a aldeia, aos cuidados de Felix. Recebem ferramentas e voltam para o Maranhão.

1795 - A filha do principal de S. Gonçalo foge com um branco.

1799 - O diretor da missão do Cajueiro recebe ordens para ensinar ofícios aos índios aldeados.

• Século XIX

1803 - Cesar de Menezes cria destacamentos especiais e valentes *Pimenteiras* e *Acroás*.

Digitalizado com CamScanner

1806 - Os *Pimenteiras* invadem a ribeira do Piauí e do Gurgueia. Nas nascentes do Piauí, na fazenda Jibóia, é raptada uma criança por esta tribo; é uma filha de Dias Soares. O governador Burlamaqui faz despesas com a expedição contra estes índios. Nomeia dois comandantes para combatê-los: Cunha Lustosa para o Gurgueia; e Dias Soares para o alto Piauí. O índio Marcelino de Brito se casa (29/11) com Maria da Encarnação (alguns autores o confundem com Bruenque). É feita a primeira tentativa de ataque aos *Pimenteiras*, por Burlamaqui, proprietário na região.

1807 - Dias Soares ataca os *Pimenteiras* com três divisões e 130 homens. A luta durou várias horas. Morreram 10 índios e 11 foram presos. De janeiro a julho, Dias Soares prendeu 68 índios. Com a fuga dos restantes, Soares acampa no lugar Água Verde e fica esperando reforços.

1808 - Soares, com mais 200 homens, sai de Água Verde e vai até a lagoa Bonsucesso, onde faz três ataques consecutivos, prende 20 e bate 15 selvagens; perde 01 soldado. Regressa, por falta de mantimentos.

1809 - Cunha Lustosa ataca, com bons resultados, os *Tapacuás*. Soares faz uma terceira entrada (01/04) com 60 homens, no início. Não encontra os adversários; continuando, agora com 90 homens, chega a Água Verde. Continua e ataca em Bonsucesso (22/07). Prende 12 e morrem outros tantos. Prende ainda 9 índios adultos e 1 menino (columim). Não perseguiu os fugitivos por falta de recursos.

1810 - Dias Soares, à frente de 200 homens, protege a bacia do Piauí e prende 60 *Pimenteiras*. Jerumenha é alvo dos índios; seus currais são assaltados. Os *Pimenteiras* voltam a Parnaguá, mas são rechaçados. Os *Tapacuás*, presos por Lustosa, fogem.

1811 - Os *Pimenteiras* atacam novamente Jerumenha, terras do Gurgueia e Parnaguá. Os *Aranis* e *Crateús* atacam no Poti, em cujas cabeceiras agem os índios deste nome. *Jaicós*, *Timbiras* e *Acroás* lutam em S. Gonçalo; não aceitam o cativeiro. O governador do Maranhão ordena que se combatam os *Pimenteiras*. O índio Marcelino de Brito, principal de São Gonçalo, val a Minas Gerais se queixar ao conde de Palma, sobre maus-tratos dados aos seus companheiros. Este o manda ao Rio de Janeiro, onde é recebido pelo Príncipe Imperial, que o trata com honras e presentes.

1813 - Várias tribos se fixam nos rios Gilbués e Parnaíba, enquanto os *Pimenteiras* tentam a reconquista de Parnaguá. O índio Marcelino de Brito volta do Rio de Janeiro. Os *Pimenteiras*, sob novos ataques, são dados como extintos. São atacados por tropas de Dias Soares.

1814 - São reavivados (01/02) os rumos e limites das terras dos índios da aldeia de São Gonçalo do Amarante. Elas são devolvidas aos mesmos. Os *Airuás* habitam o sul do Piauí, ao sul dos *Gueguês*.

1816 - *Gamelas*, *Timbiras*, *Macamecrás* e *Augutgês* voltam para o Piauí.

1817 - *Tapacás* e *Maracás* se revoltam.

1819 - Bartolomeu de Carvalho é o principal dos índios das missões. Atravessam o Piauí os alemães Spix e Martius; veem vários *Pimenteiras* presos e informam ainda a existência dos *Gueguês* e *Acroás*. Borges Leal escreve sobre os índios no *Almanaque Piauiense*.

1823 - Índios da Ibiapaba são armados para combater os portugueses; 600 deles lutam na batalha do Jenipapo (13/03). Alguns, depois, fazem tropelias em Campo Maior. Borges Leal é eleito deputado às cortes de Portugal.

Digitalizado com CamScanner

1825 - Os *Acroás* subsistem em números de 45, dirigidos pelo principal Marcelino de Brito, em S. Gonçalo. Spix e Martius publicam uma carta geral da América Meridional, onde situam quatro tribos indígenas no Piauí.

1827 - Cunha Lustosa dá os *Apinajés* como mansos, ao contrário dos *Cherentes*. Informa ao governo que os *Sacamecrãs* haviam imigrado para o Maranhão. Os *Cherentes* dominam de parnaguá ao Tocantins. O presidente da província fala sobre os *Pimenteiras*, que continuam a assolar. Seis aldelas grandes e dez pequenas deles, já domesticados, se situam na ribeira do Piauí.

1828 - Schwarmann publica seu mapa sobre o Piauí, incluindo várias tribos.

1835 - Os *Gueguês* e os *Timbiras* são aldeados em S. Gonçalo; recebem lotes e ficam isentos de impostos.

1839 - Gardner chega a Oeiras.

1845 - Gardner percorre o Piauí e apenas tem notícias de índios; o único que viu lhe serviu de guia, acompanhado por um cachorro.

1849 - Os *Aroazes* foram aldeados; é o último aldeamento. A catequese dos índios é confiada a frei Monte Leoni, substituído por frei Luiz de Torino. Frei Monte Leoni, junto com frei Monte Leoni, vai ao sul da província onde se encontram índios selvagens.

1850 - Os *Acroás*, os que mais resistiram às conquistas, subsistem e moram no sertão de Jaicós. Paula Ribeiro cita *Pimenteiras* em seu roteiro, como extintos ou dispersos. Outras informações dão *Pimenteiras*, *Acoroás*, *Gueguês*, *Aroás* e *Jaicós*, vagando alcoolizados e sifilíticos, pelo sertão.

1851- Chegam ao Piauí índios do Pajeú, que são aldeados em Oeiras.

1857 - Pereira de Alencastre publica sua *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*, em que traz: cronologia da província, relação dos índios do Piauí, costumes indígenas, a conquista dos *Acoroás* e dos *Pimenteiras*.

1862 - O presidente da província oficia ao chefe de polícia para informar sobre os índios João Manoel e Maria de Tal, pais de um menor, Manoel, abandonado por eles, em Pedro Segundo.

1883 - Chegam a Teresina índios *Caraús*, da aldeia da Pedra Furada, do Tocantins. Os *Acroás* são apenas 45, dirigidos por Marcelino, seu principal.

1890 - Aparecem índios famintos em Teresina. Recebem um auxílio de 100 réis.

• Século XX

1905 - Índios *Gaviões*, vindos do Maranhão, chegam a União, que invadem. São rechaçados.

1909 - Pereira da Costa publica *Cronologia histórica do estado do Piauí*, em que conta a história dos índios, dispersa no texto. Betendorf publica: "Crônica da missão dos jesuítas do estado do Maranhão", onde fala do rio Parnaíba e das tribos do alto Longá e da barra do Poti.

1913 - Índios *Gamelas* e *Craús* vêm a Teresina e pedem auxílio ao governo; são apenas 29.

1929 - Schwennhagan publica *Antiga história do Brasil* onde relaciona 36 tribos como existentes no século XVII; faz um cálculo da população indígena para meados do século XVIII, encontrando 72.000 almas.

1953 - O padre Chaves publica *O índio no solo piauiense*. Relaciona 52 tribos.

1957 - Alberto da Costa e Silva publica *Lendas do índio brasileiro*. Fala de 54 delas.

Digitalizado com CamScanner

1966 - Odilon Nunes publica *Pesquisas para a história do Piauí*, em 4 volumes. No primeiro fala dos indígenas da capitania, sem tentar relacioná-los. Refere-se a 58 tribos.

1969 - José Camilo Filho edita *Pequena história do Piauí*. Fala dos índios e cita 31 tribos.

1984 - Castelo Branco Filho publica *O índio no povoamento do Piauí*. Cita 36 tribos.

1990 - Índios *Kraú* do Tocantins, em número de 6, estiveram em Teresina e foram recebidos na Universidade. Vinham da tribo do mesmo nome, que reside no Tocantins, onde são 800, divididos em 9 aldeias, habitando 32.000 hectares. São da etnia *Jê do Nordeste*, parentes dos *Acroás*.

Resumo cronológico

Apenas índios	- antes de 1500 - 1571: chegada de Nicolau de Resende.
Primeiros contatos	- 1571 - 1669: chegada de Mafrense.
Ocupação dos brancos	- 1669 - 1712: começa a Grande Rebelião.
A grande rebelião	- 1712 - 1718: termina a Grande Rebelião.
Novas lutas	- 1718 - 1762: os jesuítas saem do Piauí.
O genocídio	- 1762 - 1794: João do R. C. Branco deixa a vida pública.
Liquidação final	- 1794 - 1850: morre o último guerreiro índio piauiense.

Encarte onomástico

AGUIAR, Bernardo Carvalho e. Homem simples, prático e pacífico, torna-se quase lendário no vale do Parnaíba. Ajuda viagens missionárias. Auxilia viajantes que transitam e, com sacrifício, cria e perde um império na zona norte onde se situa o vale do Longá. Edifica, com determinação, o feudo da fazenda Bitorocara e perde quando sente a ingratidão dos poderosos. Nasce nos meados do século XVII, na vila Pouca de Aguiar, em Portugal. Vem para o Brasil, provavelmente, na década de 1680. Casa-se na Bahia e tem dois filhos. Isto não consegue abafar seu interesse pelo desbravamento. Suas andanças pelo norte da Bahia e a sua fixação em Bitorocara, em 1695, na confluência do Surubim com o Longá, o tornam conhecido. Recebe, em sua fazenda, a visita do padre Carvalho, em 1696. Neste ano ainda, aldeia os *Crateús* no Arraial Velho, os *Anacés* no Parnaíba e os *Cai-Cais* no nordeste maranhense. Em 1697, recebe a patente de coronel. Luta contra inúmeras tribos e nisto se torna um vencedor. Durante dez anos, agindo do sul ao norte do Piauí, enfrenta a Casa da Torre, por causa dos índios; este encontro começa em 1714 com vantagens para ele. Neste ano, Marin vem da Bahia para ajudá-lo. Há especulação e tem que retroceder, mas no final sai vitorioso. Em 1716, combate os *Aranhis*. Persegue Mandu-Ladino que foge e é assassinado no Parnaíba. Em 1718, controla a serra da Ibiapaba. Em 1719, é substituído por Xavier de Brito no comando da tropa de conquista. Em 1722, *Aranhis* e *Anapurus* são combatidos por ele, a quem os *Cupenharos* se entregam. Em 1726, pacifica *Aranhis*, *Barbados*, *Exotins*, *Guanarés*, *Icós* e *Quixerariús* vêm do Ceará e ficam às suas ordens. Sob o peso dos anos, em 1728, deixa o Piauí e vai passar o resto de sua vida não longe do Parnaíba, junto à fortaleza do Iguara. Foram mais de trinta e dois anos de luta. Falece em 1730. Guerreara, sacrificara e aldeara inúmeras

Digitalizado com CamScanner

tribos. Entres elas os *Anaçás*, *Anapurus*, *Crateús*, *Jaicós*, *Jenipapos*, *Percatis*, *Potis* e *Timbiras*. A cidade maranhense de São Bernardo, às margens do Parnaíba, tem este nome em sua homenagem.

ALBUQUERQUE, Cavalcante de. Oficial que, a mando do governo do Maranhão, em 1716, vai ao encontro de Aguiar, para ajudá-lo a combater Mandu Ladino.

ALBUQUERQUE, Francisco de. Soldado português, conhecedor de línguas indígenas. Em 1613 passa pelo litoral piauiense com Belchior Vaz e Soares Moreno. Alguns acham que era pernambucano.

ALBUQUERQUE, Jerônimo de. Militar brasileiro. Comandou uma expedição ao Piauí e depois de fundar Camocim (CE) desloca-se para o Maranhão. Foi amigo dos índios e seus filhos naturais se localizaram em Crateús e em Campo Maior, fatos realizados em inícios do século XVII, em 1613.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Historiador baiano (1831-1871). Em 1857 publica *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*, onde trata dos índios, seus costumes e crendices. Viveu no Piauí de 1851 a 1855.

ALMEIDA, Antônio. Capitão de tropas. Em fins do século XVII, persegue índios que vão se refugiar com Aguiar, no Maranhão.

ALMEIDA, Francisco de. Capitão de tropas. Pacifica os *Aroazes* em 1726. Em 1729, é nomeado comandante de conquista do Piauí, cargo em que permanece até o ano seguinte.

ALMEIDA, Manoel Carvalho de. Comissário geral da cavalaria do Piauí. Luta contra Mandu Ladino em 1715, na barra do Poti. Em 1718, propõe ao governo do Maranhão a criação de uma tropa de 400 índios para lutar contra seus congêneres.

ALMEIDA, Matias Cardoso de. Chefe do terço de combate aos índios do Piauí e Ceará. Em 1683 vem do Rio Grande do Norte.

ALMEIDA, Pedro. Governador de Pernambuco de 1676 a 1683. Doa as primeiras sesmarias no Piauí.

ALVES, Gabriel e Manoel. Irmãos moradores da capitania. Em 1751 combatem, a mando do conde dos Arcos, os *Gueguês*, *Xacriabás* e *Acroás* que, vencidos, são levados para o presídio do rio Duro.

AMANAÍRA. Nome que os índios davam ao padre Pinto, no Jaguaribe; significa "senhor da chuva".

ANDRADE, Bernardo Coelho de. Chefe de tropas que ataca os *Crateús-Mirim*, depois de 1716.

ANDRADE, Gomes Freire de. Governador do Maranhão em 1683. Julga boa a restauração da fortaleza do Periá, para combater os *Tremembés*. Recebe notícias de índios em combate com brancos no Parnaíba.

ANGULIS. Chefe dos *Aroás*. Nos fins do século XVII, se apresenta a Aguiar e solicita paz.

ARAÚJO, Fascoal Paz de. Mestre-de-campo paulista. Combate os índios de corso do Piauí entre 1672 e 1673.

ARCOS, Conde dos. Título de Marques de Noronha. Em 1750 autoriza aos Alves a combater os *Gueguês*, *Xacriabás* e *Acroás*.

ARZÃO, Braz Rodrigues de. Organizador de uma expedição punitiva aos índios, em 1671.

ÁVILA, Francisco Dias de. Capitão-mor de entrada para a zona do Gurgueia. Vem para o Piauí em 1674 e enfrenta os *Gueguês*. Em 1678, já destruíra grande parte deles. Em 1692, repele os *Acroás* e aniquila os *Cariris* e *Picologés*, no Maranhão. Continua seus combates contra os índios até 1695, quando morre. Era mestre-de-campo (desde 1691) e filho de Garcia D' Ávila Pereira, da Casa da Torre.

Digitalizado com CamScanner

BARBOSA, Amaro. Missionário. É assassinado pelos índios de corso, em 1712.

BARRO, Peres de. Residente no Tocantins; é atacado pelos *Aroquns* e *Bilreiros*, que fugiam do Piauí, em 1673.

BARROS, Antônio de Figueira. Morador da ribeira do Gurguéia. É assaltado, em 1674, pelos *Gueguês*.

BARROS, João de. Capitão de tropas. Em 1724 aldeia os *Anapurus*.

BARROS, José Coelho de. Residente da capitania. Em 1723 recebe ordens para conquistar as aldeias da ribeira do Piauí e da serra do Orobó.

BARROS, Miguel José. Residente da capitania. Em 1794, junta suas tropas com as de Felix R. C. Branco para guerrear os Gamelas.

BARROS, Rego. Morador da capitania. Em 1763, é mandado por Pereira Caldas para combater os índios.

BARROS, Vitor de. Morador da capitania. Em 1778, assume a chefia da missão da aldeia de São Gonçalo de Amarante.

BECK, Matias. Comandante holandês. Em 1649 (abril), com 3 iates, 2 barcas e 300 homens faz as pazes com os índios do Ceará e trabalha na serra da Ibiapaba, em minas de prata. Sai com a capitulação do Brasil holandês.

BELCHIOR, Padre. Companheiro de D. Severino. Morre em viagem para o Ceará, em 1626.

BETENDORF, João Felipe. Padre; escreveu *Crônicas da missão dos Jesuítas no Maranhão, em 1909*; nela fala sobre os índios da Ibiapaba, que já eram cristãos quando os portugueses ali chegaram.

BEZERRA, João Rodrigues. Tenente das tropas de combate aos índios. Em 1764, leva 143 prisioneiros para Oeiras, de um total de 350. Em 1765, foi a esta cidade com 4 chefes que desejavam a paz. Os índios, que são *Gueguês*,

queriam auxílio para lutarem com os *Acroás*, o que não conseguiram. Em 1778, ataca os *Gueguês* revoltados em São Gonçalo. Em 1780, combate os índios subelevados desta missão e de São João de Sende.

BOTELHO, Diogo. Governador de Pernambuco. Em 1607, diante do fracasso de Pero Lopes, resolve mandar missionários para o Piauí, com a missão de devolver os índios escravos e não trazer soldados para não atemorizar os que haviam ficado na Ibiapaba.

BRAGA, João de Barros. Coronel comandante de uma expedição que veio do Ceará pelo Jaguaribe, para combater os índios do Piauí, em 1727.

BRANCO, João do Rego Castelo. Capitão e depois coronel da conquista dos índios. É atrabiliário e cruel. Não se interessava em aldeá-los ou catequizá-los, mas em massacrá-los para obter dados sobre supostas minas de ouro e pedras preciosas. Sua ação começa em 1750 e se torna uma sequência de violência, de massacres e de ferocidade. Pereira Caldas o apóia e, quando deixa o governo, seu substituto é dominado por ele. Com a saída de Botelho de Castro, em 1775, é criada uma junta governativa trina da qual faz parte e da qual expulsa o ouvidor Morais Durão em 1776. Torna-se um ditador. Durante sua ação direta, luta com inúmeras tribos e entre elas, os *Gueguês*, os *Timbiras*, os *Jaicós* e, principalmente, os *Pimenteiras*. Em 1751, combate *Timbiras*, *Gueguês* e *Acroás*. Em 1762, age novamente contra os *Gueguês*. Em 1763 é a vez dos *Timbiras*. Em 1764 luta contra *Acroás*, *Gueguês* e *Pimenteiras*. Em 1765 outra vez contra os *Gueguês*. Em 1771, prende 118 *Timbiras* e persegue os *Amanajus* e ataca os *Acroás*. Em 1772, situa *Acroás* no Poti e recebe a ajuda de um contingente de *Jaicós* para lutar contra os *Pimenteiras*. Em 1775, persegue índios que fogem para o Tocantins. Em 1777, ainda combate, mesmo doente,

Digitalizado com CamScanner

os *Pimenteiras*. Faz tanto contra o gentio, ele e seus filhos e prepostos que, em 1780 (deixara a junta em 1779) o governo acorda e manda abrir devassa sobre o trato dos indígenas. O homem é poderoso e temível: assume a responsabilidade dos fatos e todos se calam. Em 1783, vai novamente contra os *Pimenteiras*. Em 1794, junto com seu filho Felix e com Rego Barros, ataca os *Gamelas*, nas Aldeias Altas. São seus filhos: Antônio, Felipe e Felix que, em nada divergem do pai, em suas ações.

BRANCO, Antônio do Rego Castelo. Filho de João do R. C. Branco. Em 1776, é chefe dos *Gueguês* em São João de Sende. Em 1792, é edil em Oeiras.

BRANCO, Felipe do Rego Castelo. Filho de João do R. C. Branco. Em 1774, combate os *Timbiras*.

BRANCO, Felix do Rego Castelo. É o mais cruel dos filhos de João do R. C. Branco e, provavelmente, o mais velho. Em 1771, ataca os *Acroás*, depois de ter a paz com os mesmos. Em 1772, luta outra vez contra esta mesma tribo em companhia de Teodósio e de um total de 1.237 só escapam 57 índios; no massacre morre Bruenque. Em 1777, retira 20 casais de *Gueguês* de São João de Sende e leva-os para o Mutum. Em 1778, recebe a direção desta missão. Recebe, em 1784, ordens para atacar os *Gamelas*, nas Aldeias Altas, sob a responsabilidade de seu pai e prende 60 deles, que leva para S. Gonçalo.

BRANDÃO, Antônio Alves. Morador da capitania. Em 1773 dirige, com Teixeira de Novais, a missão de São Gonçalo de Amarante.

BRITO, Francisco Xavier de. Sargento-mor e diretor do arraial dos Ávila, organizado por Sepúlveda, às margens do Gurguéia. Em 1718, ataca os *Percatis* e luta contra eles os *Gueguês* e *Aranhis* até 1723. Em 1719 ou 1721, substitui Aguiar como mestre-de-campo das tropas de conquista. Em 1726, seu arraial se revolta.

BRITO, João Marcelino de. Índio principal de S. Gonçalo, onde se casa em 1806 (29/11). Em 1812, vai a Minas Gerais e se queixa ao conde de Palma que o envia ao príncipe-regente. É bem recebido. Em 1825, chefia uma aldeia de *Acroás*; eram 45. Encontrou-se com Gardner, em S. Gonçalo, em data não conhecida. Alguns autores o confundem com Bruenque.

BRITO, João Pires de. Capitão do terço de Cardoso de Almeida, em sua luta contra os índios do Piauí e do Ceará. Vem de São Paulo em 1683. Em 1699, combate ainda contra os selvagens do Parnaíba. Já sargento-mor, luta em 1700 contra os *Cariris*, subelevados no sopé da Ibiapaba.

BRITO, Valentim de Sousa. Principal dos Jaicós em 1760; substitui a Ambrósio de Sousa, falecido neste ano.

BRUENQUE. Chefe índio *Acroá*. Em 1771, faz a paz com os brancos, mas é traído por Felix do R. C. Branco. Neste ano é autor de uma proeza: tendo ido a São Luiz reclamar contra maus-tratos e não sendo atendido, volta e caminha 30 léguas em apenas 24 horas, para fugir com seus índios. A fuga se deu em 1772, da aldeia do Mulato. São perseguidos, presos e mortos a sangue frio, por Felix. Morre na luta, mas há autores que o dão ainda vivo em 1773, como preso e acorrentado em São Gonçalo.

BURLAMAQUI, Carlos Cesar. Proprietário de terras, em 1806, na região onde hoje fica Caracol. Possuía mais de 35 fazendas de gado. É capitão de infantaria e assume o governo da capitania de 1806 a 1810. É português e cavaleiro de Cristo. Em 1806, nomeia dois comandantes para combater os índios: Cunha Lustosa para o Gurgueia e Dias Soares para o alto Piauí.

CABRA AZUL. Índio filho de chefe *Tabajaras*. Em 1608, protege o padre Figueira em sua saída da Ibiapaba para o Ceará.

Digitalizado com CamScanner

CALDAS, João Pereira. Primeiro governador da capitania (1759 a 1769). Em 1763, nomeia Rego Barros para combater os índios. Em 1774, informa ter aldeado os *Acroás*. Foi dominado por João do R. C. Branco. Morre, em Lisboa, como general.

CALHEIROS, Domingos Barbosa. Bandeirante paulista que, em 1658, se aventura a combater os índios do Piauí. Sua expedição fracassa.

CARDOSO, Floriano da Paz. Mestiço; nomeado em 1773 capitão da aldeia dos *Jaicós*. Em 1774, assume o posto de principal da mesma, com o falecimento de Vilela.

CARVALHO, Alexandre Bartolomeu de. Diretor dos *Jaicós*. Em 1819 é tenente das tropas independentes.

CARVALHO, Domingos Rodrigues de. Capitão de ordenanças do distrito da Casa da Torre. É destacado, em 1669, para libertar o sertão do São Francisco dos selvagens que assolavam por aí. Em 1674, em perseguição a estes, penetra no sertão piauiense, pelo vale do Gurguéia. É provável que Jorge Velho fosse seu auxiliar nesta entrada.

CARVALHO, Miguel. Padre visitador. Em 1696, visita Aguiar, em Bitotocara. Funda, em 1697, a capela de N. S. da Vitória, origem da vida da Mocha. Escreve, neste ano, uma *Descrição do sertão do Piauí*, onde relaciona 36 tribos localizadas na região.

CASTRO, Gonçalo Pereira Botelho de. Governador do Piauí (1769-1779). Funda a missão de São Gonçalo de Amarante, 1771. É dominado pelos Rego Castelo Branco. Foi no seu governo que mais sofreram os índios.

CASTRO, Gonçalo Pereira Lobato de. Governador do Maranhão. Autoriza, em 1758, os *Aranis* e os *Aranhis* a se mudarem para São Felix da Boa Vista, para fugirem dos Rego Castelo Branco.

CASTRO, João de Sousa e. Índio civilizado e cavaleiro da ordem de São Tiago. Foi governador da serra da Ibiapaba. Combate os *Pitiguares*, pouco antes de falecer, em 1730.

CATARINA, Manoel dos Santos. Frei religioso de Santo Antonio, diretor da missão de São João de Sende, quando de sua criação em 1760.

CEA, Caetano de. Ajudante dos Rego C. Branco. Substitui, em 1776, a Antonio do R. C. Branco, como diretor dos *Gueguês*, em São João do Sende.

COELHO, José de Barros. Ouvidor geral do Piauí de 1720 a 1753. Pede a nomeação de um capitão-mor e de uma companhia de 50 homens para combater os *Timbiras*. Em 1759, solicita novos reforços, como um regimento de cavalaria auxiliar.

COLARES, Manoel. Morador da capitania. Em 1697, pacifica os *Aroatizes*.

CORIJUS. Chefe dos Guanarés. Em fins do século XVII, se apresenta a Aguiar e pede aldeamento para sua tribo.

COSTA, Estanislau. Índio *Gueguê*. Em 1790, é soldado para combater os *Pimenteiras*.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Historiador pernambucano (1851-1923). Em 1909, publica *Cronologia histórica do estado do Piauí*, onde fala dos indígenas piaulenses.

COSTA, João. Capitão de infantaria; em 1677, é ajudante de Dias de Siqueira, vencedor dos *Guacupés* e *Ananás*.

CRUZ, Manoel da. Bispo do Maranhão. Criou a freguesia de N. S. da Conceição dos Aroazes, em 1740. Fazendo visita pastoral, em 1742, ao norte do Piam. Instalou a freguesia de N. S. do Desterro, no Rancho dos Patos.

Digitalizado com CamScanner

DEMESCENT, Lino. Franciscano capitão de tropa. Auxilia Aguiar. Aldea, em 1712, no Arraial Velho, os *Crateús* e os *Araiús*. Nesse mesmo ano, em setembro, chefia uma tropa que ia em defesa dos parnaibanos contra *Anacés* atacantes. Em 1713, se hospeda com os *Anapurus-Mirim* por um ano.

DIABO GRANDE. Chefe *Tabajara*. Em 1604, é derrotado por Pero Lopes de Sousa, em companhia de outros; entre eles, o maior deles, Ubaúna. Em 1607, se torna amigo dos padres Pinto e Figueira, quando da visita dos mesmos à Ibiapaba.

DIABO LIGEIRO. Irmão de Diabo Grande (1607-1608). Recebe do padre Pinto o título de alcaide das aldeias *Tabajaras*.

DIAS, João. Mestre-de-campo; em 1723, trabalha com Garcia d'Ávila Pereira.

DURÃO, Antônio José de Moraes. Ouvidor geral da capitania. Em 1772, escreveu uma descrição onde relaciona algumas tribos do Piauí. Enumera *Jaicós* (60), *Acroás* (424), *Gueguês* (252) e outros (*Aroazes*, *Pimenteiras*, *Longás*, *Crateús* e *Paracatis*). Faz parte, em 1775, da junta trina governativa. Desentende-se com João do R. C. Branco, é destituído da junta em 1775 e levado preso para São Luiz. Ainda em 1775, desloca os *Acroás* de São Gonçalo para o Muçum.

FALCÃO, José Esteves. Juiz ordinário em 1753. Em 1774, é tesoureiro-geral dos índios. Faz parte, em 1775, da junta trina, como vereador mais velho.

FELIX, Antônio. Índio *Gueguê*. Em 1790, é soldado para combater os *Pimenteiras*.

FERREIRA, Braz. Índio domesticado que, em 1765, coopera com os Castelo Branco.

FERREIRA, Carlos. Governador do Ceará. Como capitão combate os *Crateús-Mirim*, em 1708, junto com Castro e Silva.

FERREIRA, Francisco. Índio domesticado que, em 1741, a mando do Santo Ofício, persegue curandeiras em Parnaguá.

FIGUEIRA, Luiz. Missionário português, nascido em 1574 ou 1576. Tornou-se jesuíta em 1592. Veio para o Brasil dez anos depois. Foi designado, junto com o padre Pinto para visitar os índios da Ibiapaba e em 1607 chegaram os dois à serra com 60 índios e fizeram amizade com os *Tabajaras*, com quem passaram cinco meses. Desceram a serra e acamparam em Abayara. Assistiu (11/01/1608), sem poder fazer nada, o assassinato cruel do padre Pinto, pelos *Tacarijus*. Voltou aos *Tabajaras* e depois a Recife (PE). Escreveu uma *Relação do Maranhão: relatório da tragédia*, em 1608. Vai a Portugal, de onde regressa com 15 novos missionários. Percorre o norte brasileiro e vai morto também por índios selvagens do Pará, os *Aruás*.

FILIPE IV. Rei da Espanha (1605-1665). No ano de sua morte exortava os vice-reis: "Sabeis muito bem que por numerosos decretos, eu e os reis meus antecessores, temos ordenado que os índios destas províncias gozem de uma inteira liberdade e não sirvam senão como os outros vassalos livres de meus reinos". Portugal e Brasil pertenciam à Espanha na época.

FRANCISCO. Índio *Cariri*, maioral dos *Rodelas*, em 1674.

FREITAS, Antônio de. Missionário jesuíta; em 1750, é mandado para catequizar *Gueguês*, *Acroás* e *Timbiras*.

GAGO, Ascenso. Missionário jesuíta. Em 1690, catequiza os *Quitatus* e os *Alongás*, na Ibiapaba. Em 1697, é diretor da missão que ia do Aracati ao Timbira. Neste ano, apazigua os *Quirateús*. Em 1712, visita Aguiar.

GAGO, Bernardo Pereira. Filho de Garcia d'Ávila Pereira. Fundou, em 1742, Abelheiras e Foge Homem, nas terras dos Longás.

Digitalizado com CamScanner

GALANTI - missionário. Em 1638, se refere à doação recebida por Maciel Parente. Esta doação tem seus limites no rio Paraguaçu (Parnaíba).

GALUZZE, Henrique. Engenheiro alemão. Em 1761, organiza um mapa do Piauí (Carta geográfica da capitania do Piauí e das extremas de seus limítrofes) onde localiza os *Acroás*, os *Gueguês* e os *Timbiras*.

GAMA, João da Maia da. Governador do Maranhão (1722 a 1729). Faz a paz com os *Barbados* neste mesmo ano. Em 1728, visita Aguiar e os *Tremembés*. Em 1729, nomeia oficiais para a conquista do Piauí, sob o comando do capitão Francisco de Almeida.

GARDNER, George. Naturalista inglês (1812- 1849). Chega a Oeiras em 1839. Em 1945, percorre a província, com um índio e um cachorro a lhes servirem de guia. Encontrou-se com Marcelino de Brito em Amarante. Publicou *Viagem pelo interior do Brasil*.

GONÇALO, Alberto. Índio *Jaicó*; sargento das tropas de assalto aos *Pimenteiras*, em 1790.

GOUVEIA, Euzébio Xavier de. Missionário. Em 1726 vem de Pernambuco com os *Jenipapos*, os *Jaicós* e os *Quixerariús*. É expulso do Piauí, como insinuador dos índios a não obedecerem a ordens, em 1728. Pertencia à confraria de N. S. das Mercês.

GUEDES, João. Padre jesuíta. Em 1720, solicita a criação de um hospício para a ordem da serra da Ibiapaba. Em 1721, é votada verba para esta finalidade.

HERCKMAN, Elias. Chefe de uma expedição holandesa que vem ao litoral piauiense. Em 1641, procura minas que interessassem aos batavos. Entra em contato com os índios. Faz pesquisas à procura de prata no local Enjeitado, hoje município de Castelo.

JACAÚNA. Chefe indígena. Faz amizade com Soares Moreno; na expedição de Pero Lopes, em 1603.

JOÃO, Padre. Companheiro de Dom Severino, em 1626. Morre na viagem para o Ceará.

JOSÉ I. Rei de Portugal (1714-1777). Em 1755, emancipa e torna livres todos os índios do Piauí, Maranhão e Ceará. No mesmo ano, deixou de condenar casamento entre as duas etnias: branca e índia. Cria a cidade de Oeiras e expulsa os jesuítas do Brasil.

JOSÉ, Alexandre. Índio *Jaicó*. Soldado em 1790, na luta contra os *Pimenteiras*.

JOSÉ, Antônio de. Frei; bispo do Maranhão. Em 1759, vem ao Piauí e a Parnaguá, em catequese.

LADINO, Mandu. Também chamado Manu-Ladino. Índio criado por Jesuítas. É pernam-bucano, provavelmente *Arani*. Chefia a rebelião de 1712, no Piauí e envolve as tribos do sul e do centro. Revela-se um ótimo estrategista. Aniquila a primeira tropa que o enfrenta, matando seu chefe, Souto Maior, e incorpo-rando seus índios. Em 1715, luta no Itapicuru e se desloca para o Poti. Em 1716, é combatido por Aguiar. Cai no Parnaíba, em luta no Porto das Barcas e é assassinado por Manoel Peres. A revolta aborta.

LEAL, Antônio de Sousa. Padre jesuíta. Estava no Piauí em 1720. Em 1721, vai a Lisboa, de onde volta à catequese dos índios da Ibiapaba; exerce-a por 18 anos. É clérigo do hábito de São Pedro.

LEAL, Miguel de Sousa Borges. Deputado às cortes em 1823. Escreve em 1819 sobre os índios em geral no *Almanaque Piauiense*.

LECONT, Luiz. Funcionário do governo do Maranhão. Em 1728, leva Indígena para São Luiz, em parceria com Marcelino Nunes. É acusado de torturador.

LEITE, Antônio José. Índio *Gueguê*. Em 1790, incorpora-se aos soldados na luta contra os *Pimenteiras*.

Digitalizado com CamScanner

LENCASTRE, João de. Governador geral do Brasil, de 1694 a 1702. Em 1699, expede ordem de guerra contra os índios.

LEONI, Lourenço de Monte. Missionário; em 1849, lhe é confiada a catequese dos índios. É substituído por frei Luiz de Torino. Auxiliado por frei Molineto, vai ao sul da província, limites com Tocantins, onde havia índios ferozes.

LIMA, Francisco Barbosa. Mestre-de-campo de Balsas (MA). Em 1774, combate os *Timbiras* e prende 157. Manda 8 para o governador Melo e Póvoas. É seu companheiro de comando Felipe do R. C. Branco.

LIMA, Lassos. Jesuíta. Em 1715, pacifica os *Orizes* e os *Procazes*.

LISBOA, Cristóvão de. Verdadeiro nome do frei Severino. Vai a São Luiz em 1626. Os índios matam seus dois companheiros, os padres João e Belchior.

LOPES, Irmãos. São três (João, José e Manoel). Em 1728, tentam tomar a ilha do Cajueiro dos *Tremembés*. Em 1731 é expedida ordem de prisão contra eles.

LUSTOSA, José da Cunha. Coronel comandante de Parnaguá (1755-1827). É o terceiro com o mesmo nome e não chega ao governo por causa da idade. Em 1806, é nomeado por Burlamaqui. Em 1808, se prepara para atacar os *Tapacuás*. Prende muitos que são bem tratados; mas fogem em 1810. Em 1822, dá as seguintes informações: os *Cherentes* são bravos, ao contrário dos *Apinajés*. Os *Pimenteiras* continuam lutando.

LUZ, Manoel da. Índio Jaicó. Em 1790, incorpora-se como soldado à expedição contra os *Pimenteiras*.

MACEDO, Domingos Bezerra de. Vereador de Oeiras. Faz parte da junta trina governativa que, em 1775, substitui Botelho de Castro. É provedor da fazenda real, em 1779, quando Moraes Durão deixa a junta e é seu sucessor. Alguns escreveram seu segundo nome como Barreiras.

MAFRENSE, Domingos Afonso. Desbravador português. Seu nome correto é Domingos Afonso Sertão. É chamado Mafrense por ter nascido em Mafra (Portugal). Vassalo da Casa da Torre vem perseguindo índios, para o Piauí, entre 1669 e 1671. Em 1686, recebe terras que pertenciam aos *Muipurás*. Constrói inúmeras fazendas e, ao falecer em 1741, deixa tudo para os jesuítas.

MAIOR, Antônio da Cunha Souto. Mestre-de-campo da conquista do Piauí. A mando do governador do Maranhão combate os índios revoltados de 1712. Faz uma limpeza inicial onde perde o grosso de sua tropa, mas escapa. No ano seguinte há uma traição dos gentios e é assas-sinado. Seus índios aderem a Mandu Ladino.

MAIOR, João da Cunha Souto. Governador de Pernambuco, em 1685. Convida Jorge Velho a combater os quilombos. Em 1686 dá terra aos *Aranhis*.

MANDIARÉ. Índio *Tabajara*, da Ibiapaba. Em 1687, recebe de Diabo Grande os padres Pinto e Figueira e vai com eles para seu acampamento no Poti.

MANUEL, João. Índio procurado pela polícia, em 1862, por ter abandonado seu filho do mesmo nome em Pedro Segundo. Desaparece junto com a esposa, Maria.

MARATANÃ. Índio domesticado. Foi governador dos índios, em 1720, no Piauí.

MARCELINO, João. Nome pelo qual é mais conhecido João Marcelino de Brito.

MARIA I. Rainha de Portugal. Recebe, em 1782, representação contra crueldades praticadas contra os índios, enviada pelo principal de Viana-Mar, Gonçalves Pedreira.

MARIA, Manoel de. Capelão, em 1712, da tropa de Souto Maior.

Digitalizado com CamScanner

MARIA, Manoel de Jesus e. Capelão adjunto da missão anti-indígena de Souto Maior. Foi sacerdote de Bitorocara, em 1696, substituído por Diogo de Trindade.

MARIN, Antônio Borges. Rico proprietário baiano. Atende ao chamado de Aguiar e vem ajudá-lo em 1714. A 20/12 leva e aldea em suas terras mais de 100 *Jaicós*.

MARTIUS, Carl Friedich Phillip Von. Naturalista alemão (1784-1868). Atravessou o Piauí em 1819, em companhia de Spix. Vê vários *Pimenteiras* presos, localiza os *Jaicós* em S. Gonçalo e os *Timbiras*, *Acroás* e *Gueguês* em N. S. das Mercês. Escreveu sobre a etnografia brasileira.

MASSARONI, Domingos. Padre enviado por Portugal, em 1768, para ensinar os *Acroás* a colher e trabalhar cochonilhas. É candidato a diretor dos *Jaicós*.

MATAROÁ, Francisco Dias. Governador dos índios do Brasil de 1713 a 1722. Combate-os auxiliado por Abreu Sepúlveda e Gomes de Sá. Mantém a luta enquanto governador. Em 1718, recebe ordens do conde de Vimioso para entregar Francisco Xavier. Os índios necessários ao combate.

MATOS, Manoel de. Índio domesticado. Em 1765, coopera com os Castelo Branco.

MATOS, Manoel. Visitador jesuíta das missões dos índios do Ceará, Piauí e Maranhão. Considera, em 1740, a da Ibiapaba, como a mais importante do Brasil.

MEL REDONDO. Chefe *Tabajara*. Em 1604, é derrotado por Lopes de Sousa, em companhia de outros, entre os quais, o maior deles, Ubaúna.

MENESES, Pedro César de. Governador do Maranhão. Em 1676, manda o capitão Afonso Rui descobrir e mapear o rio Paraguaçu (Parnaíba). A expedição encontra índios.

MENEZES, Pedro José César de. Governador do Piauí de 1803 a 1806. Cria, em 1803, departamento permanente

para reprimir os *Acroás* e *Pimenteiras*, em suas constantes excursões.

MIARIGOIS. Nome pelo qual os franceses, quando ocupavam São Luiz, chamavam os índios.

MIGUEL, Manoel. Principal da ilha do Cajueiro, em 1723.

MIRANDA, Inácio Rodrigues de. Ouvidor da comarca, de 1762 a 1783. Forma a junta trina governativa em 1782. Em 1790 parte de Oeiras com 50 homens e prende 11 *Pimenteiras*. Em sua companhia vão 8 *Jaicós*.

MOLINETO, Apolônio de. Frade ajudante de frei Leoni, em 1849, em sua ida ao sul da província, onde existiam índios selvagens.

MORENO, Martim Soares. Soldado da tropa de Lopes de Sousa. Em 1604, estava com ele na Ibiapaba. Faz outra excursão em 1613 (vem na nau S. Catarina com 25 soldados e índios). Em 1616, faz tratado de paz com os *Tremembés*. Em 1626, comanda o presídio do Ceará.

MOURA, Rolim. Governador de Pernambuco em 1723. Manda um jesuíta para cuidar dos *Aranis*.

MURIRIBA. Chefe *Tabajara*. Foi nomeado por Vidal de Negreiros propor a paz aos índios da Ibiapaba, em 1655. Nove meses depois, já em 1656, é encontrado pelos padres Tomé Ribeiro e Sebastião Teixeira. Havia feito a paz com os *Tremembés*.

NANTES, Martin de. Capelão da Casa da Torre. Não evita o massacre dos *Gurguéias*, em 1676, nas cabeceiras do Piauí. É capuchinho francês.

NASSAU, Maurício de. Príncipe holandês (1604-1679). Chefiou o Brasil batavo de 1637 a 1644. Manda ao litoral piauiense Elias Herckman, em viagem exploratória.

NAVARRO, Moraes. Chefe de tropa. Em 1700 destrói e dizima 400 *Palacus*. Em 1701, luta contra os *Tremembés*.

Digitalizado com CamScanner

NEGREIROS, André Vidal de. Governador do Maranhão. Em 1667 manda Muririba para Pernambuco com grande comitiva e soldados. Encontram índios e jesuítas na Ibiapaba.

NOGUEIRA, Felisberto Francisco. Capitão de tropas. Em 1775, persegue os *Pimenteiras* e os *Cherentes* até o sul do Maranhão e norte do Tocantins.

NORONHA, Marcos de. Conde dos Arcos e governadores de Pernambuco. Em 1750 manda os Alves combaterem os *Gueguês*, *Xacriabás* e *Acroás*.

NOVAIS, Antônio Teixeira de. Principal, juntamente com Alves Brandão, em 1773, da missão de S. Gonçalo.

NUNES, José Marcelino. Funcionário do governo do Maranhão. Em 1782, junto com Luiz Lecont, leva índios da Parnaíba para São Luiz. É acusado de torturas contra os selvagens.

NUNES, Manoel. Missionário. Voltava, em 1655, para São Luiz, quando se encontra com os padres Ribeiro e Teixeira, no litoral piauiense. Era seu companheiro de viagem o padre Antonio Vieira.

PAES, Gonçalo. Morador do sul do Piauí. É quem informa, em 1771, aos Rego Castelo Branco, sobre riquezas presumíveis dos *Manajús*. Outros autores dão seu nome como Gonçalo Lourenço.

PARAPOPAIA. Chefe dos *Barbados*. Em fins do século XVII, se apresenta a Aguiar com seus índios e pede aldeamento.

PARENTE, Bento Maciel. Governador do Maranhão. Em 1638, recebe terras que têm por limites o Paraguaçu (Parnaíba). Em 1679, comanda expedição contra os *Tremembés*. Parte de São Luiz chefiando uma tropa de 30 canoas e uma barca, com 100 soldados e 400 índios domesticados. Ataca os *Tremembés* na foz do Parnaíba, massacrando-os. De uma maloca de 300 guerreiros escapam 30 crianças. Navega pelo rio e reconhece seu curso inferior. É o mesmo Vital Maciel Parente.

PARENTE, Estêvão Ribeiro Baião. Organizador, em 1671, de uma expedição punitiva aos índios.

PAULO III. Papa. Seu nome era Alexandre Farnese (1468-1549). Edita a bula *Veritas Ipsa*, a 09/06/1537. Onde informa que "os índios das Américas eram homens, gente, e como tal, senhores de seus bens, de sua vida e liberdade."

PEDREIRA, Gonçalo. Principal dos índios de Viana-Mar. Em 1728, oficia à rainha Maria I contra crueldades praticadas nos índios do Piauí, Ceará e Maranhão.

PEDROSA, Pedro. Missionário jesuíta da Ibiapaba. Em 1688, tenta restaurar a missão e chega a manter entendimentos nesse sentido. Infelizmente, morre antes de conseguir o que queria.

PEDROSO, Manoel. Jesuíta da Ibiapaba. Em 1693, apazigua os *Rereriús*, os *Guanarés* e os *Aconguaçus*.

PEREIRA, Carlos. Jesuíta. Vive com os *Tremembés*, em 1728.

PEREIRA, Garcia D'ávila. Foram quatro com este nome. O primeiro veio de Portugal com Tomé de Sousa, em 1549. Morreu em 1609 depois de fundar a Casa da Torre, na Bahia. Seu filho do mesmo nome (o II) foi coronel e cavaleiro da Ordem de Cristo. É um dos organizadores da invasão do Piauí, em fins do século XVII. Em 1723, é pressionado pelo governo baiano para que informe sobre *Mungurus*. Foi pai de Francisco Dias d'Ávila (que veio ao Piauí, aqui viveu e morreu em 1695). Os outros (o III e o IV), filho e neto do II, não se interessaram por esta região.

PEREIRA, José Gomes. Índio *Gueguê*. Em 1790, é soldado e toma parte na expedição contra os *Pimenteiras*.

PEREIRA, Manoel da Silva. Morador das margens do Parnaíba. Em 1731, faz, com licença real, guerra aos

Digitalizado com CamScanner

Aranis, *Anaperis*, *Anapurus*, *Arais*, *Guanarés*, *Iauçus* e *Suaçuis*, que invadiam fazendas de gado da ribeira.

PERES, Francisco Dias. Capitão de infantaria. Em 1617, é ajudante de Dias de Siqueira, vencedor dos *Guacupés* e *Ananás*.

PERES, Manoel. Soldado português. É o assassino de Mandu Ladino, em 1716. Recebe, em 1718, carta real de agradecimento pelo fato.

PESTANA, Baltazar. Capitão-mor. Vem por terra de São Luiz do Maranhão a Pernambuco, com 200 soldados e 100 índios. A viagem dura 5 meses em 1613.

PINHEIRO, José da Silva. Jesuíta missionário. Em 1770 é encarregado dos *Acroás*. Ainda neste ano, vai até S. Gonçalo, com frei Tavares.

PINTO, Francisco. Missionário jesuíta de família nobre, nascido na Ilha Terceira, nos Açores, em 1552. Não tinha 17 anos quando chegou à Bahia. Tornou-se jesuíta em 1568. Se fez padre em 1588. Esteve doente em 1582, quando foi visitado por Anchieta. Em 1607, a mando do governo de Pernambuco, em companhia do padre Figueira, sobe a serra da Ibiapaba. Os dois alcançam os *Tabajaras* nesta serra e com eles permanecem 5 meses, convivendo com Diabo Grande, cacique dos mesmos. A 17/10/1607 partem para a costa, descem a serra e vão acampar no boqueirão do Poti, no local Abayara ou Ibiara, onde constroem capela, distante 15 a 20 léguas das aldeias *Tacarijus*. A 11/01/1608 são atacados por estes e o padre Pinto é assassinado com requintes de selvageria. Foi enterrado ao pé da serra, em Abayara. Tinha 55 anos.

POVOAS, Joaquim de Melo. Capitão e depois general. Governador do Maranhão por mais de 10 anos, a partir de 1774. Neste ano recebe 8 *Timbiras* mandados por Felix do R.C. Branco e Barbosa Lima. Em 1778, vem à

vila da Mocha e aí estabelece seu quartel, tornando-se o terror do sertão.

RABELO, João Barbosa. Capitão de tropa. Combate os índios de 1720 a 1722.

RAJÃO, Manoel da Rocha. Soldado. Em 1775, começa guerra contra os *Pimenteiras*, à procura de ouro. Toma parte na 4ª expedição contra estes índios. Em 1784 é cabo.

REIS, Salvador dos. Soldado. Em 1773, sua mãe é mandada por João do R. C. Branco para S. Gonçalo para ensinar os *Acroás* a fiar e tecer algodão.

RESENDE, Nicolau de. Explorador, naufraga em 1571, no litoral piauiense. Vive com os *Tremembés* por 16 anos, com alguns compa-nheiros. Visita as lagoas do Cajueiro e do Buriti.

RIBEIRO, Francisco de Paula. Militar português das tropas situadas no Maranhão. Em 1815, escreveu um roteiro de estradas que partindo de São Luiz ia ter ao Rio de Janeiro. Cita os *Pimenteiras* e outras tribos.

RIBEIRO, João. Principal dos *Jaicós*, em 1772.

RIBEIRO, Manoel. Chefe de tropas. Em 1793, ataca os *Tapacuás* e *Tapacuás-Mirim* e os aniquila. Os remanescentes fogem para o Tocantins.

RIBEIRO, Tomé. Padre e companheiro de Sebastião Teixeira. Partem de São Luiz, em 1655, para Camocim, numa sumaca. Voltam com eles os padres Nunes e Antônio Vieira.

ROCHA , João da. Índio Jaicó. Em 1790, toma parte como soldado, em expedição contra os *Pimenteiras*.

ROCHA, Vitor de Barros. Substituto de Pereira Vilela, em 1775, na chefia dos *Jaicós*.

ROSA, Belchior da. Índio. Em 1607, é intérprete do padre Figueira.

Digitalizado com CamScanner

RUI, Afonso. Chefe da expedição que, em 1676, explora e mapeia o rio Paraguaçu (Parnaíba).

SÁ, Francisco Gomes de. Primeiro coronel contra os índios. É mandado em 1713, com a ajuda de Mataroá e Sepúlveda, a combatê-los. Luta contra eles até 1722.

SABUGOSA, Conde de. Mandatário português. Em 1712, Xavier de Brito é elogiado por ele, pelos seus sucessos.

SALVADOR, Vicente de. Catequista português. Em 1603, está na Ibiapaba. Em 1627, escreve uma História do Brasil, que é publicada em 1687.

SCHWARMANM, Jos. 1º tenente do exército bárbaro. Publica, em 1828, uma "Carta geográfica da Província do Plauí". Nela relaciona quatro tribos: *Acroás*, *Gueguês*, *Jaicós* e *Pimenteiras*.

SCHWENNHAGEN, Ludwig. Pesquisador austríaco. Deve ter vindo para o Plauí em 1910. Era professor. Escreveu *Antiga História do Brasil*, publicada em 1928. Cita 36 tribos piauienses. Estima em 72.000 almas e população indígena do Plauí para meados do século XVIII. Consta ter estado nas nascentes do Parnaíba. São desconhecidas as datas do nascimento e morte.

SEPÚLVEDA, Alexandre Rabelo. Coronel de tropas, ligado à Casa da Torre. A partir de 1718, começa a abrir estradas para o Piauí, trabalho que continua no ano seguinte. Encontra-se com Aguiar.

SEPÚLVEDA, Manoel de. Sargento-mor. Instala o arraial dos Ávilas, em 1720. Combate os índios de 1713 a 1722, no Piauí. Pertencia à Casa da Torre.

SEPÚLVEDA, Miguel de Abreu. Morador da ribeira do Parnaíba. Junto a Mataroá e a Gomes de Sá combate os índios em 1720.

SEPÚLVEDA, Miguel de Almeida. Capitão de tropas da Casa da Torre. Entra em choque com Carvalho e Agular e se curva aos seus poderes, em 1714.

SERRA, Julião Afonso. Sertanista, irmão de Domingos Mafrense. Em1669, vem com ele para o Piauí.

SEVERINO, Frei. Nome pelo qual é conhecido frei Cristóvão de Lisboa, em 1626.

SILVA, Castro e. Bandeirante, Combate os *Crateús* e *Crateús-Mirim*, em 1708, junto com Carlos Ferreira.

SILVA, Francisco Dias da. Militar. Com Rodrigues de Carvalho como ajudante, ataca os índios do rio Salitre, em 1674. Eles fogem para o Piauí.

SILVA, Inácio Coelho da. Governador do Maranhão em 1679. Termina a campanha contra os *Tremembés*.

SILVA, Manuel da. Ajudante de campanha assassinado pelos *Ararius* em 1709. Um seu homônimo é assassinado também, em 1712, pelos *Anapurus* e *Anapurus-Mirim*.

SILVA, Sebastião Tavares da. Chefe de tropa. Em 1771, recebe reforço para continuar a luta contra os *Acroás*.

SIQUEIRA, Francisco Dias de. Capitão-mor e administrador. Em 1674, conquista os *Guacupés* e *Ananás*, ao sul do Piauí. Constrói o arraial dos paulistas, entre o Sambito e o Canindé, junto aos *Longás*, em 1672. São seus auxiliares João Costa e Dias Peres. Em 1701, reprime os índios de Parnaíba: *Precates*, *Cupenharos*, *Anapurus*, *Curates* e *Quiriris* (estas duas últimas tribos do Poti e do Piracuruca). Em 1716, liquida os *Quiriris* na ribeira do Itaim.

SOARES, José Dias. Comandante militar. Como cabo, em 1790, captura 5 mulheres e 5 crianças *Pimenteiras* e as leva para Oeiras. Em 1807, é designado por Burlamaqui para combater os *Pimenteiras* que haviam raptado uma filha sua Faz pelo menos quatro expedições às nascentes do Piauí à procura da tribo. Em 1807, com 3 divisões e 130 homens, segue para o teatro das operações. Mata 10 e aprisiona 11 índios. Depois captura mais 68. Em fins de 1808, com 200 homens vai até a fazenda Água Verde e depois à lagoa do

Digitalizado com CamScanner

Bonsucesso. Faz três ataques e prende 26 índios, abatendo 15. A 1º/04/1809, faz uma terceira tentativa: vai novamente à fazenda Água Verde com 90 homens. Os índios fogem, mas consegue prender 12, outras tantas mulheres e um culumin. Diversifica o combate no médio Piauí, prendendo 60 *Caraíbas*, à frente de 200 homens. Em 1813, uma quarta expedição é organizada para aniquilar os *Pimenteiras* da região. Fixa-se em Caracol e se torna fazendeiro, dando origem a famílias locais.

SOARES, Manoel Ribeiro. Bandeirante. Chega ao Piauí em 1783. Combate os *Pimenteiras*, aldeados nas cabeceiras do rio Piauí. Chefia uma expedição contra eles em 1784. Derrota em 1793 os *Tapacuás* e *Tapacuás-Mirim*, que fogem para o Maranhão.

SOUSA, Ambrósio de. Principal dos *Jaicós*, em 1760. Por seu falecimento, é substituído por Sousa Brito.

SOUSA, Antônio de. Principal dos *Jaicós*, em 1731.

SOUSA, Pero Lopes de. Aventureiro e explorador pernambucano (outra versão dá seu nome como Pero Coelho de Sousa). Chega ao litoral piauiense em 1604, com Soares Moreno. Domina a Ibiapaba e conta 70 aldeias. Vem até o Arabé e luta contra os *Tabaujaras*, prendendo seus chefes (Ubaúna, Diabo Grande e Mel Redondo). Tenta atingir o Punaré (Parnaíba), mas suas tropas se revoltam. Volta para Pernambuco, levando índios cativos. Seu regresso se deu em 1605.

SPIX, Johann Baptist von. Naturalista alemão. Atravessa o Piauí, em 1819, em companhia de Martius. Publica junto com este, uma *Carta geral da América meridional*, onde situa quatro tribos indígenas no Piauí. Morre em 1827, em Munich (Alemanha).

TAL, Maria de. Esposa de João Manoel, índia e mãe de um garoto, que ela e o marido abandonam em Pedro II, em 1862. É procurada pela polícia.

TUTUPAPUCU. Índio amigo do padre Pinto. Era *Tabajara* e deve ter sido assassinado com ele, em janeiro de 1608.

TAVARES, Francisco. Vigário dos *Gueguês*, em princípios do século XVIII. Em 1771, pede escola para os índios, como vigário de Oeiras.

TAVARES, João. Jesuíta. Em 1722, aldea os *Tremembés*. Seu aldeamento é aprovado em 1723, na ilha do Cajueiro, delta do Parnaíba. Em 1728, ganha questão contra os Lopes, sobre a posse da ilha.

TEIXEIRA, João de Barros. Jesuíta. Capelão da expedição contra os *Pimenteiras*, em 1779.

TEIXEIRA, Sebastião. Padre e companheiro de Tomé Ribeiro. Em viagem feita a Camocim, em 1656, volta a São Luiz com Muririba e com os padres Manoel Nunes e Antônio Vieira. A viagem dura 53 dias.

TEODÓSIO. Preposto dos R. C. Branco. Em 1772, ataca, acompanhando Felix R. C. Branco, os *Acroás*.

THEVET, André de. Religioso franciscano francês, capelão das tropas de ocupação de São Luiz. Primeiro missionário a pisar o Piauí, em 1585. Esteve com os *Tocarijus* nos fins do século XVI. Escreveu *Os franceses nas Américas*.

TORRE, Casa da. Organização baiana criada pelo 1º Garcia d'Ávila, em Tatuapara, sertão da Bahia. Dela vieram os primeiros desbravadores do Piauí: os três Domingos. Os *Quitiaús* e os *Ocongás* viviam atacando suas terras, no rio São Francisco.

TORINO, Luís de. Frei catequista substituído em 1849, por frei Leoni, nesta função.

UBAÚNA. Chefe *Tabajara*. Em 1604, é aprisio-nado por Lopes de Sousa. Com sua prisão se rendem os outros chefes: Mel Redondo e Diabo Grande.

Digitalizado com CamScanner

URURY, Agostinho. Afilhado *Tabajara* do Padre Pedroso, em 1688.

VALE, João Velho do. Bandeirante. De 1682 a 1698 lutou no Piauí. Em 1681 ataca os índios da Ibiapaba. Em 1699, combate os *Quiriris*. Pratica abusos. Falece em Salvador, em sua volta para São Paulo. Construiu estradas.

VALE, Tomás do. Fazendeiro de Bitorocara. Morreu em 1712, na luta contra Mandu Ladino, no norte do Piauí. Um seu homônimo é assassinado pelos índios, em 1713. Era soldado.

VAZ, Belchior. Pernambucano. Cabo de esquadra de Soares Moreno. Junto com Francisco Albuquerque, visita o litoral piauiense em 1613.

VELHO, Domingos Jorge. Bandeirante paulista. Chega ao Piauí em 1622. Há dúvidas por onde penetrou na capitania: pelo vale do Gurgueia acompanhando Rodrigues de Carvalho; pelo alto Canindé, dando origem ao povoado Paulista, ou pelo boqueirão do Poti. Encontra-se com Mafrense na embocadura deste rio, em data desconhecida. "...foi o primeiro na implantação dos currais e o primeiro proprietário de Teresina" (MELO). Em 1690 parte para os Palmares (PE) e leva consigo *Tabajaras*, *Cupenharos* e *Aroazes*.

VENÂNCIO, Frei. Jesuíta. Em 1775, andava operando sem licença.

VIEIRA, Antônio. Missionário. Em 1656, na volta para o Maranhão encontra os padres Ribeiro e Teixeira. Funda uma escola na Ibiapaba, com 2.000 índios, neste mesmo ano.

VIEIRA, Manoel. Índio *Jaicó*. É alferes na luta contra os *Pimenteiras*, em 1790.

VILELA, Manoel Pereira. Jesuíta. De 1772 a 1774 é diretor dos *Jaicós*. Em 1773, recebe *Acroás*. Falece em 1774.

VIMIOSO, Conde de. Governador geral do Brasil. Em 1718, escreve a Mataroá para entregar a Francisco Xavier os índios necessários aos combates.

XAVIER, Francisco. Sargento-mor das tropas contra os índios. Em 1718 recebe reforços de Mataroá, por ordem do conde de Vimioso.

Encarte corográfico

ABAYARA. Local no boqueirão do Poti, ou próximo a ele, onde, em 1607, construíram os padres Pinto e Figueira, para tomar contato com os *Tacarijus*, uma capela distante 15 a 20 léguas de suas malocas. Aí foi assassinado o padre Pinto por estes índios, a 12/01/1608. Era conhecido ainda por Ubiara. Neste local foi enterrado o padre Pinto.

ABELHEIRAS. Uma das fazendas pertencentes à Casa da Torre. Situa-se em terra dos *Longás* e sua criação vem de 1692, com Bernardo Pereira Gago, da organização baiana. Seu nome se origina por terem ali os jesuítas encontrado colméias de abelhas.

ÁGUA VERDE. Sítio nas nascentes do rio Piauí. Nele, em 1807, Dias Soares acampa, para combater os *Pimenteiras*.

ALDEIAS ALTAS. Local do estado do Maranhão. Hoje é a cidade de Caxias.

ARABÉ. Rio afluente do Piracuruca. Em 1604, Lopes de Sousa nela fez arraial para atacar os *Tabajaras*.

ARRAIAL DOS ÁVILA. Fazenda fundada pelos Ávila, provavelmente por Dias D'Ávila, em 1674. Com a morte deste, o arraial passa para Xavier de Brito. Troca de nome em 1740. Hoje é a cidade de Jerumenha.

ARRAIAL DOS PAULISTAS. Arraial instalado por Dias de Siqueira, em 1674, entre o Sambito e o Canindé. Nele

Digitalizado com CamScanner

esteve Jorge Velho, antes de 1890. Daí ele partiu para os Palmares. Localização hoje desconhecida.

ARRAIAL VELHO. Local, onde, em 1696, Aguiar instala uma maloca de *Crateús*. Fica próximo a Bitorocara e é, muito provavelmente, um dos núcleos que deram origem a Campo Maior.

BACURI. Rio do sul da capitania, de localização duvidosa. Deve ser afluente do Gurgueia; nele se situam os sítios Jacaré e Chapada, existentes em 1779.

BITOROCARA. Fazenda construída por Carvalho e Aguiar, em 1696. Fica na junção dos rios Surubim e Longá. É ajudado nesta fundação por Dias de Siqueira. É a origem, junto com o Arraial Velho, da cidade de Campo Maior.

BONSUCESSO. Lagoa nas nascentes do Piauí, onde vivia parte dos *Pimenteiras*. O nome parece ter sido dado por Dias Soares. Chamou-se depois de Formiga. Deve ser a lagoa de Caracol.

BURITI. Lagoa Grande do Buriti ou apenas Grande. É uma das maiores da capitania. Fica no Longá e foi explorada por Nicolau de Resende, em 1571.

CAATINGUINHA. Riacho afluente do Sambito. Em 1740, o bispo do Maranhão, d. Manoel da Cruz, aí instala a missão de N. S. dos *Aroazes*, com índios desta tribo. Hoje é a cidade de Valença.

CABEÇA DO TAPUIO. Fazenda construída por Carvalho e Aguiar, em 1695, aproveitando uma maloca abandonada dos *Tacarijus*. É citada por Manoel Carvalho. Hoje é a cidade de São Miguel do Tapuio.

CABROBÓ. Sertão de Pernambuco, sem limites determinados. De lá, vêm, segundo a tradição, em 1760, os *Pimenteiras*.

CACHOEIRA. Arraial do rio Gurguéia, próximo a Jerumenha. É assaltada pelos *Acroás*, em 1773.

CAJUEIRO. Ilha, lagoa e aldeias da capitania.

• ilha do delta do Parnaíba, habitada pelos *Tremembés* antes de 1571. Em 1722, os índios são orientados pelo padre Tavares e conseguem aldeamento, que é aprovado no ano seguinte. Em 1728 os índios são atacados pelos irmãos Lopes, mas conseguem se manter. Hoje, pertence ao Maranhão.

• lagoa ribeirinha do rio Parnaíba, entre as cidades de Luzilândia e Joaquim Pires. É provável que tenha sido visitada por Nicolau de Resende e pelos *Tremembés*, depois de 1751.

• aldeia no município de Jerumenha. Aí residem *Acroás*, que são aprisionados, em 1771, pelos Rego C. Branco.

• outra aldeia, no Itaim. Foi criada em 1679, por Botelho de Castro. Hoje é a cidade de Jaicós.

CANABRAVA. Brejo da região de Castelo e de São Miguel do Tapuio, onde, em princípios do século XVII, moravam os *Tacarijus*. Ficava próxima a Canto.

CANTO. Brejo na região de Castelo, onde moravam os *Tacarijus*, em inícios do século XVII, próximo a Canabrava.

CARACOL. Lagoa do município de Caracol. Deve ser a lagoa do Bonsucesso ou Formiga, onde se situava uma aldeia dos *Pimenteiras*, em 1808.

CAVALHEIRO. Sítio nas nascentes do Piauí. É invadido pelos *Pimenteiras*.

CHAPADA. Sítio no riacho Bacuri. É assaltado em 1779 pelos *Gueguês*, que são derrotados.

CONCEIÇÃO. Sítio nas nascentes do Piauí. É assaltado em 1790 pelos *Pimenteiras*, que são derrotados por Dias Soares, que captura cinco mulheres e seis crianças.

ENJEITADO. Região do município de Castelo. Aí, em 1641, o holandês Herckmann explorou o solo à procura de minas de prata, acompanhado por índios.

Digitalizado com CamScanner

FEITOSA. Sítio ocupado por índios na região de Parnaguá. Em 1771, tropas de Oeiras, Valença e Jerumenha tomam o sítio, prendendo os selvagens.

FOGE HOMEM. Uma das fazendas da Casa da Torre. Situa-se nas terras dos *Longás* e sua criação data de 1692, com Bernardo Pereira Gago, filho do dono da entidade baiana.

FORMIGA. Nome que tomou a lagoa Bonsucesso, depois de 1808. É a atual lagoa de Caracol.

GRANDE. Chapada entre o Parnaíba e o Uruçuí. Para aí fogem os *Gueguês*, em 1778, saídos de S. Gonçalo.

IBIAPABA. Serra que separa o Piauí do Ceará. Entre 1718 e 1741, esteve sob a jurisdição de Carvalho e Aguiar. Aí moravam os *Tabajaras* e outras tribos tupis desde o século XVI.

IGUARA. Matas do delta do Parnaíba, do lado maranhense. Era habitada por índios, em 1712. Entre 1720 e 1728, nela se instala Carvalho e Aguiar, fundando uma fazenda. É, provavel-mente, a origem de São Bernardo, cidade maranhense.

IRAUÇUBA. Brejo da região de Castelo e São Miguel do Tapuio. Aí moravam os *Tacarijus*, nos princípios do século XVII.

ITAIM-AÇU. Nome antigo do rio Poti. O Itaim-Mirim era o Itaim afluente do Canindé.

JACARÉ. Fazenda às margens do riacho Bacuri. Em 1779 os *Gueguês* são derrotados aí. Talvez seja a origem de Elíseu Martins.

JENIPAPO. Rio afluente do Longá. Em 1823, tropas brasileiras e portuguesas se enfrentaram em seu leito. 600 índios tomam parte na luta, em favor dos primeiros; depois ficaram assolando Campo Maior.

JIBOIA. Fazenda da ribeira do Gurgueia. Aí, em excursão anterior a 1807, os *Pimenteiras* raptam uma filha de Dias Soares.

LAGOA. Brejo da região do médio Poti, entre Castelo e São Miguel do Tapuio; aí moravam os *Tacarijus*, nos fins do século XVI.

LAGOA DO BICHO. Sítio na zona de Gilbués. Em 1772, aí são aldeados os *Acroás*.

MOCHA. Riacho afluente do Canindé. Em 1687, é instalada nele a primeira vila piauiense, sob a proteção de N. S. da Vitória. Em 1701, se torna a cidade de Oeiras.

MATO GROSSO. Fazenda do alto Gurguéia. É residência dos *Acroás*; em 1771, se revoltam e são aldeados em São João do Sende.

MUTUM. Sítio e riacho afluente do Parnaíba, a jusante da Passagem de Santo Antônio. Em 1775, é levada para o sítio uma parte dos *Acroás*. Em 1777, 20 casais de *Gueguês* são transportados para o local, para reforçar a população. Também é conhecido por Muçum.

NOSSA SENHORA DO DESTERRO. Missão fundada em 1742 por D. Manoel da Cruz, no local Rancho dos Patos, para índios da Ibiapaba. Hoje é a cidade de Castelo.

NOSSA SENHORA DOS AROAZES. Missão fundada em 1740 por d. Manoel da Cruz, no riacho Caatinguinha, afluente do Sambito. Hoje é a cidade de Valença.

ONÇA. Fazenda situada a 30 quilômetros de onde hoje é a cidade de São Raimundo Nonato. Aí se fixam os *Pimenteiras* em 1685.

OROBÓ. Serra ao sul do Piauí, provavelmente na fronteira baiana. Coelho de Barros, em 1723, recebe a missão de conquistar índios nesta serra.

PAJEÚ. Região do Maranhão. Em 1676, os *Gueguês* lutam, são atacados e massacrados por tropas da Casa da Torre, neste local. Índios daí vão para Oeiras em 1851.

PARAGUAÇU. Nome dado por Maciel Parente, em 1620, ao Parnaíba, quando lutava com os índios em sua foz. Era o nome usado pelos *Tremembés* para o rio.

Digitalizado com CamScanner

PARAOAÇU. Outra versão de Paraguaçu, mais usada por Maciel Parente, em1620.

PARNAGUÁ. Cidade e lagoa do Piauí. Sua origem é a de aldeia indígena fundada em 1696 pelos jesuítas e índios *Acroás*, *Macoazes*, *Rodeleiros*, *Guacupés* e *Ananás*.

PASSAGEM DE SANTO ANTONIO. Ponto do rio Parnaíba, no roteiro de Oeiras para Caxias, em 1775.

PASTOS BONS. Cidade maranhense. Em 1763, aí moravam duas malocas de *Amanajós*, que vieram para o Piauí.

PEDRA FURADA. Maloca dos índios do Tocantins. Índios dela vêm a Teresina, em 1883.

PERIÁ. Fortaleza que deve ter existido no delta do Parnaíba onde até 1928 havia ruínas. Em 1883, Freire de Andrade propõe sua restauração para combater os *Tremembés*.

PORTO DAS BARCAS. Ponto do braço do Iguaçu, no delta parnaibano. Em 1716, neste local, Mandu Ladino, índio chefe de grande rebelião, cai no rio e é assassinado pelo soldado Manoel Peres. Hoje faz parte da cidade de Parnaíba.

POUCA DE AGUIAR. Vila de Portugal onde, em meados do século XVII nasce o sertanista e colonizador Bernardo Carvalho e Aguiar, que vem a falecer no Piauí, em 1730.

RANCHO DOS PATOS. Local no vale do Poti, onde em 1742, D. Manoel da Cruz funda a missão de N. S. de Desterro, para instalar índios. Hoje é a cidade de Castelo.

ROÇA VELHA. Brejo da região do boqueirão do Poti, entre Castelo e São Miguel do Tapuio. Aí moravam índios, entre os quais os *Tacarijus*, em princípios do século XVII.

RODELAS. Sertão ao sul do Piauí, atingindo a Bahia. Aí moravam, em 1699, *Acroás*, *Macoazes*, *Rodeleiros*, *Gueguês*, *Amanajós*, *Timbiras* e, provavelmente, *Rodelas*.

SALITRE. Rio afluente do Parnaíba, de localização duvidosa. Em 1674, Dias d'Ávila combate os *Gueguês* em suas margens. É possível ser um rio baiano, afluente do São Francisco.

SANTA FÉ. Rio afluente do Parnaíba; localização duvidosa. Deve ficar próximo do Salitre. Em 1674, Dias d'Ávila luta contra os *Gueguês*, às suas margens.

SÃO FELIX DA BOA VISTA. Sítio na confluência do Balsas com o Parnaíba. Em 1751 aí se aldeam os *Aranhis*. A licença para se instalarem é concedida em 1758. É onde hoje fica a cidade de Uruçuí.

SÃO FRANCISCO XAVIER. Missão indígena da serra da Ibiapaba. É fechada, atrabiliariamente, em 1658, pelo governador do Maranhão.

SÃO GONÇALO DE AMARANTE. Missão indígena situada a léguas da foz do Mulato (àquele tempo, riacho dos Cocos) e a menos de uma do Canindé. Foi fundada em 1771, quando *Gueguês* e *Acroás* são aí aldeados. Antes, em 1764, já havia um aldeamento irregular no local. É movimentada em 1773 (300 índios), em 1778 (fogem os *Gueguês*), em 1780 (última revolta) e em 1786 (recebe índios de São João de Sende). Quando de sua fundação possuía 434 índios.

SÃO JOÃO DE SENDE. Missão indígena criada em 1768. Ficava a 8 léguas ao norte de Oeiras. Em 1785, chegam aí 400 *Gueguês*. É extinta em 1786 e seus índios vão para a missão de São Gonçalo de Amarante. As terras são desocupadas em 1789. Volta a ser habitada e passa a pertencer ao município de Amarante. Muda o nome para Arraial e, em 1963, é elevada a cidade.

SÃO JOSÉ. Local não identificado onde, em 1751, os jesuítas aldeam os *Acaroás*.

SÃO JOSÉ DO DURO. Arraial indígena no Tocantins. É fundado em 1698 por *Acroás*, *Macoazes* e *Rodeleiros*,

Digitalizado com CamScanner

que fogem do Piauí. Em 1750, recebe outros índios que fugiam dos Alves.

SÃO LUIZ. Brejo entre Castelo e São Miguel do Tapuio, onde, em fins do século XVII, moravam os TACARIJUS.

TIRIRICA. Brejo na zona de Castelo, limites com São Miguel do Tapuio, onde, em fins do século XVII, moravam tribos e, entre elas, os *Tacarijus*.

UBAJARA. Gruta da serra da Ibiapaba, do lado cearense. Nela foi sepultado, em 1608, o padre Pinto, assassinado pelos *Tacarijus*; segundo Studart, esta opinião é errônea.

UBIARA. Outro nome de Abayara, onde foi assassinado o padre Pinto, em 1608.

VALVERDE. Fazenda de Jerumenha, atacada em 1772 pelos *Timbiras*, que daí vão para o Maranhão.

O ÍNDIO

Digitalizado com CamScanner

Etnias

Alencastre(1857), depois de residir no Piauí de 1851 a 1855, fala sobre os costumes dos índios. Infelizmente, se basela em Gabriel Soares, cujo tratado de 1587 cuida do assunto com desconhecimento pessoal, traz os costumes deste grupo que chama de nação e diz ser a mais numerosa do Brasil.

É impossível examinar os costumes de todas as raças, nações e tribos. Sendo assim, será feito um resumo das quatro grandes etnias, citadas por Ramos, com base neste autor e complementado com dados colhidos em Metraux e Pinto. São elas: a TUPI-GUARANI (ou simplesmente TUPI), a JÊ, a CARAÍBA (ou CARIBE) e a CARIRI, raças que tiveram representantes na colônia, capitania e província piauiense.

Algumas tribos praticavam a escravidão e outras, sem confirmação oficial, eram dadas como antropófagas. Estes dados não serão considerados.

1. TUPI

a) características raciais:
- altura: 1,80 m.
- cabelos: lisos.
- cabeça: comprida
- nariz: afilado.
- face: larga.
- pele: amarelo-bronzeada.
- olhos: aparência mongólica.

b) localização geográfica: litoral ou perto.

c) habitação: as aldeias ou malocas se constituíam de 4 a 5 cabanas formando retângulos, com praça central (ocara), nas vizinhanças de rios, cada maloca comportando 50 a 200 habitantes. Mudavam de local de 5 a 5 anos normalmente.

Digitalizado com CamScanner

d) aparência: cortavam o cabelo da cabeça e depilavam o do corpo. As mulheres deixavam crescer o cabelo, que lavavam pela manhã e pintavam com óleo de coco e urucu. Possuíam ornamentos de penas coloridas. Andavam nus, mas tinham protetor para o sexo.
e) alimentação: caça e pesca (sete tipos: a linha e anzol, com arpão, com cabaça ou urupema, de barragem e a mão). Tinham agricultura. Plantavam mandioca (dois tipos), milho e batata.
f) cultura: usavam um tambor feito de tronco de árvore, escavado a fogo; era obtido de um pedaço de madeira girando sobre peça horizontal também do mesmo material. Confeccionavam redes, bancos e cadeiras.

Nos combates usavam lanças e tacapes; as primeiras podiam levar material inflamável nas pontas. Usavam troféus de guerra: as cabeças dos inimigos eram espetadas na entrada da maloca.

Fumavam cachimbo nas cerimônias.

2. JÊ

a) Características raciais:
- altura: 1,58 m
- cabelos: lisos
- cabeça: comprida ou redondada.
- nariz: afilado ou chato
- face: média
- pele: amarelo-clara
- olhos: aparência mongólica

b) localização geográfica: interior, expulsa do litoral, pela Tupi.
c) habitação: abrigo simples, com paraventos. Poucas malocas. Dormiam em catres. A rede aparecia raramente.
d) aparência: os cabelos eram cortados formando coroas de frade (daí serem chamados seus índios de coroados).

Alguns tingiam o corpo todo. Usavam batoques nos lábios e orelhas. Colocavam penas no corpo. Andavam nus, com proteção para o sexo.
e) alimentação: caça e pesca. Usavam veneno na pesca. Não tinham anzóis, mas era comum pescar com uma espécie de tarrafa rudimentar. Agricultura incipiente. O fogo não era comum. Tinham um processo característico para guardar alimentos: um forno (uma escavação onde eles eram colocados em camadas e cobertos com terra).
f) cultura: não conheciam tecidos. Fumavam cachimbo nas festas. Possuíam canoas de junco ou de cascas. Eram bons cantores. Viviam em constantes lutas com os vizinhos. Fabricavam uma bebida feita de jurema, estimulante, usada principalmente antes dos combates. As armas eram o arco e flecha para a caça e para a guerra.

3. CARAÍBA

a) características raciais:
- altura: 1,50 m
- cabelos: ondulados
- cabeça: média
- nariz: convexo
- face: média
- pele: argilo-amarelo-cinzenta
- olhos: sem traços mongólicos

b) habitação: malocas circulares com casa de dança.
c) localização geográfica: sul do Piauí.
d) aparência: andavam nus, com pequenos dispositivos de proteção ao sexo. Cabelos tonsurados. Mulheres com os cabelos da frente em franjas. Pintura no corpo, com desenhos lineares. Pequenas tatuagens.
e) alimentação: coleta de caça e pesca. Desconheciam o anzol. Pequena agricultura: mandioca, milho e feijão.
f) cultura: redes, esteiras e abanadores de palha. Cuias feitas

Digitalizado com CamScanner

de cabaças. Canoas fabricadas de casca de jatobá. Hábeis canoeiros. Falavam língua diferente. Usavam arco e flecha. Faziam machados de pedras e furadores.
g) informação adicional: Humboldt, que visitou o Piauí em 1.800, assim se referiu aos Caraíbas;
"Uma raça diferente de todos os demais índios, tanto por sua inteligência como por sua robustez, estatura e proporcionadas formas. Em parte alguma cheguei a observar índios com tal regularidade de feições. Seus olhos revelam inteligência e o hábito de raciocinar e refletir. De graves maneiras, nobres semblantes, se dão de importância. E com seus adornos e modos desdenhosos manifestam sua superioridade." (Colhida em Lima Figueiredo).

4. CARIRI

Pouco conhecida. Habitavam do Paraguaçu ao São Francisco, vindo até ao Gurupi. Aproximavam-se, culturalmente, dos *Tupis*. "Conheciam a agricultura, embora mais rudimentar que a destes últimos; faziam redes de algodão e conheciam uma cerâmica rudimentar" (NUNES).

Cabe aqui uma das conclusões de Angyone Costa: "Os indígenas encontrados pelos europeus no Brasil não se achavam em estado de regressão social; sim no de evolução gradativa, interrompida, subitamente, pelo aparecimento do homem branco em nosso continente".

Nações

Não se sabe quantas nações indígenas existiram no Piauí. Sem fronteiras definidas àquela época, a região serviu de corredor de migrações e a maioria delas se deslocou de tal maneira que, às vezes, malocas de uma mesma tribo eram encontradas separadas, longe de suas pastagens habituais.

A classificação em quatro grandes grupos foi feita em função das características raciais (quando possível), da posição geográfica de contato, informações coevas e outros dados indicadores.

Independente desta classificação genérica para os índios brasileiros, é possível afirmar que, no Piauí, se desenvolveram e ainda existiam quando os brancos chegaram, grandes nações indígenas subdivididas em inúmeras tribos. Entre elas se destacam quatro nações JÊ (*Acroá*, *Gueguê*, *Jaicó* e *Timbira*), uma TUPI (*Tabajara*), uma CARIRI (*Tremembé*) e uma CARAÍBA (*Pimenteira*).

Não eram nômades na expressão correta da palavra, mas possuíam uma área de atuação bem ampla e distribuição geográfica de difícil delimitação. O seu nomadismo é consequência das lutas entre elas e, depois, por imposição dos brancos. "O mapeamento das nações indígenas, na territorialidade piauiense, possibilitará o resgate da herança cultural que dois séculos de dissimulação forjada pelas classes conservadoras não fizeram desaparecer" (MACHADO, 1986). Difícil ou quase impossível é determinar as tribos em que se dividiam estas nações e o número de indivíduos de cada uma.

Nações Jê

Acroá

1) Área de extensão: vale médio do Tocantins. Sul do Piauí. Nascentes dos rios Parnaíba, Uruçuí Preto e Gurguéia. Chapadas do Espigão Mestre e das Mangabeira. Serras do sul do Maranhão. Sul da nação *Gueguê*.
2) Etnia: JÊ. Segundo as classificações de Ehrenreich (1887) e Ramos (1951), é um ramo da *Jê derivado*, junto com a *Caipó* e a *Acuê*. Segundo Steinen (1884), é *Jê do Centro*. Loukotka (1933) a coloca entre as línguas de leste. As

Digitalizado com CamScanner

inúmeras tribos que pertenciam a esta nação eram difíceis de ser identificadas com certeza.

3) Contato com os brancos: 1674. Ainda existia em 1883 em uma pequena maloca no sertão de Jaicós. Era chamada *Acaroá*, *Acoroaz*, *Acoroá* e *Coroado*, pelos brancos que a contataram inicialmente. Chegou a reunir 1600 guerreiros em uma só maloca. Hoje está extinta.

4) Cronologia: (refere-se à tribo que deu nome à nação)

1674 - Contato inicial com o branco, possivelmente com Dias d'Ávila.

1676 - Recebe sesmaria do governo de Pernambuco.

1686 - Vem do médio Tocantins e se localiza no alto Parnaíba.

1693 - Luta contra Dias d'Ávila.

1698 - É combatida pelos Alves, a mando do governo do Maranhão.

1713 - Vai para o Maranhão.

1750 - É combatida pelos Alves.

1751 - João do R. C. Branco toma conhecimento de suas malocas.

1752 - É organizada uma expedição para combatê-la.

1758 - A expedição de Lobato e Sousa vem atacá-la.

1761 - Aparece no mapa de Galuzze como moradora do Parnaíba.

1762 - É aldeada em São João do Sende; se constitui de 337 índios. Rebela-se junto com a *Gueguê* e a *Timbira*.

1763 - É atacada pelo capitão Barros Rego, à frente de 100 homens. Outra expedição vem contra ela pelo Gurgueia.

1764 - É combatida pelos Rego C. Branco.

1765- O governo não deseja combatê-la.

1766 - 1600 índios dela são aldeados em São Gonçalo, quando de sua fundação.

1769 - Age em Parnaguá.

1770 - Saqueia Parnaguá, em companhia da *Gueguê*.

1771 - Seis caciques seus fazem a paz e é aldeada em S. Gonçalo. Luta com Tavares da Silva. João do Rego C. Branco prende índios seus no Cajueiro, em Jerumenha.

1772 - Junto à *Jaicó* e a *Gueguê* somam 736 índios aldeados. Foge, dirigida por Bruenque e é perseguida por Felix R. C. Branco. De um total de 1.237 índios, sobram apenas 37. Parte dela é combatida em Gilbués, por João R. C. Branco. É aldeada em Lagoa do Bicho.

1773 - É procurada por João R. C. Branco. É designada uma mulher para ensinar seus índios a fiarem algodão. Deserta de Jerumenha e foge para Amarante. É presa. Seu vigário é o padre Silva Pinheiro.

1774 - Foge, sofrendo violenta perseguição. É a principal nação aldeada em terras consideradas boas.

1775 - É deslocada, em parte para o Mutum, por Moraes Durão.

1776 - É perseguida por Felix R. C. Branco, no rio Duro. Tem 737 índios presos e 400 mortos.

1778 - Felipe R. C. Branco assume a sua chefia, em São João do Sende.

1779 - Rebela-se contra o regime de escravidão, junto com a *Gueguê*. Domesticada, ajuda os R. C. Branco contra a *Pimenteira*.

1788 - O Pe. Massaroni tenta lhe ensinar a cultura da cochonilha.

1790 - A luta termina para a grande nação. É aldeada.

1794 - Abandona as aldeias e seus índios vivem dispersados.

1803 - São criados destacamentos para combatê-la e à *Pimenteira*.

1810 - Última revolta, sem consequências. Tinha 1600 combatentes.

Digitalizado com CamScanner

1811 - Luta em Amarante e aceita a escravidão.

1819 - É relacionada por Spix e Martius.

1825 - Pequena parte dela vive em Amarante.

1849 - Último aldeamento.

1850 - Vive no interior da região de Jaicós.

1883 - Resta apenas uma maloca da grande nação, com 45 índios, dirigidos por Marcelino.

Gueguê

1) Área de extensão: Centro sul do Piauí. Vale médio dos rios Uruçuí Preto, Gurguéia e Parnaíba. Chapadas Grande e do Riachuelo. Serra do Bom Jesus do Gurguéia. Rios Balsas e Itapicuru. Norte da *Acroá* e sul da *Timbira*. Contato a leste com a *Pimenteira*.

2) Etnia: Segundo as classificações de Ehrenreich (1887) e Ramos (1951), é parenta próxima da *Acroá*: *Jê Derivado*. Loukotka não a inclui na sua classificação. Suas tribos são de difícil identificação.

3) Contato com o branco: 1674, com Dias d'Ávila. As últimas informações sobre ela são de 1835, como aldeada em Amarante, sem remanescente. Era chamada também *Goguê*, *Gueguez*, *Guguê*, *Gurgua*, *Gurgual*, *Gurguê* e *Gurguéia*. Hoje é extinta.

4) Cronologia: (refere-se à tribo que deu o nome à nação)

1674 - É combatida por Dias d'Ávila, entre o Salitre e o Santa Sé. Luta também no Gurgueia.

1675 - Ataca a região do São Francisco matando 85 pessoas.

1676 - É considerada extinta, pela primeira vez.

1678 - Dias d'Ávila a destrói em parte.

1699 - Vive no sertão das Rodelas.

1718 - É castigada por Xavier de Brito, até 1723, com outras.

1741 - Invade a ribeira do Gurguela.

1750 - Entra em luta aberta contra o branco; combate os Alves.

1751 - Enfrenta os Rego C. Branco.

1758 - É combatida por uma junta de guerra.

1761 - Aparece no mapa de Galuzze, entre o Uruçuí Preto e o Mirim. (Uruçuí Vermelho).

1762 - Está em São João do Sende; conta 337 índios, com a *Acroá*. E combatida por João R. C. Branco, no Gurgueia.

1764 - Continua em luta contra os Rego C. Branco. É dada por desaparecida. Luta na foz do Gurgueia. Assalta Jerumenha. Rodrigues Bezerra prende 143 índios dela.

1765 - João do R. C. Branco empreende nova expedição contra ela. Faz a paz. 350 de seus guerreiros vão para São João do Sende. Outros 400 ficam no campo de batalha contra os Rego.

1766 - 900 de seus guerreiros vão para a missão de São Gonçalo.

1770 - Saqueia Parnaguá, junto com a *Acroá*.

1771 - É atacada e aldeada em Amarante (431 índios). É perseguida pelos Rego C. Branco junto à margem direita do Parnaíba. Revolta-se em Parnaguá. Em São João do Sende há escolas para seus índios.

1772 - 843 de seus guerreiros são aldeados em Amarante. 252 deles vão para São João do Sende. Junto com a *Acroá* e a *Timbira*, se refugia em Oeiras. Somam as três 725 índios.

1773 - Seu vigário em Amarante é Francisco Tavares.

1774 - É atacada nos rios Uruçuí e Parnaíba, pelos Rego C. Branco.

1775 - Parte dela vai para o Poti, lutar contra os quilombos.

1776 - Antônio do R. C. Branco passa a dirigi-la, em São João do Sende.

Digitalizado com CamScanner

1777 - 20 casais dela são levados de São João do Sende para o Mutum.

1778 - Rebela-se e foge para a serra Grande.

1779 - Junto com a *Acroá*, se insurge contra a escravidão. Ajuda João R. C. Branco contra a *Pimenteira*. Combate entre Jacaré e Chapada, sendo derrotada.

1780 - Foge de Amarante.

1789 - Em São Gonçalo restam 160 índios desta nação.

1790 - Ataca a *Pimenteira*.

1793 - Acompanha Filipe R. C. Branco contra *Gamela*.

1794 - Abandona as aldeias; seus índios vivem nas matas, soltos.

1819 - Alguns de seus índios são avistados por Spix e Martius.

1835 - Aldeada em Amarante, recebe lotes e fica isenta de impostos.

Jaicó

1) Área de extensão: Sudeste do Piauí, Itaim e Alto Canindé. Zona do semi-árido piauiense. Leste da *Gueguê* e da *Timbira*. Nordeste da *Pimenteira*.
2) Etnia: *Jê Derivado*. Parente da *Acroá*, nas classificações de Eirenreich e Ramos. Língua mesclada com *Kaigang*, segundo Loukotka. Extinta.
3) Contato com o branco: 1674, no rio Gurgueia, junto com a *Coaratiz*. Em 1857, ainda existia, aldeada. É conhecida ainda por *Jeicó* e *Geikó*.
4) Cronologia (refere-se à tribo que deu o nome à nação)

1674 - Está no Gurgueia, com a *Coaratiz*.

1697 - Está nas margens do Canindé.

1714 - Revoltada com fazendeiros, prepara-se para a luta. Reúne 400 guerreiros e é combatida por Carvalho e Aguiar. Perde 85 deles antes de se render.

1731 - Seu principal é Antônio de Sousa.

1760 - É seu principal Ambrósio de Sousa. Está aldeada no local Cajueiro. Com o falecimento de A. Sousa, seu principal passa a ser Sousa Pinto.

1761 - Seu aldeamento conta 354 índios.

1762 - Consegue escolas para os índios pequenos.

1767 - Está no Cajueiro; conta 28 fogos.

1770 - É criada a missão do Cajueiro, onde reside.

1772 - Continua no Cajueiro, com apenas 60 índios. Pereira Vilela é seu novo diretor. Forma uma tropa para ajudar os Rego contra a *Acroá*. Vilela é substituído por João Ribeiro.

1773 - O principal passa a ser Floriano Cardoso.

1774 - Barros Rocha é seu novo diretor.

1778 - Massaroni tenta ensinar a cultura da cochonilha a seus índios. Sousa Brito passa a ser o principal da missão.

1779 - Ajuda João R. C. Branco contra a *Pimenteira*.

1790 - Ataca a *Pimenteira*, junto com a *Gueguê*. Oito de seus índios estão na tropa de Miranda.

1749 - Seus índios abandonam a aldeia e vivem dispersos.

1811 - Luta em Amarante e não aceita o cativeiro.

1857 - Ainda existe.

Timbira

1) Área de extensão: Centro sul do Piauí. Vales baixos dos rios Uruçuí Preto, Gurgueia, Parnaíba e Balsas. Encosta do norte das chapadas Grande e do Riachuelo. Norte da *Gueguê*.
2) Etnia: *Jê*. É incluída como *Caiapó do norte* nas classificações de Eirenreich e Ramos. Dividia-se em *Timbira da mata* e *do campo*. Foram identificados 15 tribos desta nação e entre elas a *Gamela*, a *Sacamecrã* e a *Augutgê*.

Digitalizado com CamScanner

Na classificação de Loukotka, está nas línguas do norte. Ainda existe a grande nação, dividida em dois grupos: Oriental e Ocidental. No Oriental, cite-se a *Apinajé* e no Ocidental, a *Krahô*. Há uma lenda entre seus índios: é o aparecimento do branco, originário de um ente superior, o *Aukê*.

3) Contato com o branco: 1674, entre São Gonçalo, Oeiras e Jaicós. Em 1835, aldea-se em Amarante.

4) Cronologia: (refere-se à tribo que deu o nome à nação).

1674 - Mora em São Gonçalo, em Oeiras e Jaicós.

1693 - É combatida pela primeira vez.

1713 - Foge para o Maranhão, na grande revolta.

1714 - É atacada por Carvalho e Aguiar.

1728 - Assola a capitania. Vinha do Ceará.

1733 - Continuam os ataques. É combatida por 50 homens.

1740 - Ataca o arraial dos Ávila.

1750 - Entra em guerra ao lado da *Gueguê* e da *Acroá*.

1751 - Já está reduzida. Ainda assim, luta contra os Rego C. Branco.

1760 - É aldeada temporariamente.

1761 - Faz a paz e recebe documentos de igualdade.

1762 - Revolta-se mais uma vez.

1763 - É atacada por João R. C. Branco, com 100 homens.

1767 - Há projeto para atacá-la, mas o governo desiste.

1771 - Luta e perde 118 guerreiros presos que vão para Oeiras. João R. C. Branco captura mais 120 de seus índios. 70 deles são levados para Aldeias Altas. Mulheres desta nação procuram Oeiras, em face aos massacres.

1772 - Ataca Valverde, em Jerumenha, e vai para o Maranhão.

1773 - Seus guerreiros são presos, em sua maior parte.

1774 - É combatida por Barbosa Lima, de Balsas. Perde 15 dos seus e 8 são levados para São Luiz.

1776 - É capturada por Felix R. C. Branco.

1779 - Domesticada, ajuda os Rego C. Branco contra a *Pimenteira*.

1793 - Atua no Sul do Piauí.

1811 - Luta em Amarante e aceita o cativeiro.

1816 - Volta ao Piauí.

1835 - Aldea-se em Amarante; recebe lotes e não paga impostos.

Nação Caraíba

Pimenteiras

1) Área de extensão: nascentes do rio Piauí. Região de Parnaguá. Serra de Bom Jesus do Gurgueia.

2) Etnia: *Caraíba* ou *Caribe*. Não é incluída na classificação de Rivet. Loukotka a coloca nas línguas do Noroeste. Ehrenreich hesita em classificá- la como *Caribe*, mas Ramos informa que "em fins do século XVIII e começo do XIX formava uma ilha *Caribe* no meio das *Tupi* e *Jê* de Pernambuco e do Piauí". A língua falada era diferente da das outras nações. Extinta atualmente.

3) Contato com o branco: Em 1674 já era combatida por João R. C. Branco, embora, oficialmente, tenha vindo para o Piauí em 1760, oriunda de Pernambuco. É considerada extinta ou dispersa em 1850.

4) Cronologia:

1674 - É combatida por João do R. C. Branco.

1676 - Recebe sesmarias do governo de Pernambuco.

Digitalizado com CamScanner

1683 - É dada como originária do sertão de Cabrobó, Pernambuco.

1685 - Recusa lutar contra outras nações indígenas.

1686 - Está nas cabeceiras do Parnaíba.

1713 - Parte dela segue para o Maranhão.

1718 - Reside nas cabeceiras do Piauí.

1760 - Vem, oficialmente, para o Piauí.

1761 - Aparece no mapa de Galuzze, nas cabeceiras do Piauí e do Gurguéia.

1762 - Vagueia pelo sul do Piauí.

1764 - É combatida por João do R. C. Branco.

1769 - Assola o sul do Piauí.

1773 - Continua nas nascentes do Piauí.

1774 - É combatida por Felisberto Nogueira, junto com a *Cherente*.

1775 - Continua lutando contra Felisberto Nogueira.

1776 - 1ª expedição oficial contra ela, dirigida pelos Rego C. Branco. Ainda este ano, uma 2ª expedição vem lhe dar combate. Uma outra, a 3ª, ataca, dirigida por Povoas.

1779 - João do Rego C. Branco a ataca à frente de 150 homens. Índios da *Gueguê*, *Acroá*, *Jaicó* e *Timbira* o acompanham. É combatida por Rajão.

1783 - Novas lutas contra os Rego C. Branco e Ribeiro Soares.

1784 - 4ª expedição oficial é dirigida contra ela. É comandada por Ribeiro Soares e Rocha Rajão.

1790 - É atacada por soldados e índios. Invade a fazenda Cavalheiro. É atacada pelo capitão Miranda, à frente de 50 homens. Perde 11 de seus guerreiros. Saqueia a fazenda Conceição. Dias Soares luta contra ela e prende 5 mulheres e 6 crianças.

1793 - Luta contra a *Timbira*.

1797 - Aliada à *Tapacuá* ameaça Parnaguá e Jerumenha.

1803 - São criados destacamentos contra ela, por César de Meneses.

1806 - Invade a ribeira do Piauí e do Gurgueia. Rapta uma filha de Dias Soares, na fazenda Jiboia. Burlamaqui nomeia Dias Soares para combatê-la.

1807 - Dias Soares ataca (15/04) com 60 homens; prende 68 índios. A 21/04 invade suas malocas e os índios fogem.

1808 - Nova investida de Dias Soares, com 200 homens. A batalha se deu no local Bonsucesso. Perde 26 guerreiros presos e 15 mortos.

1809 - De novo Dias Soares a ataca. (1º/04). A 22/04 este prende 12 guerreiros na lagoa Bonsucesso.

1810 - Novos combates e Dias Soares prende outros 60 índios.

1811 - Saqueia Jerumenha, terras do Gurguéia e de Parnaguá. O governo do Maranhão manda tropas para combatê-la.

1813 - Continua em Parnaguá.

1815 - Paula Ribeiro a dá como extinta.

1819 - Spix e Martius avistam índios da grande nação.

1827 - Continua a assolar. Possuía então 6 aldeias grandes e 10 pequenas.

1850 - Ainda existe, embora degenerada por sucessivos cruzamentos.

Nação Tupi Tabajaras

1) Área de extensão: Serra Grande ou da Ibiapaba. Suas vertentes até o litoral.

2) Etnia: *Tupi*. Metraux (1927) acha que seu nome significa "não familiarizada com as tribos mais costeiras" (RAMOS). Para os franceses, que a chamavam de *Miary* ou *Miarigois*,

Digitalizado com CamScanner

era um ramo da *Tupinambá*. Loukotka a coloca nas línguas do norte ou *Nheengatu*, junto à *Tupinambá*. Muitos de seus índios falavam francês. Segundo Lima Figueiredo, era necrófila (não confirmada esta notícia).

3) Contato com o branco: desconhecida a data. Os franceses contataram com ela antes dos portugueses. Em 1604, Pero Lopes de Sousa a encontra na Ibiapaba, em 70 aldeias. Em 1693, 2.000 de seus guerreiros descem a serra para o litoral, levados pelos jesuítas. Era conhecida também como *Tobajara* e *Tujupar*.

4) Cronologia:

1604 - Habita a Ibiapaba, em 70 malocas. Ataca Lopes de Sousa, chefiada por Ubauna, que é preso. Parte dela é levada para Pernambuco.

1607 - Parte de seus índios acompanha os padres Pinto e Figueira.

1608 - O padre Pinto é assassinado pelos *Tacarijus*. Saqueia e destrói esta tribo, não deixando sobreviventes. Era a vingança pela morte do padre.

1655 - Mora na Ibiapaba, junto com a *Temiminó*.

1659 - Revolta Geral.

1690 - Parte dela vai com Jorge Velho para os Palmares (PE).

1698 - 2.000 de seus guerreiros são levados pelos jesuítas, para o litoral.

Nação Cariri

Tremembé

1) Área de extensão: delta do rio Parnaíba. Vales de Longá e do baixo Parnaíba.

2) Etnia: *Cariri*. Grupo mais setentrional desta etnia, definida por Adams (1962). Constitui-se três famílias, além da *Tremembé*: *Aranhi*, *Poti* e *Crateús*.

3) Contato com o branco: É provável ter tido contato com os franceses, mas não há comprovantes. Entretanto, em 1571, Nicolau de Resende naufraga no delta com 16 companheiros. Em 1741, já pacificada, mora na ilha do Cajueiro, no delta. Seus índios são chamados "peixes racionais" por nadarem muito bem. Atacavam tubarões com as mãos, sem medo. Segundo Larousse, ainda existe em Almofala, município de Itarema (CE), onde conta com cerca de 1.000 indivíduos que não falam mais a língua original. É também conhecida como *Tremembé*, *Taramambé*, *Trememé* e *Taramambezes*.

4) Cronologia: (refere-se à tribo que deu o nome à nação).

1571 - Nicolau de Resende naufraga no delta e fica morando com ela.

1616 - Assina tratado de paz com Soares Parente.

1631 - Está pacificada, oficialmente.

1649 - Contato com o holandês Matias Beck.

1656 - Nova paz conseguida com Muririba.

1677 - É combatida pelo governo do Maranhão; luta até 1679.

1679 - É destruída por Maciel Parente; de 300 índios escapam 37.

1687 - É construído um forte para proteger os viajantes contra ela.

1694 - Está aldeada no litoral da ilha do Cajueiro.

1697 - Vive em paz, até 1700, com a ajuda do padre João Tavares.

1701 - É atacada por tropas do governo, sob o comando de Navarro.

1702 - É aldeada mais uma vez pelo padre Novais.

1712 - Subleva-se, junto com a *Jenipapo*.

1722 - Nova paz, outra vez com o padre João Tavares.

Digitalizado com CamScanner

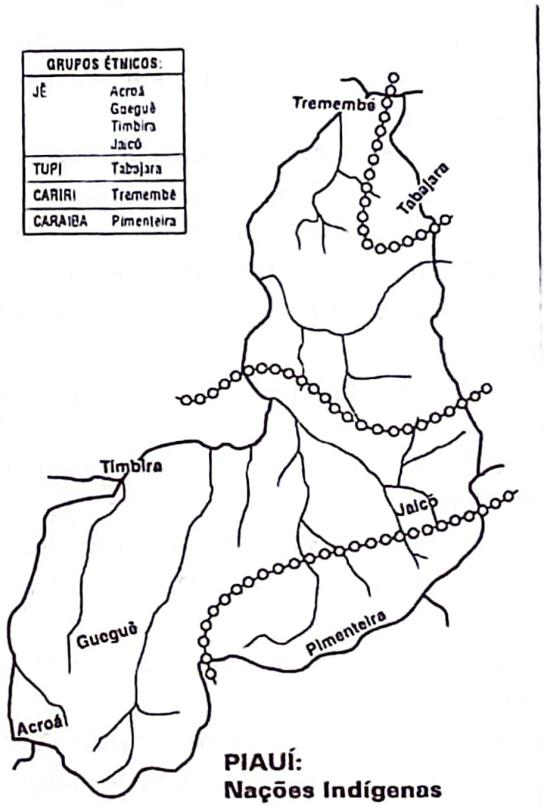
1723 - Fica na ilha do Cajueiro; seu principal é Manoel Miguel.

1728 - Luta contra os Lopes, pela ilha do Cajueiro. Recebe a visita de Maia da Gama.

1730 - Possui 233 guerreiros e mora próxima de Tutóia.

1733 - Toma posse da ilha do Cajueiro, oficialmente.

1741 - Conserva suas terras.



PIAUÍ: Nações Indígenas

Tribos

As tribos piauienses (se assim podem ser chamadas) são difíceis de serem registradas. Pertencem ou não às nações principais. Fatores há que levam a não considerá-las de hábitos regulares. Estes fatores obrigam a julgá-las regionais e, abrangendo, além do Piauí os estados vizinhos: Ceará, Pernambuco, Bahia, Maranhão (principalmente este) e o vale do Tocantins. Assim:

a) Nome: uma mesma tribo pode ser conhecida por vários. Cada branco que com ela tomava contato a chamava por um ou considerava aquele que a própria tribo se dava. Um exemplo é a *Gueguê* que tem registrado *Goguê*, *Gueguez*, *Guguê*, *Gurgua*, *Gurgual*, *Gurgue* e *Gurgueia* em documentos variados, que permitem até se pensar em grupos diferentes. Outro problema é uma mesma identificação se referir a agrupamentos indígenas destacados.

b) Nomadismo: a grande maioria das tribos se desloca em uma faixa regional, vasta e sem delimitação possível de ser caracterizada. Além dessa movimentação ocasional, elas se dividem e subdividem e se encontram em malocas longe umas das outras, fazendo supor outras entidades.

c) Informação: os brancos que faziam contatos com os silvícolas, movidos por intenções variadas, nem sempre os identificavam como deviam. Às vezes, informavam locais e até datas erradas. Junte-se a esta variedade de dados a quantidade pequena deles, obrigando os pesquisadores a lutar com a dificuldade de localizar os elementos indispensáveis a uma determinação mais precisa e correta.

d) Interesses: movidos pela vontade de encontrar as imagináveis pedras preciosas (seguindo o exemplo de Minas Gerais), exploradores, predadores e desbravadores desviavam as informações para não permitir a outros tentarem disputar o que julgavam ter encontrado.

Digitalizado com CamScanner

Uma observação importante: não houve epidemias ou endemias que destruíssem os índios ou as tribos; só a ação sistemática do branco. No fim, quando seus últimos membros se desintegravam, entregando-se ao alcoolismo ou sendo atacados pela sífilis, eles já não tinham identificação certa. O índio não existia mais como tribo e, muito menos, como nação.

As tribos estão aí relacionadas sem a preocupação de querer determiná-las exatamente. Para o pesquisador que quiser se dedicar a isto, o campo é vasto e não muito fácil.

Foram acertadas duas legendas: s/i que quer dizer: sem identificação quanto à etnia e à nação, e s/n que indica que a tribo tem etnia definida, mas não tem nação determinada.

São elas:

ABETIRA (*Gueguê*) - Médio Parnaíba, contato abaixo da *Aitatu*, em um riacho que vai para o Parnaíba, em fins do século XVII (1697). Situava-se a jusante da *Aitatu* e da *Corerá*.

ABOIPIRA (*Acroá*) - Parnaguá no século XVII; entre Pastos Bons e o Parnaíba. Em 1713, depois do levantamento geral emigrou para o Maranhão.

ACARAÇU (*Jê*: s/n) - Apenas referências; século XVII.

ACARIÚ (*Jê*: s/n) - Apenas referências; século XVII.

ACAROÁ (*Jê*: provavelmente *Acroá*) - Estava aldeada em São Gonçalo, em 1772, quando fugiu da missão e foi aprisionada, voltando à obediência. Em 1883, dirigida por Marcelino de Brito, existia com apenas 46 índios. É quase certo ser a mesma *Acroá*, tribo.

ACAUÃ (*Jê*: s/n) - Habitava um tributário do Parnaíba (século XVII).

ACONGÁ (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba. Fez a paz com Ascenso Gago em 1690, confirmada em 1697.

ACONGUAÇU (*Tremembé*) - Em 1697, foi catequizada por Ascenso Gago. Morava próxima à Ibiapaba. De 1693 a 1694, foi levada para o litoral. Outra versão diz que foi apaziguada em 1793 por Manoel Pedroso. Também *Acongaçu*.

ACOROÁ (*Jê*: s/n) - Em 1772 era dada por extinta. Outras referências a dão como morando no sertão das Rodelas, em 1699. Em 1770, foi feita expedição contra ela e em 1771 foi combatida por Felix R. C. Branco e Teodósio. Em 1740, foi acusada de assaltos que não fizera. Em 1751, foi aldeada pelos jesuítas em São José do Duro.

ACROÁ (Grande nação da etnia *Jê*) - Existia como tribo.

ACROÁ GRANDE - Alto Gurguéia. Combateu, junto à *Acroá*, em 1712. Em 1712 armou, combinada com a *Acroá-Mirim*, uma cilada contra os Rego. Derrotou-os.

ACROÁ-MIRIM - Alto Gurgueia. Outra ramificação da *Acroá*.

ACROAZ (*Acroá*) - Apareceu em Valença, século XVII. Parecia ter vindo do Tocantins e do São Francisco, em data não determinada.

ACUMÊ (*Tremembé*) - Sem maiores referências, era citada como morando nas nascentes do Parnaíba.

ACUMEZ (*Tremembé*) - Notícias de 1697 a colocam junto com a *Araioz* nas nascentes do Piauí. Apareceu depois deslocada para o Poti, junto à mesma tribo.

ACURUÁ (*Acroá*) - Apenas referências nas nascentes do Gurgueia.

AINDODUÇU (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba; em 1679 foi visitada por Maciel Parente.

AIRUÃ (*Acroá*) - Apenas referências ao sul do Piauí e da *Gueguê*, no século XVII.

AITATU (*Gueguê*) - Gurgueia e Uruçuí, século XVII. Depois apareceu entre Pastos Bons e o Parnaíba. Em 1713 foi para o Maranhão. Outro nome: *Aitato* ou *Abitatu*.

AITETU (*Acroá*) - Alto Parnaíba, a jusante da *Corerá* e da *Aroaquiz*, em 1697.

Digitalizado com CamScanner

ALONGÁ (*Tremembé*) - Sambito e Ibiapaba. Em 1674, Dias de Siqueira instalou arraial junto às suas malocas. Em 1690, foi catequizada por Ascenso Gago, quando assaltava povoados da Casa da Torre, junto com a *Quitaiaú*. Em 1697, fugiu para a Ibiapaba, junto com a *Anaçu* e a *Poti*. Foi pacificada em 1721 por Carvalho e Aguiar. Morou no vale do Longá, em terras conhecidas por "dos Alongazes". Foi aldeada de novo, pelos jesuítas, em 1766. Depois de 1772 passou a ser conhecida como *Longá*: também *Alongazes* e *Alongares*.

AMANAJÉ (*Acroá*) - Veio do Maranhão para o Piauí, em 1763, em grandes malocas. Ainda existia em 1815 e 1870. Outra versão, improvável, a dá como *Tupi*.

AMANAJÓ (*Acroá*) - Localizada, inicialmente, entre o Piauí e o Parnaíba. Recebeu ferramentas de Pereira Caldas e voltou para Pastos Bons. Foi dada como morando no sertão das Rodelas, 1699. Em 1763, estava no Maranhão e voltou de lá em 1764. Em 1771, foi organizada expedição contra ela, chefiada por João do R. C. Branco, que tentava descobrir a famosa "lagoa dourada dos *Amanajós*". Esta expedição foi custeada por Gonçalo Lourenço, que entrou com 8.000 cruzados.

AMATÉ (s/i) - Na Ibiapaba, entre 1662 e 1667. Constava fabricar vinho.

AMOIPIRA (*Tabajara*) - Descendente da *Tupinambá*. Veio para o Piauí em 1655. Em 1656, foi contatada pelos jesuítas. Em 1713, foi para o Maranhão, com a *Termiminó*. Em data não determinada foi quase extinta pela *Tupinaé*.

AMOTEJUS (*Tremembé*) - Morou nas proximi-dades da *Tacariju*, nos princípios do século XVII. Segundo Thevet, era inimiga desta tribo.

ANACÉ (*Tremembé*) - Em 1695, Carvalho e Aguiar a instalou em Parnaíba. Em 1712, atacou esta vila, que foi defendida por Demescent.

ANAÇU (*Tremembé*)- Vivia com a *Alongá* e, em 1697, vai com ela para a Ibiapaba, com medo do branco. Vivia no Longá. Também *Anuçu*.

ANAIÓ (*Acroá*) - Fronteira Piauí/Bahia. Seus índios eram afoitos e depredadores das fazendas vizinhas. Em 1674, enfrentou os curraleiros, junto com a *Galache*. Neste ano, foi atacada por Dias d' Ávila. Habitava o alto Gurguela.

ANAIÚ (*Gueguê*) - Aliada da tribo *Gueguê*. Em 1674, foi atacada por Dias d'Á vila. Habitava o alto Gurgueia.

ANANÁ (*Acroá*) - Parnaguá. Foi combatida por Dias de Siqueira, junto com a *Guacupé*. Aldeou-se em Parnaguá, conduzida pelos jesuítas. Em 1675, fez a paz com Dias de Siqueira, contra quem guerreara no ano anterior. Foi uma das fundadoras de Parnaguá, 1698.

ANAPERI (*Gueguê*) - Médio Parnaíba. Foi combatida por Dias Pereira. Em 1731 costumava fazer assaltos às fazendas da ribeira do Parnaíba.

ANAPERU (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba. Em 1679, foi visitada por Maciel Parente.

ANAPURU (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba. Dividia-se em *Açu* e *Mirim*. Habitava a costa dos lençóis, em 1674. Em 1679, juntou-se a ela a *Aindoduçu*. Em 1701, foi derrotada por Dias de Siqueira. Em 1703, Rolim de Moura enviou-lhe um jesuíta a seu pedido. Pediu para deslocar-se para uma cidade maranhense. Em 1709, revoltou-se e matou o ajudante Manoel da Silva. Foi atacada por 600 índios da Ibiapaba por este fato. Outra versão dá esta morte como acontecida em 1712. Em 1713, fugiu para o Maranhão. Foi combatida, em 1722, por Carvalho e Aguiar. Em 1724, foi aldeada por Rego Barros. Em 1728, seu pedido de 1703 foi atendido: aldeou-se. Em 1714 situou-se no baixo Parnaíba. Em 1763, formou-se na coluna de frei Antonio de Freitas, para combater a *Acroá*.

ANAPURU-MIRIM (*Tremembé*) - Divisão da *Anapuru*. Em 1712, foi combatida por Manoel da Silva, que foi

Digitalizado com CamScanner

assassinado. Em 1713, recebeu a visita de frei Demenscent, que passou um ano com ela.

ANICUAZ (*Acroá*) - Fronteira Piauí/Bahia. Estava nas cabeceiras do rio Preto em 1697. Constava ser antropófaga, sem confirmação. Também *Anicoaz*.

ANUÇU (*Tremembé*) - Outro nome da *Anaçu*, que, em 1697, foi para Ibiapaba com a *Longá*, com medo dos brancos.

APINAJÉ (*Acroá*) - Sul do Piauí. Veio do Tocantins. A ela fez referências Cunha Lustosa, em 1827, citando-a como exemplo de tribo bem comportada. Acreditava em lendas, onde se destacava a do mundo subterrâneo; outra era a da existência de uma tribo de homens de cabeça vermelha onde nascia o sol.

AQUEDUÇUGUARA (*Tremembé*) - Ibiapaba. É contatada em 1697, com a *Aconguaçu*.

AQUERONS (*Tremembé*) - Morava próxima à *Tacariju*, no princípio do século XVII, segundo Thevet.

ARAÍ (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba. Existia no século XVII. Em 1713 fugiu para o Maranhão. Associada com a *Guanaré* hostilizou a ribeira. Foi combatida por Carvalho e Aguiar em 1730, e por Silva Pereira em 1731.

ARAIÉ (*Tremembé*) - Cabeceiras do rio Poti, junto à *Acumé*. Pode ser *Jê*: *Acroá*.

ARAIEZ (*Acroá*) - Nascentes do Piauí, no século XVII. Pode ser a mesma *Araié*.

ARAIÓ (*Tremembé*) - Cabeceiras do Poti. Em 1712 estava no delta do Parnaíba, onde foi visitada por frei Demescent. Em 1750, ainda se encontrava aí, ao sul da *Tremembé*.

ARAIÚ (*Acroá*) - Em 1704, teve suas concessões canceladas por ordem real (28/03).

ARANHEM (*Tremembé*) - Em 1718, foi comba-tida por Xavier de Brito. É a mesma *Aranhi*.

ARANHEZ (*Acroá*) - Cabeceiras do Parnaíba. Em 1697, situava-se a jusante da *Aroaquiz* e da *Carapotanga*. Entre

1718 e 1723 foi combatida, junto com a *Percabis*, por Xavier de Brito. Era confundida com a *Aranhem* e a *Aranhim*.

ARANHI (*Tremembé*) - Era uma das três grandes divisões da nação *Tremembé*. Recebeu terras, em 1686, de Souto Maior. Em 1674, foi derrotada por Carvalho e Aguiar. Foi encontrada no baixo Parnaíba, quando em 1716, em 1722 e em 1726 lutou contra Cavalcante de Albuquerque e Carvalho e Aguiar. Em 1731, guerreou contra Silva Pereira. Em 1778, conseguiu de Lobato e Castro licença para se instalar em São Felix da Boa Vista, freguesia de São Bento das Balsas.

ARANI (*Acroá*) - Em 1674, morava às margens do Parnaíba. Em 1713, fugiu para o Maranhão. Em 1716, chefiada por Manoel Peres, combateu Mandu Ladino. Em 1718, lutou contra Xavier de Brito, luta que foi até 1723. Em 1731, foi combatida por Silva Pereira. Em 1811, estava agindo no Poti.

ARARIÚ (*Jê*: s/n) - Possuía sesmarias, cujas concessões foram anuladas em 1704. Apareceu Carta régia contra ela em 1705 e ainda lutava em 1709.

ARECHI (*Tremembé*) - Em 1626, estava junto com a Uruatim e atacaram frei Severino, em sua passagem pelo Piauí, rumo ao Maranhão; assassinou os padres João e Belchior.

ARIÚ (*Tremembé*) - Ibiapaba, século XVII. Havia dúvidas se era *Cariri* ou *Jê*. Se fosse desta última etnia, seria *Timbira* ou *Jaicó*.

AROÁ (*Tremembé*) - Em 1700, premida por Antônio Almeida, procurou Carvalho e Aguiar, para se aldear. Em 1712, sublevou-se. Aldeou-se de novo em 1715. Não existia mais em 1794.

AROACHIZ (*Acroá*) - Cabeceiras do Parnaíba. Foi pacificada por Manoel Colares, em 1697. Também *Aroatiz*.

AROAQUIZ (*Acroá*) - Alto Parnaíba. Em 1613, junto com a *Bilreiro*, atacou a bandeira de Paes Barros, no Tocantins.

Digitalizado com CamScanner

Também *Aroquns*.AROATIZ (*Acroá*) - Morava junto com a *Goanares*. Fez a paz com Manoel Colares em 1697. Era, possivelmente, a mesma *Aroaquiz* ou *Aroachiz*.

AROAZ (*Tremembé*) - Sambito, em 1674. Em 1690, grande parte de seus guerreiros foi com Jorge Velho para os Palmares. Em 1711, Massaroni tentou lhes ensinar a cultura da cochonilha. Em 1719, fez a paz e foi aldeada. Em 1726, foi pacificada pelo capitão Francisco de Almeida. Em 1740, foi aldeada no riacho Caatinguinha, na missão de N. S. dos Aroazes. Em 1772, foi chamada *Oruaz*. Ainda existia em 1849, mas em 1867 já estava degenerada.

AROQUANGUIRA (*Acroá*) - Alto Parnaíba. Em 1697, morava no riacho Savanhí, de localização incerta, mas afluente do Parnaíba, a jusante da *Carapotanga*.

ARUÁ (*Tremembé*) - Em 1697 vivia em paz, segundo Diniz Pinheiro. Sublevou-se e foi pacificada por Francisco de Almeida, em 1726. Morava no Sambito.

AUGUTGÉ (*Timbira*) - Alto Parnaíba. Em 1713 foi para o Maranhão, de onde voltou em 1816. Era um dos ramos da *Timbira*, o campestre (em oposição ao da mata).

BARBADO (talvez *Cariri*: s/n) - Morava no alto e médio Parnaíba. Seu nome foi dado pelos portugueses. Em 1674, foi derrotada por Carvalho e Aguiar. Foi pacificada em 1719 por João Tavares, com quem fez a paz. Foi aldeada neste mesmo ano por Carvalho e Aguiar e em 1727 com Maia da Gama.

BEIÇUDO (*Acroá*) - Médio e alto Parnaíba. Nome originado pelo fato de usarem lábios desenvolvidos artificialmente. Morava com a do *Rodeleiros* nas cabeceiras do Gurguéia.

BEIRTÁ (*Acroá*) - Médio Parnaíba. Vivia junto com a *Aitetu* e a *Corerá* (1697), em um riacho, a jusante da *Abetira*. Também *Beirté*.

BILREIRO (*Acroá*) - Morava com a *Aroaquns*. Combateu Paes de Barros, no Tocantins, em 1673.

BOCOREIMA (*Acroá*) - No Gurguéia, em um afluente, contatada em 1697.

CABUÇU (*Acroá*) - Morava entre o Uruçuí e o Gurguela. Foi para o Maranhão em 1713.

CACAIZ (*Gueguê*) - Podia ser *Tremembé*. Leste do Maranhão. Em 1679 estava à margem do Parnaíba e foi encontrada por Maciel Parente. Foi pacificada em 1726. Em 1727, estava no Itapicuru. Em 1764, foi aldeada nas Aldeias Altas e depois em São Luiz.

CACARIJU - Outro nome de duas tribos: *Crateú* e *Tacariju*.

CAICAI (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba. Em 1678, vivia em companhia da *Aindoduçu*. Em 1680, foi aldeada por Carvalho e Aguiar, no norte do Maranhão. Foi pacificada em 1725 e foi para o Iguara. Em 1727 estava no Itapicuru.

CAIPÓ (*Jé* ou *Cariri* - s/n) Apenas referências, em um afluente do Parnaíba, no século XVII.

CAISCAI (*Guegué*) - Em 1692, foi objeto de estudo do governo do Maranhão. Em 1719, foi aldeada. Em 1764, se ofereceu para combater outras tribos.

CAMPURU (s/i) - Apenas referências, no século XVII.

CANAPURU (*Gueguê*) - Em 1701 foi derrotada por Dias de Siqueira.

CANELA (*Timbira*) - Em um tributário do Parnaíba, ao sul. Em 1913 chegou a Teresina, junto com a *Crau*. Eram 29 índios.

CANINDÉ (*Jaicó*) - Apenas referências no alto Canindé, no século XVII

CAPIECRÃ (*Acroá*) - Alto Parnaíba. Seus guerreiros eram chamados "canelas finas". Século XVII, Também *Capiecrá*.

CARAÓ (*Acroá*) - Apenas referências entre Corrente e Parnaguá. Século XVII.

CARAPOTANGA (*Acroá*)- Cabeceiras do Parnaíba, com a *Aroaquiz*, na chapada das Mangabeiras. Século XVII.

CARAIJU - Outro nome da *Tacariju*, na Ibiapaba.

Digitalizado com CamScanner

CARATÉ (*Acroá*) - Apenas referências no século XVII.

CARATIÚ (*Acroá*) - Primeiro contato em 1674. Em 1708, foi combatida por Castro e Caldas. De 1674 a 1772, morou no alto Poti. Em 1811, ainda existia, mas em fase de degenerescência. Também *Carateú*.

CARATIÚ-MIRIM (*Acroá*) - Contato no século XVII. Em 1708, invadiu o Piauí, junto com a *Caratiú*.

CARAÚ (*Acroá*) - Maloca no médio Tocantins, em Pedra Furada. Outros autores a colocavam como *Timbira*, no alto Parnaíba, nas proximidades da foz do Balsas, em fins do século XVII. Em 1883, alguns índios desta tribo chegaram a Teresina.

CARIBUCE (*Tremembé*)- Baixo Parnaíba, em companhia da *Aindoduçu*, em 1674. Em 1679, Maciel Parente a encontrou, com várias outras, neste local.

CARIRI (*Tremembé*) - Localização duvidosa. Pene-trou no Piauí em 1692, quando foi combatida por Jorge Velho. Neste mesmo ano, uma de suas malocas foi destruída pelos Ávila. Em 1700, foi combatida por Pires de Brito, na Ibiapaba.

CARIU (*Acroá*) - Nascentes do Parnaíba; alguns a colocavam na serra da Ibiapaba, ao norte da *Jaicó*. Podia ser *Gueguê* ou *Cariri*, no serra do Araripe. Foi contatada no século XVII.

CHEREM (*Gueguê*) - Em 1676, morava no Gurgueia, quando recebeu sesmarias do governador de Pernambuco. Em 1713, foi para o Maranhão. Em 1775, foi perseguida por Felisberto Nogueira até o sul do Maranhão. Em 1827, foi localizada no sul do Piauí, segundo Cunha Lustosa. Também *Xerente* e *Cherente*.

COARÁ (*Gueguê*) - Médio Parnaíba, com a *Abetira*, *Beirtá* e *Nongaz*.

COARATIZ (*Acroá*) - Gurgueia e cabeceiras do Canindé. Era encontrada também nas cabeceiras do Itaim no século XVII. Foi dada, neste século, no vale do Gurgueia, com a *Jaicó*.

COIJAJUS (*Tremembé*) - Vizinha da *Tacariju* e inimiga dela. Vivia na planície ocidental da Ibiapaba, no século XVII, em 1608, com outras tribos.

COIJUS (*Tremembé*) - Junto com a *Coijajus*, em 1608.

COPEQUARA (*Acroá*) - Alto Parnaíba, a jusante da *Carapotanga*, o XVII. Também *Copeguara*.

COPINHARO (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba. Em 1722, se entregou a Carvalho e Aguiar. Foi contatada também no Canindé. Também *Cupunhara*, *Ipinhoro* e *Cupinharo*.

CORÇO (*Jê*: s/n) - Viviam se hostilizando com o branco, sem local fixo de residência; devia ser constituída de índios de várias tribos. Foi objeto de Carta Régia, em 1718 (20/10).

CORERÁ (*Acroá*) - Médio e alto Parnaíba. Em 1697, vivia em um afluente rio, a jusante da *Carapotanga*.

CORSIÁ (*Acroá*) - Médio Gurgueia, junto com a *Lanceiro*, em 1697. Foi contatada depois com a *Bocoreima* e outras.

CRAÓ (*Acroá*) - Apenas referências em Parnaguá e Corrente, século XVII. Talvez seja corruptela de *Acroá*.

CRATEÚ (*Tremembé*) - Era uma das famílias mais importantes da nação. Dividia-se em *Açu* e *Mirim*. Também *Carateú*, *Carteú*, *Quirateú* e *Quiratiuí*. Em 1696, foi pacificada por Carvalho e Aguiar, e em 1697 por Ascenso Gago. Em 1703, pediu novo aldeamento, mas voltou às tropelias, com a *Aranhi*. Em 1708, lutou contra Castro e Silva e Carlos Ferreira. Em 1712, foi aldeada mais uma vez por Carvalho e Aguiar e frei Demescent, no delta do Parnaíba. Em 1716, foi combatida por Coelho de Andrade. Em 1811 atacava no Poti, junto com a *Arani*. Suas pastagens habituais ficavam no vale médio e alto Poti.

CRATEÚ-MIRIM (*Tremembé*) - Divisão da *Crateú*. Foi combatida por Carlos Ferreira e Castro e Silva, e em 1716 por Coelho de Andrade.

CRAÚ (*Timbira*) - Em 1913, veio ao Piauí pedir auxílio. Compunha-se de 29 índios, junto com a *Canela*. Veio do Maranhão.

Digitalizado com CamScanner

CRITICE (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba. Em 1697 vivia com a *Aindoduçu* e outras.

CUPEGUARA (*Jê*: s/n) - Em 1697 contatou em um afluente do Parnaíba. Também *Cupequara* e *Cupequaca*.

CUPENHARO (*Tremembé*) - Em 1690 foi, do médio Poti, com Jorge Velho, para os Palmares. Em 1701 foi pacificada por Dias de Siqueira. Morava entre os rios Poti e Piracuruca. Em 1722, foi aldeada por Carvalho e Aguiar. Nova paz foi assinada em 1725.

CUPICHER (*Acroá*) - Alto Parnaíba, em 1697, em um riacho afluente. Seus índios usavam cabelo comprido. Morava a jusante da *Carapotanga*. Alguns a confundem com a *Critice*.

CURATÊ (*Tremembé*) - Baixo Parnaíba, entre o Poti e o Piracuruca. Foi combatida em 1701 por Dias de Siqueira. Também *Curaté* e *Curatez*.

CURATI (s/i) - Provavelmente *Tremembé*. Apenas referências na Ibiapaba, no século XVII.

CURURI (s/i) - Apenas referências na Ibiapaba, no século XVII, entre 1662 e 1667.

EXOTIM (*Tremembé*) - Século XVII. Em 1716 foi combatida por Carvalho e Aguiar. Em 1726 estava pacificada pelo mesmo desbravador.

GALACHE (*Acroá*) - Alto Parnaíba. Morava nas serras, afoita e depredadora na região de Parnaguá, junto à *Anaié* e à *Gueguê*. Em 1674, enfrentou os curraleiros, junto com a *Anaió* e *Gueguê* e fizeram depredações. Em 1675, estava no alto Canindé. Foi das primeiras tribos a enfrentar Mafrense em 1674. Neste ano, com a *Guaisguais* e a *Gurgueia* desceu o São Francisco com 60 canoas, provocando a invasão do Piauí.

GAMELA (*Timbira*) - Era uma das principais tribos da *Timbira*, na divisão da mata. Morava no médio Parnaíba, mas em 1713 foi para o Maranhão. Voltou em data desconhecida. Em 1793, foi combatida por Felix do R. C. Branco, que aprisionou 60

de seus guerreiros e os levou para Oeiras. Em 1794, este mesmo Felix, junto com José Barros, a enfrentou. Em 1779 assaltou as Aldeias Altas que pediram socorro ao Piauí. Em 1789 veio ao Piauí, recebeu ferramentas e voltou para o Maranhão. Em 1816, estava no Piauí.

GARANHUM (*Acroá* ou *Gueguê*) - Habitava o Parnaíba, junto a *Caraú* e a *Icó*, no século XVII.

GAVIÃO (*Gueguê* ou *Timbira*) - Invadiu União, vinda do Maranhão, mas foi rechaçada.

GILBUÉ (*Acroá*) - Morava a serra no sul do Piauí, no alto Gurgueia; já não existia em 1809. Também *Gelboé* e *Giriboé*.

GOANARES (*Acroá*) - Vivia junto à *Aroaquiz* e acertou a paz com Manoel Colares em janeiro de 1697. Também *Goanarem*.

GOARÁ (JÊ: s/n) - No Parnaíba, em 1697. Também *Guaratiz*.

GOIAJARA (*Acroá*) - Alto Parnaíba. No século XVII, apareceu como nação, classificada junto com a *Gueguê*, a *Potiguar*, a *Timbira*, todas no Piauí.

GOIIA (*Acroá*) - Maranhense. Excursionou pelo Piauí, em 1697. Veio ao Piauí com a *Gutamê*.

GUACINDUCE (*Tremembé*) - Margens do Parnaíba. Em 1679, em companhia da AINDODUÇU e outras é visitada por Maciel Parente.

GUACUPÉ (*Acroá*)- Parnaguá. Foi derrotada em 1674 por Dias de Siqueira. Em 1698, aldeou-se em Parnaguá, vila fundada por ela e pela *Ananá*, sob as vistas dos jesuítas.

GUAISGUAI (s/i) - Em 1674, junto com a *Galache* e a *Gurgueia*, desceu o São Francisco e provocou a invasão do Piauí por Mafrense; levaram 60 canoas com índios das três tribos. Em 1675, as três estavam no alto Canindé.

GUAMARÁ (*Jê*: s/n) - Apenas referências, no século XVII.

GUANACÉ (*Tremembé*) - Apenas referências na Ibiapaba, no século XVII.

Digitalizado com CamScanner

GUANAÇUS (*Tremembé*) - Morava próxima à *Tacariju*. Foi relaciona-da por Thevet, em princípios do século XVII, como inimiga desta.

GUANARÉ (*Tremembé*) - Em 1693 combateu e *Rereriu*, na Ibiapaba. Em 1700, fez a paz com João Tavares. Em 1714, foi aldeada por Carvalho e Aguiar. De 1715 a 1725, morou no Parnaíba a montante da *Arani*. Em 1719, estava na Ibiapaba onde pediu paz. Em 1726, foi combatida outra vez por Aguiar. Em 1731, com a Araí, hostilizou a ribeira do Parnaíba, sendo combatida por Silva Pereira. Devia ser parente da *Aroá*.

GUAPURU (*Jê*: s/n) - Apenas referências no Parnaíba, século XVII.

GUARANI (TUPI: s/n) - Em 1713, foi para o Maranhão, junto à *Gamela* e a *Jenipapo*. Talvez fosse *Jê*: *Timbira*.

GUARGUAL (*Jê*: s/n) - No rio Gurgueia, século XVII. Talvez seja variante *Gueguê*.

GUEGUÊ (Grande nação da etnia *Jê*). Existia como tribo.

GURGUEIA (*Acroá*) - Norte da Bahia e sul do Piauí. Em 1674, foi atacada por Dias de Siqueira. Fugiu e enfrentou a cavalaria da Casa da Torre, composta de 120 ginetes. Foi totalmente dizimada nas cabeceiras do Piauí: eram mais de 400 índios. Consta que neste ano desceu o São Francisco, junto com a *Galache* e a *Guaisguais*. No massacre não escaparam nem mulheres nem crianças, reduzidas à escravidão. Há uma gruta na serra do Riachuelo que parece ser um antigo cemitério indígena e talvez aí estejam enterrados seus membros. Esta tribo veio para o Piauí em 1674 fugindo da Casa da Torre. Em 1625, faz malocas nas nascentes do Canindé. O massacre se deu em 1676, em local presumível: cabeceiras do Piauí ou do Canindé.

GUTAMÉ (*Acroá*) - Maranhense, esta tribo excursionou pelo Piauí, junto com a *Goiia*, no século XVII, em 1697. Também *Gutamez*.

IAÇUÍ (s/i) - Apenas referências. Em 1731 foi guerreada por Silva Pereira.

ICÓ (*Tremembé*) - Serra do Araripe. Índios de corso. combatidos por Fernão Carvalho, em 1694. Em 1697, vivia junto com *Jandoiz*. Em 1700, muitas de suas malocas foram aldeadas fora do Piauí. Em 1725, Carvalho e Aguiar contatou com ela; em 1726 veio para o Piauí com frei Vicente Gouveia.

IMATÓ (*Acroá*) - Apenas referências no sul do estado, século XVII.

IRARERUS (*Tremembé*) - Morava próxima à *Tacariju*. Foi relacionada por Thevet, nos princípios do século XVII, como inimiga desta.

JAICÓ (Grande nação da etnia *Jê*) - Existiu como tribo.

JANDUÍ (considerada *Tupi*, mas era *Jê*) - Apenas referências no século XVII, às margens do Parnaíba.

JANDUIM (*Tremembé*) - No Sambito e na serra do Araripe, século XVII.

JENDOIZ (*Tremembé*) - Araripe. Em 1697 estava junto com a *Icó*.

JENIPAPO (*Tremembé*) - Em 1712, se sublevou, junto com a *Acroá* e a *Alongá*. Aderiu à rebelião de Mandu Ladino, junto com a *Poti*. Foi para o Maranhão em 1713. Em 1721, outra maloca sua veio do Ceará com a *Icó* e a *Quixerariu*. Em 1726, outra informação diz que veio com Xavier de Gouveia, do Ceará ou do Rio Grande do Norte. Foi aldeada em 1728, mas não quis obedecer a ordens dos brancos. Morava entre a *Poti* e a *Longá*.

JUCÁ (*Tremembé*) - Serra do Araripe, ao sul da *Cariú*, no século XVII. Podia ser *Jê*.

JUREMA (*Acroá*) - Margens do Parnaíba. Foi para o Maranhão, na grande revolta de 1713.

LANCEIRO (*Acroá*) - Contato no Gurgueia, junto à *Corsiá*, em 1697. Depois se juntou com a *Bocoreima*, também no Gurgueia.

Digitalizado com CamScanner

LONGÁ - Nome pelo qual passou a ser conhecida a *Alongá*, a partir de 1772.

MACAMASU (é, provavelmente, *Gueguê*) - Do Moni e do Iguara, excursionou pelo Piauí em 1697, junto com a *Macoá*.

MACAMECRÃ (*Acroá*)- Deslocou-se para o Maranhão, vinda de Parnaguá, em data incerta, como informa Cunha Lustosa. Em 1816, retornou ao Piauí. Também *Macomecrã* e *Craô*.

MACOÁ (JÊ: s/n) - Apenas referências, em Parnaguá, em 1697. Podia ser *Acroá*.

MACOAZ (*Jê*; provavelmente: s/n) - Parnaguá, junto com a *Rodeleiros*. Foi derrotada em 1698 e retirou-se para o Tocantins, onde fundou o povoado São José do Duro, com os jesuítas. Em 1690, assolou as fazendas entre o São Francisco e Parnaguá. Em 1713, foi para o Maranhão. Também *Macoazes*.

MANAJÓ (*Acroá*) - Habitava uma lagoa rica em ouro, supostamente no rio do Sono. Foi visada pelos Rego C. Branco.

MAPARU (*Acroá*, provavelmente) - Em 1765, foi ao São Francisco agindo em terras da Casa da Torre. Vieram para o Piauí pela região de Paulistana.

MARACÁ (s/i) - Sul do Piauí. Revoltou-se em 1817. Devia ser *Jê*: *Acroá*.

MARACHAS - Nome que Gabriel Soares deu aos tapuias (*Jê*) que moravam no sertão baiano, fronteira com o Piauí. Podem ter vindo a esta capitania.

MENTANZ (*Jaicó*) - Apenas referências na serra do Araripe, no século XVII. Podia ser *Cariri*: *Tremembé*. Também *Meatã*.

MIARIGOIS - Nome que os franceses, em 1640, davam aos *Tabajaras*.

MOATÃ (*Tremembé*) - Vivia na serra do Araripe, junto com a *Ubatê,* em 1697.

MOIPIRA (*Gueguê*) - Parnaíba. Em 1713 foi para o Maranhão.

MONGRUZES (*Jê*: s/n) - Parnaíba, em local não determinado, século XVII.

MUIPIRA (*Acroá*, provavelmente) - Rios Parnaíba, Gurguéia e Uruçuí. Foi para o Maranhão em 1713. Também *Muipirá* e *Muipara*.

MUIPURÁ (*Jê*: s/n) - Em 1686 suas terras foram doadas a Mafrense. Talvez fosse a mesma *Muipira*.

MUNGURU (*Jê*: s/n) - Foi objeto de corres-pondência entre o governo e a Casa da Torre, em 1723. Estava às ordens de João Dias.

NONGAZ (*Gueguê*) - Médio Parnaíba, em um seu afluente, em 1797. Vivia com a *Abetira*, *Beirtá* e *Coará*. Antropofagia não confirmada. NOROCOAGE (*Timbira*) - Vale alto do Parnaíba, no século XVII, próxima à foz do Balsas.

OCONGÁ (*Jê*: s/n) - Ibiapaba, em 1697, junto com a *Quitaiau*. Fez as pazes, junto com esta e a *Crateú*. Consta que foi aldeada por Ascenso Gago, em 1690. Podia ser *Tremembé*.

ORARIJUS (*Tremembé*) - Ibiapaba, próxima à *Tacariju*, de quem, segundo Tevet, era inimiga. Princípios do século XVII.

ORIZ (*Jê*: s/n) - Serras de Numarana e Cassucá, pacificada em 1715 por Lassos Lima. Em 1716, o padre Mascarenhas publicou "Os Orizes conquistados" onde fala a seu respeito.

PAIACU (*Gueguê*) - Baixo Parnaíba, próxima a *Tremembé*, em 1700. Em inícios do século XVIII. Moraes Navarro trucidou mais de 400 índios desta tribo. Alguns autores a dizem *Tupi*.

PAIATÁ (*Jê*, provavelmente *Gueguê*) - Em 1656, contatou com os jesuítas, mas não se entregou.

PARACATI (*Tupi,* provavelmente *Tabajara*) - Foi citada por Diniz Ribeiro. Ainda existia em 1722, segundo Moraes Durão.

PEPUXI (*Timbira*) - Vale alto do Parnaíba, nos fins do século XVII, próxima à foz do Balsas.

Digitalizado com CamScanner

PERCATI (*Acroá*) - Norte da Bahia e sul do Piauí. Em 1690 foi atacada por Carvalho e Aguiar, que a derrotou no chamado sertão das Rodelas, em seis meses de luta. Em 1718 foi atacada por Xavier de Brito. Também *Precati*.

PEYPE (*Tremembé*) - Oeste de Ibiapaba, nas proximidades da *Tacariju*, de quem era inimiga, segundo Thevet, em princípios do século XVII.

PICOLOGÉ (*Acroá*) - Sul do Maranhão e do Piauí. Foi derrotada por Dias d'Ávilla, em 1693, junto com a *Cariri*.

PIMENTEIRA (Grande nação da etnia *Caribe*). Existiu como tribo.

PINDARÉ (*Jê* s/n) - Apenas referências sem localização exata.

PIOCOBUÉ (*Timbira*) - Vale do alto do Parnaíba, nos fins do século XVII, na embocadura do Balsas.

PIRACURUCA (*Tremembé*) - Apenas referências. Existiu nos fins do século XVIII.

PITIGUAR (*Tupi*: s/n) - Possivelmente no sul do Piauí. Existia em 1790. Contra ela combateu o índio domesticado José de Sousa e Castro, em 1730.

PORCABI (*Gueguê*) - Pequena; foi destruída entre 1718 e 1723, por Xavier de Brito.

POTI (*Tremembé*) - Morava no rio Poti de sua foz às nascentes, desde o primeiro contato em 1674. Em 1712, aderiu a Mandu Ladino e lutou a seu lado até 1716. Em 1714 suas aldeias ficaram controladas por Carvalho e Aguiar. Foi um dos ramos dos *Tremembés*: os outros dois eram a *Aranhi* e a *Crateú*. Em 1811, ainda agia no Poti, em suas nascentes. Outra versão informa que veio do Rio Grande do Norte, no tempo de Rodrigues de Carvalho. Também *Puti*.

POTIGUAR (*Tupi*: s/n) - Segundo alguns autores, era uma das nações existentes no Piauí, no século XVII: as outras seriam *Gueguê*, *Timbira* e *Goijara*. Entre 1662 e 1667, andou pela Ibiapaba, com dois religiosos. Em 1664, Dias

d'Ávila prendeu 50 índios desta tribo. Fixou-se na Ibiapaba, ao lado da *Tabajara*. Devia ser a mesma tribo que era dada como *Cariri* e *Pitiguar*. Também *Petiguá*.

PRECATE (*Jê*: s/n) - Existia em 1697. Morava no Uruçuí, mas, no início do século XVIII mudou-se para os rios Poti e Piracuruca. Foi derrotada em 1701 por Dias de Siqueira, junto com a *Copenharo*, a *Curate* e a *Canapuru*. Possuía uma técnica especial para lutar: se enterravam e corriam bem abaixados, os seus índios. Também *Precatiz* e *Precati* (esta seria outra tribo).

PROCAZ (*Jê*: s/n) - Ibiapaba. Existia no século XVII e apareceu em Parnaíba. Foi pacificada por Lassos Lima, em 1715. Também *Porcaz*.

PURECRAMECRÃ (*Timbira*) - Vale alto do Parnaíba, em fins do século XVII, próxima à foz do Balsas.

QUANARÉ (s/i) - Provavelmente *Tupi*. Ibiapaba. Foi para o litoral em 1694, levada pelos jesuítas.

QUERIRIJUS (*Tremembé*) - Ibiapaba, próxima à *Tacaruju*, segundo Thevet, no século XVII.

QUIRATEÚ (*Tremembé*) - Próxima à Ibiapaba. Fez a paz com Ascenso Gago, junto com outras tribos, em 1690.

QUIRIRI (*Tremembé*) - Rio Piracuruca. Em 1699 foi combatida por Velho do Vale, nos rios Itaim e Piracuruca. Foi, depois, para a missão de Jacobina. Em 1701, habitava a ribeira do Itaim e contra ela lutou Pires de Brito. Em 1716, Dias de Siqueira a liquidou na ribeira do Itaim.

QUITAIAIU (*Tremembé*) - Ibiapaba. Fez a paz com Ascenso Gago em 1690. Em 1697, fez nova paz, junto com a *Ocongá* e a *Crateú*. Também *Quitaiaú*.

QUITAIEU (s/i) - Ibiapaba; apenas referências em meados do século XVII.

QUIXERARIU (*Jaicó*) - Araripe, fins do século XVII. Em 1725, foi combatida por Carvalho e Aguiar, junto com a *Icó* e a *Jenipapo*. Em 1726, estava às ordens do mesmo Aguiar.

Digitalizado com CamScanner

QUIXERIU (s/i) - Veio do Ceará para o Piauí, em 1726, com frei Xavier da Gouveia.

RERERIU (*Jê*: s/n)- Ibiapaba (norte). Em 1692, foi combatida. Em 1693, lutou contra a *Guaneré*. Em 1694, foi para o litoral levada pelos jesuítas. Foi combatida em 1697.

RERITU (s/i) - Apenas referências na Ibiapaba, no século XVII.

RERIUIÚ (*Tabajara*) - Entre a Ibiapaba e o litoral. Em 1693, combateu contra a *Tabajara*; a paz foi alcançada pelo padre Manoel Pedroso.

RODELA (s/i) - No alto Parnaíba, apenas referências, século XVII. Em 1674, seu principal era um índio *Cariri*, Francisco. Era da Casa da Torre e veio subindo o São Francisco. Provavelmente era *Cariri*.

RODELEIRO (*Acroá*) - Parnaguá e alto Gurgueia. Morava no sertão das Rodelas em 1698, quando foi derrotada e fugiu para o Tocantins. Voltou a Parnaguá com os jesuítas. Em 1715, foi para o Maranhão. Constituía-se de 6 reinos e pelejava com grandes rodelas feitas de craíba, além do arco e flexa. Morava junto com a *Acroá*, nas cabeceiras do Gurgueia. Em 1699, foi para o sertão das Rodelas, com outras tribos.

SACAMECRÃ (*Timbira*) - Parnaíba. Foi para o Maranhão em 1713 e voltou em 1816. Em 1827, foi de novo para o Maranhão.

SACRIABÁ (*Acroá*) - Invadiu o Piauí em 1878, pelas nascentes do Paraim.

SACURU (*Tremembé*) - Habitava o Parnaíba, em local indeterminado, no século XVII.

SERENTE (*Jê*: s/n) - Alto Parnaíba, ao sul da *Gueguê*, próximo ao Uruçuí Preto.

SUAÇUÍ (*Gueguê* ou *Timbira*) - Baixo Parnaíba. Foi combatida entre 1731 e 1733 por Silva Pereira. Ainda existia no século XVII.

SUCURU (*Tremembé*) - Apenas referências em um afluente do Parnaíba, no século XVII.

TABARARA - (Grande nação da etnia *Tupi*). Existia como tribo.

TACARIJU (provavelmente *Cariri*) - Morava no vale do Poti, a oeste da Ibiapaba. Trabalhavam em cerâmica e possuíam agricultura rudimentar. Em 1585 foi visitada por Thevet. Em 1608, os padres Pinto e Figueira escreveram sobre ela. A 12/01/1609 atacaram os dois jesuítas e mataram o padre Pinto, sob torturas. Foi atacada, por vingança, pelo *Tabajara* e foi totalmente destruída. Vivia em duas aldeias. Em 1608 deslocou-se para o Longá. Seus remanescentes ficaram, em 1718, com Coelho e Carvalho, com quem demoram até 1730. Em época desconhecida, antes disto, moraram no local Cabeça do Tapuio, que abandonaram e onde Carvalho e Aguiar construiu uma fazenda. Também *Tacuriju*, *Caraiju*, *Cacariju*, *Tujapara*; era ainda chamada de *Tapuia do Ocidente*.

TAPACÁ (*Acroá*) - Sul do Piauí: revoltou-se em 1817.

TAPACUÁ (*Acroá*) - Parnaguá. Em 1713 foi para o Maranhão. Foi derrotada, em 1788, no Parnaguá. Em 1793, sublevou-se e foi derrotada por Manoel Ribeiro Soares. Fugiu para o Maranhão. Entre 1805 e 1810, foi reduzida por Cunha Lustosa e Dias Soares. Em 1790, ameaçou Jerumenha, junto com a *Pimenteira*.

TAPACUÁ-MIRIM (*Acroá*) - Aliada da *Tapacuá*. Sublevou-se em 1793 e foi derrotada por Ribeiro Soares. Fugiu para o Tocantins. Suas malocas ficavam no Gurgueia, Uruçuí e Parnaguá. Em 1713 fugiu para o Maranhão.

TAUCURUBÁ (*Jê*: S/n) - Sul do Piauí. Apenas referências em local não identificado do rio Parnaíba, no século XVII.

TERMIMINÓ (*Jê*: s/n) Sul do Piauí. Dizia ser descendente da *Tupinambá*. Juntou-se à *Tabajara* e a *Amoipira*. Em 1713, foi para o Maranhão. Alguns a julgam *Tupi*.

Digitalizado com CamScanner

TEMEMBU (*Gueguê* ou *Timbira*) - Apenas referências na foz do Canindé do Itaueira, no século XVII.

TIMBIRA (grande nação da etnia *Jê*) - Existia como tribo.

TOBAJARA (*Tupi*: s/n) - No século XVII, junto com a *Potiguar*.

TREMEMBÉ (Grande nação da etnia *Cariri*) - Existia como tribo.

TUCURIJU - Outro nome da *Tacariju*.

TUJUPARA - Outro nome da *Tacariju*.

TUPINAÉ (*Jê*: s/n) - Tribo feroz, que no século XVII atacou e quase destruiu *Amoipira*, em data não conhecida.

TUPINAMBÁ (*Tupi*: s/n) - Veio de Pernambuco. Fixou-se no litoral, em data determinada. Deu origem a várias outras tribos.

TUPI (*Tupi*) - Viveu no litoral em data indeterminada; provavelmente na pedra do sal.

UBAJARA (s/i) - Em local ignorado, mas foi citada junto com a *Amoipira*. Devia ser *Tupi: Tabajara*.

UBATÊ (*Tremembé*) - Vivia na serra do Araripe, junto com a *Moatã*, em 1697.

UBIRAJARA (*Jê*, provavelmente *Acroá*) - Habitava Parnaguá até 1713, quando foi para o Maranhão. Combateu a *Amoipira*. Era considerada feroz e falava língua diferente.

URIRÊ (*Jê* ou *Cariri*) - Na serra do Araripe, com a *Ubatê* e a *Moatã*, em 1697.

URIÚ (*Jaicó*)- Na serra do Araripe, com a *Icó* e a *Janduiz*, no século XVII.

URUATIM (*Tremembé*). Em 1626 atacou, junto com a *Arechis*, a D. Severino, na sua passagem pelo Piauí. Na comitiva iam os padres Pinto e Belchior, que foram assassinados.

XACRIABÁ (*Gueguê*) - Sul do Piauí. Em 1750, combateu contra os Alves e foi levada para o presídio de São José do Rio Duro.

Distribuição

Etnias, Nações e Tribos

Podemos, portanto, informar que, provavelmente, a população indígena que andou pela capitania foi de, aproximadamente, 369.000 pessoas.

Tradição oral

a) *Misticismo*

Um dos principais problemas enfrentados pelos padres na catequese dos índios foi a religião. Os silvícolas, qualquer que fosse a etnia, tinham a sua própria maneira de explicar o que não entendiam. Não eram animistas. Acreditavam em um ente superior. Tinham suas lendas (Costa e Silva relaciona 53 delas). Elas variavam de tribo para tribo.

b) *Deuses*

Entre todos eles o Deus era *Tupã*, senhor de todas as terras e criador de tudo.

Os *Tupis* aceitavam a lenda dos dois irmãos que se odiavam. Um bom (*Tamendonaré*) e outro, mau (*Aricuta*) que lutavam pela terra. Em oposição a um Deus menor (*Monan*) haviam demônios (*Jurupari, Anhangá* e *Curupira*). *Caipora* era o morador maléfico da mata e *Boiatá* o fogo-fátuo. *Pagé* era o mágico e curandeiro. Outra lenda era sobre o aparecimento da noite.

Para os *Jês*, o Deus mais antigo e poderoso era *Maré*. O sol (*Mbudti*) e a lua (*Mbuduvri-Re*) deram origem aos homens, que sofriam a influência dos gênios bons (*Ipama*) e maus (*Oriutiu*).

Entre os *Aruaques*, Deus (*Endrë*) criara o homem (*Zalute*) e mulher (*Kamaikore*). O sol era *Moluituare* e a lua *Cameron*.

Digitalizado com CamScanner

Nos *Caribes*, dois gêmeos: sol (*Keri*) e lua (*Kama*) deram origem à humanidade.

Haviam tribos com conceituação diversa e que complicava o trabalho dos jesuítas.

c) *Crendices*

Os índios se deixavam influenciar por situações anômalas que deram origem ao que Clarence (1962) chamou de "mítica aquática", com seus inúmeros seres monstruosos. Muitos deles foram criados pelos sertanejos e não pelos índios, mas, hoje, é difícil dizer a origem exata. A tradição oral conservou nomes que o autor citado enumera e localiza: *Cabeça-de-Cuia* (rios Poti e Parnaíba), *Goslandariu* (rios Cajueiro e São Nicolau), *Suruquabrachim* (lagoa da Velha ou da Conceição, formada pelo rio da Prata), *Sucuruju* (brejo do Sucuruju, no Uruçuí, Poti, Parnaíba e outros), *Ekambupi* (lagoa da Salina, em Guadalupe).

Herança

Hoje, que não temos mais índios no Piauí, perguntamos: será que eles não deixaram algum traço, cultural ou não, de sua presença nesta região?

Deixaram e estão inseridos no nosso uso diário. Os exemplos são inúmeros.

Nos acidentes geográficos, os mais visíveis, aparecem nome de municípios (Aroazes, Curimatá, Gilbués, Jaicós, Itaueira, Parnaguá, Parnaíba, Piracuruca), rios (Gurgueia, Uruçuí, Paraím, Piauí, Canindé, Itaim, Poti, Longá, Surubim), lagoas (Ibiapaba, Pavaçu), serras (Ibiapaba, Araripe) e outros que se perdem no tempo e no espaço.

Na alimentação surgem aqueles oriundos da própria terra como plantas comestíveis que indicam ao branco, desde o ananás, que o padre Carvalho "descobriu" em 1694. Aí estão a mandioca (os dois tipos, com vinte e quatro variedades), o milho, a batata, o feijão, o jerimum, o amendoim,

a pimenta, o tabaco, as bananas e inúmeras outras frutíferas, como cajá, caju, mangaba, mamão e jenipapo.

A alimentação preparada é bastante variada: a farinha (dois tipos), o aipim, a tapioca, o beiju, o mingau, o milho (de onde saíram variados tipos de comida, como canjica, muncunzá, pipoca e outros). Usavam a muqueca e a paçoca, oriundos do pilão, da carne ou do peixe, misturados à farinha. Foi no cauin que o cabloco aprendeu a fazer a cajuína.

As plantas nativas, usadas ou não, são incontáveis. Moravam na região e batizavam todas as que apareciam, desde o abiu e o anajá até o urucu e o chichá.

Os animais, que abatiam na caça ou usavam de outra forma, eram conhecidos: o acauã ou a seriema, as onças (suçuapara, canguçu, suçurana, pintada ou preta), o gambá, a cotia ou o guará, o lobo brasileiro.

No vocabulário normal incluíam nome de todos os tipos com sufixos que se destacaram como açu e mirim. Surgiram caipira, embira, capoeira e mucunã.

Há necessidade de alguns interessados estudarem melhor esta imensa e variada contribuição à língua e ao linguajar da região.

"O legado mais significativo do indígena à sociedade piauiense foi sem dúvida o tipo físico – o cabloco do Piauí tem de seu antepassado dos potis, gueguês, tremembés ou pimenteiras da cabeça aos pés" (CLARENCE, 1991).

"Da mestiçagem, forjou-se uma raça potencialmente capaz de grandes realizações". (R. C. BRANCO).

Esta mestiçagem é um fato.

Iglesias (1951) conta suas andanças pelo interior do Piauí, onde arranjou um guia, que desconfiava ser mestiço. E, lá para as tantas, travou com ele o seguinte diálogo:

"Perguntei ao Zé se ele tinha parentes caboclo bravo (ameríndio), mais que depressa respondeu:

– Ó chente! Meus parente são tudo cabra maciço pegados a casco de cavalo.

Digitalizado com CamScanner

– Eu logo vi, você tem feição de caboclo bravo, de verdadeiro brasileiro. Deve orgulhar-se disso".

E diz Cunha (1902): "Os primeiros sertanistas [...] tendo suplantado em toda a linha o selvagem, depois de o dominarem escravizaram-no e captaram-no, aproveitando-lhe a índole na nova indústria que abraçavam. Veio, subsequentemente, o cruzamento inevitável. E despontou logo uma raça de curibocas puros, quase sem mescla de sangue africano. Nasciam de uma amplexo feroz de vitoriosos e vencidos".

E, apesar da afirmativa de que não há mais indígenas aqui, vale lembrar o que Palha Dias (1956) informa, como acontecido nas nascentes do Piauí onde hoje é a Cidade de Caracol:

"A expulsão e quase extermínio da indiada ali existente, teve, como uma das represálias dos bugres, o sequestro de um dos filhos mais novos do comandante José Dias, de nome Manoel Dias Soares, que tinha entre 12 e 14 anos. Este desapareceu nas matas por tanto tempo que todos o supunham morto como medida de vingança dos silvícolas contra o usurpador de suas terras.

Após mais de quarenta anos, quando ninguém o esperava mais, apareceu Manoel Dias trazendo à frente uma récua de dez ou doze filhos gerados na índia de nome Marreca, da tribo dos *Pimenteiras*. Manoel Dias não se adaptou no convívio dos parentes brancos que, por isso, o aboletaram numa de suas fazendas com todos os seus filhos e a índia mãe."

O resultado foi o aparecimento dos *Dias Marreca* que, "atualmente, se apresentam como indivíduos de inexpressivo valor social, embora dando ainda amostras das três raças de sua primitiva formação, mas em completa decadência genética". Esta terceira raça é a dos negros que moravam na região.

REFERÊNCIAS

"Se você furta de um autor é plágio,
se furta de muitos é pesquisa".
(Wilsom Wisner, *in: O simpático vigarista*, de
Alva Johnston - 1933)

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*. 2. ed. Teresina: COMEPI, 1981. 190 p.

ALMENDRA, Gayoso e Almendra. *O vale do rio Parnaíba*. Teresina: Tipografia Ribeiro, 1948. 43 p.

_____. *O vale do rio Parnaíba*. In ANAIS DO X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. Conselho Nacional de Geografia, 1952. p. 407 a 423.

BANDEIRA, Renato Luiz. *Fragmentos históricos de Paulistana*. Palmeirense, 1991. 177 p.

BAPTISTA, João Gabriel. *Geografia física do Piauí*. 2. ed. Teresina: COMEPI, 1981. 366 p.

_____. *Mapas geohistóricos*. Teresina: COMEPI, 1986. 180 p.

BRANCO, Renato Castelo. *Domingos Jorge Velho*. T. A. Queiroz, 1990. 112 p.

_____. *A conquista dos sertões de dentro*. LR Editores, 1963. 152 p.

BRITTO, Antonio Bugyja de Sousa. *Miridan* – vida doméstica, 1960. 120 p.

_____. *Zabelê* – Leitura. 1961. 104 p.

CARVALHO, Miguel. Descrição do sertão do Piauí. In: Ernesto Ennes. *Guerra dos Palmares*. Doc. 65 - 1938. p. 370 a 389.

CASTRO, Nasi. *Amarante*: folclore e memórias. [s/e - s/d]. 226 p.

Digitalizado com CamScanner

CHAVES, Pe. Joaquim Raimundo Ferreira. *O índio no solo piauiense*. Teresina: Artes gráficas, 1984. 61 p.

COSTA, Angyone. *Introdução à arquelogia brasileira*. 3. ed. Companhia Editora Nacional, 1959. 414 p.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Cronologia histórica do estado do Piauí*. 2. ed. Arte Nova, 1974. 212 p.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Círculo do Livro, [s/d]. 496 p.

DIAS, William Palha. *Caracol na história do Piauí*. Projeto Petrônio Portela, 1986. 46 p.

DURÃO, Antonio José de Moraes. Descrição da Província do Piauí. In: R. S. Mott (*Revista de História,* nº 112), 1977. p. 543 a 574.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. *O maranhão primitivo:* uma tentativa de reconstituição. Augusta, 1983. 142 p.

FIGUEIREDO, José de Lima. *Índios do Brasil*. Companhia Editora Nacional, 1939. 348 p.

FILHO, Moisés Castelo Branco. *O índio no povoamento do Piauí*. Artes Gráficas, 1984. 61 p.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. Círculo do Livro, 1988.

GROSSI, Fernando. Senhores do tempo. In: *Cultura,* nº 42, 1990. p. 27 a 30.

IGLESIAS, Francisco de Assis. *Caatingas e chapadões*. Companhia Editora Nacional, 1951. 640 p.

MACHADO, Paulo. História do Piauí: uma questão étnica. *Correio Corisco*, nº 2, 1966. p. 5.

MARANCA, Sílvia. *Estudo do índio da queimada nova*. Coleção Museu Paulista, 1976. 104 p.

MELATTI, Júlio César. *Índios do Brasil*. Editora de Brasília, 1970. 208 p.

MELO, Pe. Cláudio. *A prioridade do norte no povoamento do Piauí*. Gráfica Mendes, 1985. 82 p.

_____. *Bernardo de Carvalho*. FUFPI, 1988. 62 p.

_____. *Novas aventuras de uma sesmaria*. FUFPI, 1992. 60 p.

_____. *O mártir dos Tacarijus*. Teresina: FUFPI, 1986. 58 p.

_____. *Os primórdios da nossa história*. [s/e]. 1983. 190 p.

MOTT, Luiz R. B. A inquisição no Piauí. In: *Diário do Povo,* 29/10, 1987. p. 12 e 13.

_____. *Piauí Colonial*. Teresina: COMEPI, 1985. 142 p.

NESTURJ, M. F. Las razas humanas. *Editorial Progresso*, 1976. 132 p.

NEVES, Abdias. *O Piauí na confederação do equador*. Imprensa Nacional (RJ), 1921. 217 p.

NIMUENDAJU, Curt. *Mapa etno-histórico*. IBGE, 1981. 180 p.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Imprensa Oficial, 1965. 290 p.

O, Estevão. *Os indígenas do nordeste*. Companhia Editora Nacional, 1935. 260 p.

RIOS, Artur. *Introdução à antropologia brasileira*. Casa do Estudante do Brasil, 1951. 424 p.

SANTANA, Socorro. *Terra de Bruenque*. Projeto Petrônio Portela, 1986. 128 p.

SHEWENNAGEN, Ludwig. *Antiga história do brasil*. Imprensa Oficial, 1928. 86 p.

SILVA, Alberto da Costa e. *Lendas do índio brasileiro*. [s/d]. Tecnoprint. 140 p.

SILVA, Josias Carneiro da. *Abelheiras*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior, 1991. 233 p.

_____. *Encanto e terror das águas piauienses. Teresina:* COMEPI, 1982. 178 p.

SILVA, Maria da Penha Fonte e; PIRES, Maria Nazaré de Carvalho. *Piauí: estudos regionais do 2º grau*. [s/e, s/d]. 148 p.

SILVEIRA FILHO, José Camilo. *Pequena história do Piauí*. 2. ed. Teresina: COMEPI, 1986. 155 p.

Digitalizado com CamScanner

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Carl Friedich. *Viagem pelo Brasil*. Melhoramentos, tomo II, 1938. 332 p.

TEIXEIRA, Hindemburgo Dobal. El matador. *Correio Corisco*, nº 2, 1986. p. 6.

TEIXEIRA, R. O índio no Piauí. In: *Jornal do Piauí,* 1954, p. 1.

TITO FILHO, José de Arimathea. *Crônicas*. Sec. Estadual da Cultura, 1990. 108 p.

_____. *Governadores do Piauí*. 3. ed. 1978, 70 p.

•••

Observação: BALDUS (1968) informa que já haviam sido publicados até 1967, 2.834 obras sobre os índios do Brasil ou que a eles fizeram referências.

O Autor agradece a primorosa revisão feita pelos acadêmicos Manoel Paulo Nunes e Francisco Hardy Filho.

Este livro foi composto em fonte calibri tam. 11,5 (miolo) e swis 721 cn BT tam. 12 para os títulos; entrelinha 14,1. Dimensão padrão: 14,0 x 21,0.

Digitalizado com CamScanner